



PARA
ALÉM
DOS

Répteis



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Aventino Alfredo Agostini

Nos dias atuais, a disputa entre os homens das mesmas profissões ou de profissões diferentes evolui, em progressão geométrica e, nos poucos momentos de intervalo, quando podem respirar, buscam o prazer, como se este fosse o único objetivo de viver. A indústria que descobriu este objetivo adotou e difundiu a máxima de Freud: “A sexualidade está divorciada da sua conexão demasiado estreita com os genitais e considero-a uma função mais ampla do corpo que tem como meta final o prazer e só secundariamente serve para fins de reprodução.”

Porém, essa indústria deliberada ou inconscientemente, calou sobre uma segunda afirmação do próprio Freud: “Se vivêssemos exclusivamente para satisfazer o “Princípio de Prazer” nosso comportamento social seria inferior ao dos répteis”.

A primeira assertiva, penetrou em todos os lares do planeta, seduzindo telespectadores, ouvintes ou leitores. A segunda: jamais foi lembrada em lugar algum.

Para além dos répteis



Aventino Alfredo Agostini

Para além dos répteis

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2017

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

E-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 23/12/2016

A275p Agostini, Aventino Alfredo

Para além dos répteis [recurso eletrônico] /
Aventino Alfredo Agostini. – Passo Fundo : Projeto
Passo Fundo, 2017.

2,1 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-275-6

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Sociologia. 2. Antropologia. I. Título.

CDU: 308

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Este trabalho, é, acima de tudo, uma homenagem aos estudantes da Faculdade de Ciências da Saúde, da Universidade de Brasília (UnB), da década de 70 que acreditavam na Interdisciplinaridade, na Prevenção da Doença, na Promoção da Saúde e na Medicina de Comunidade. Estão incluídos também aqueles que não aceitavam essa orientação. Para todos Jesus Cristo não teria necessidade de dizer: *“Os tépidos eu os cuspirei da minha boca...”*

Sumário

APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO	11
I. SESSÃO ANÁTOMO-CLÍNICA	13
- O Mestre	16
- Os Estudantes	18
- Chimarrão	20
- Os Redentores.....	23
II. O PREÇO DA SUBSERVIÊNCIA.....	26
III. A HISTÓRIA CLÍNICA	28
- Prazer	43
- Conhecimento.....	46
- Agressão.....	52
- Fome.....	57
- Reprodução	62
- Trabalho.....	68
- Medo.....	75
- Afeição.....	78
- Amizade	83
V. O DIAGNÓSTICO DO PATOLOGISTA.....	87
VI. OS COMENTÁRIOS DO CO-RELATOR	103
VII. EPÍLOGO.....	131
VIII. BIBLIOGRAFIA.....	133

APRESENTAÇÃO

O professor Aventino Alfredo Agostini é um extemporâneo: alicerçado em sólidos conhecimentos de etologia e de antropologia, acredita que o homem é intrinsecamente bom. Desde seus tempos de estudante e durante toda a sua atividade universitária, tem semeado polêmicas e colhido incompreensões com um discurso contundente e prenhe de denúncias. Nesse seu novo trabalho, "PARA ALÉM DOS RÉPTEIS", propõe uma genealogia da afeição e discute as vertentes de uma nova Educação: a criança deve ser protegida dos ensinamentos vigentes que objetivam tomá-la vencedora em detrimento do instinto de preservação de um ser humano voltado para o cultivo das relações interpessoais positivas (tolerância, amor e amizade), do exercício de um trabalho humanizado e do respeito ao meio ambiente. Não é uma proposta piegas! Agostini disseca o cérebro com a perícia de um paleontólogo e descobre substratos anatômicos do desenvolvimento comportamental dos seres vivos com uma objetividade surpreendente. No livro, descreve suas idéias originais com muito humor e descontração. Manifesta suas contrariedades sem preconceitos, revelando o descalabro da Universidade, o cinismo da política do poder e o esforço da mídia em bestializar o indivíduo. É provável que, como Nietzsche, não seja lido nem compreendido por seus contemporâneos. Mas como o autor acredita que pensar independentemente de todo o ruído dos tempos atuais é o dom supremo de nossa espécie, expõe suas descobertas, cheio de otimismo. Os poucos que tiverem a felicidade de prestar atenção PARA ALÉM DOS RÉPTEIS, não permanecerão indiferentes.

Não é um livro para encabeçar a lista dos mais vendidos. Como disse Jorge Luís Borges, os escritores de verdade não procuram o êxito.

Luís Maria Cabrera Yordi (médico)

INTRODUÇÃO

Ver comodamente sentados, na frente do aparelho de televisão, a Terra girando sobre si mesma, é um privilégio que devemos, sem dúvida, ao pensamento, à inteligência e razão humanas e, sobretudo, à contribuição decisiva de Copérnico e a genialidade de Galileu...

Aprendemos com biólogos e etólogos que o objetivo de cada ser vivo de cada espécie é dominar o meio para preservar a espécie e a vida, objetivo que transformou todos os seres vivos, inclusive o homem, em rivais entre si.

Nos dias atuais, a disputa entre os homens das mesmas profissões ou de profissões diferentes evolui, em progressão geométrica e, nos poucos momentos de intervalo, quando podem respirar, buscam o prazer, como se este fosse o único objetivo de viver. A indústria que descobriu este objetivo adotou e difundiu a máxima de Freud: *“A sexualidade está divorciada da sua conexão demasiado estreita com os genitais e considero-a uma função mais ampla do corpo que tem como meta final o prazer e só secundariamente serve para fins de reprodução.”* (39)

Porém, essa indústria deliberada ou inconscientemente, calou sobre uma segunda afirmação do próprio Freud: *“Se vivêssemos exclusivamente para satisfazer o **“Princípio de Prazer”** nosso comportamento social seria inferior ao dos répteis”*.

A primeira assertiva, penetrou em todos os lares do planeta, seduzindo telespectadores, ouvintes ou leitores. A segunda: **jamais foi lembrada em lugar algum.**

Além desses fatores inegáveis, durante 2700 anos a humanidade endeusou pensamento, inteligência, consciência, razão, ética, linguagem e cultura. Entretanto, por ignorar as influências da biologia, cérebro e cultura que determinam o comportamento humano, a tragédia histórica da humanidade não poderia ser diferente.

Como espectador, mais do que ator deste palco, apesar da ação conjunta dos fatores enumerados, ousou afirmar que nenhum ser vivo ou humano é de natureza má. Demonstrar essa afirmação é um dos objetivos deste trabalho...

Para tanto, fiz um baralho de cartas com os objetivos primitivos dos seres vivos e humanos, aliados aos deuses que construíram a cultura e atirei as cartas sobre a mesa: elas foram sinceras e demonstraram que a propalada evolução do homem não passa de uma tragédia progressiva: os hominídeos primitivos praticavam genocídio. A partir da agricultura, acrescentaram ao genocídio, escravidão do homem e do animal. E a partir da Era Industrial, aos dois primeiros, o homem “civilizado”, acrescentou a **predação ambiental**. Ao

juntar novamente as cartas, acrescentei duas propriedades cerebrais: uma do paleomamífero e outra, do neocortex cerebral, eternamente sufocadas pela cultura. Atirei novamente as cartas sobre a mesa, com a certeza de que elas me apontariam um novo caminho. E o fizeram...

Não faço aposta porque conheço o baralho, o jogo e dei as cartas. Porém seria desonesto se não revelasse o resultado: segundo meu baralho, o homem substituirá os objetivos de vencer e obter prazer, pelos objetivos de conviver e amar...

I. SESSÃO ANÁTOMO-CLÍNICA

Estavam na escola daquela época: a indolência baiana, a seca nordestina, a febre paulista, o churrasco dos pampas, o carnaval carioca, os mineiros sentados em cima do muro, os goianos cansados e os alienígenas de outros estados brasileiros, um conjunto de desamparados querendo esquecer o estigma de deserdados e saciar a sede de liberdade nas águas cristalinas da capital que nascia...

Luís Carlos, um destes brasileiros que lá estavam, acordou de madrugada. Levantou, entrou no banheiro sem abrir a porta, e saiu sem perceber durante o banho, se a água estava fria ou quente e depois se estava enxuto ou molhado e também não sentiu qualquer ardência ao fazer a barba. Vestiu bermuclas, camisa de mangas curtas, calçou os tênis, desceu as escadas como se não tivessem degraus, entrou no carro e arrancou, rumando para o galpão do mestre Válter sem perceber, na estrada de chão, qualquer solavanco.

A pressa justificava: fora escolhido para ser co-relator de uma sessão anátomo-clínica, para ele, a melhor das aulas, em que os professores indicados, eram o que havia de melhor na faculdade de Medicina para enfrentar as dificuldades diagnosticas de casos selecionados, considerados difíceis para serem elucidados. Ele era uma das figuras centrais do evento...

A sessão era importante porque revelava se o trabalho dos alunos residentes e dos professores era excelente, ou medíocre, ou que deixasse a desejar. Durante a reunião, ficavam expostas também, as deficiências ou os destaques do atendimento hospitalar e se houvesse dificuldades para bem conduzir o tratamento dos pacientes, os obstáculos eram identificados e apontadas as soluções, tudo com o objetivo de aperfeiçoar o ensino médico e a organização hospitalar...

Participavam do encontro os chefes das disciplinas do currículo médico, as direções da faculdade e do hospital, os docentes e os discentes dos últimos anos da faculdade.

A sessão consistia da história de um paciente hospitalizado que apesar do tratamento, evoluía para o êxito letal. Geral mente, os casos apresentados eram de pacientes que, no período de internação, apresentavam sérias dificuldades diagnosticas, ou como acontecia em determinados casos, os pacientes faleciam sem diagnóstico definitivo. Nesse caso, a necropsia (exame posterior à morte) era imprescindível para a elucidação diagnostica. Entretanto, para que tal elucidação fosse efetuada era indispensável a permissão dos familiares ou do responsável pelo paciente. Por incrível que pareça, os argumentos que induziam os familiares a aceitar este método diagnóstico era

a sinceridade do médico responsável pela enfermaria onde os pacientes estavam hospitalizados. Este internista confessava aos familiares ou responsáveis a limitação da ciência médica. Dizia aos mesmos que não fora possível estabelecer um diagnóstico preciso em vida e outros pacientes, com quadro clínico semelhante, poderiam ser beneficiados quando apresentassem sintomas clínicos similares, se o paciente em óbito fosse necropsiado...

Durante a necropsia, todos os órgãos eram examinados e descritos e as lesões principais, fotografadas. Todos os órgãos e tecidos eram também estudados com o microscópio e fotografadas igualmente as lesões microscópicas.

Nos casos de uma sessão anátomo-clínica, deveriam constar, obrigatoriamente, da história clínica, exame físico dos pacientes, exames complementares laboratoriais solicitados que poderiam contribuir para o diagnóstico, terapêutica aplicada e a evolução da doença até o dia do óbito...

O personagem central da reunião era o relator, escolhido por consenso dos organizadores. Geralmente era indicado um professor da faculdade que apresentasse duas condições:

- a) não soubesse do diagnóstico das lesões reveladas pela necropsia;
- b) o docente escolhido deveria ser de reconhecida capacidade didático-profissional.

Na mesa, além das direções do hospital e da escola, estavam o relator que tentava elaborar um diagnóstico preciso da doença através da história do paciente, o patologista que descrevia as lesões anatômicas encontradas na necropsia e o co-relator. Este era um clínico que conhecia a história do paciente e também as lesões reveladas pela necropsia. Fazia a co-relação entre os sintomas e as lesões. Se fosse necessário, demonstrava qual a conduta que poderia ser adotada em novos casos semelhantes e, se possível, orientava para prevenir a doença...

A conduta adotada para a orientação dos pacientes era da responsabilidade dos professores, geralmente, os chefes das disciplinas do currículo hospitalar, que trabalhavam nas enfermarias. A responsabilidade de documentar por escrito a história e o exame físico dos pacientes internados, era dos estudantes de medicina, obrigados também a anotar o resultado dos exames solicitados, o diagnóstico definitivo ou o mais provável. Era ainda, obrigação dos estudantes de Medicina, documentar a evolução diária dos pacientes depois de estabelecido o diagnóstico e tratamento, até o dia da alta ou do óbito.

Excepcionalmente, como nesta sessão, a história era documentada num dos ambulatórios de clínica médica da faculdade recém-nascida.

Não esquecer que esta sessão anátomo-clínica é especial porque foi organizada pelos estudantes e foram escolhidos três relatores: dois estudantes e o mestre Válder, um clínico geral, considerado modelo de profissional médico. Para garantir a ordem dos trabalhos, foi convidado o professor de patologia rigoroso ou inflexível na orientação dos alunos.

O local também era exceção, porque não estava nos limites do território da Universidade, e para os alunos não serem prejudicados nas atividades curriculares, escolheram o feri adão da Páscoa. Os trabalhos começariam às 9 horas da manhã de quinta-feira e não havia prazo para terminar.

Não é necessário enfatizar que, nessa história, tudo é fictício como a realidade da matéria que não passa de uma abstração de nossos sentidos ou de uma estrutura, feita de inter-relações aleatórias, concorrentes, improváveis, ou desconhecidas, como se este universo fosse uma probabilidade de existência, onde nada do que escrevemos e vemos é absolutamente fictício ou absolutamente verdadeiro...

- O Mestre

O mestre Válter era adulto só na aparência. Vivia neste inundo como se fosse criança, acreditando que as feras do circo daquela faculdade deveriam ser domesticadas pelas crianças do milênio de Aquário... Costumava afirmar, que se voltasse para recomeçar, talvez não saísse do jardim da infância...

Inteligente, preferia a ideologia anarquista. Entretanto, nos anos de 1970, no Brasil, quem fosse nacionalista e anarquista, não era tolerado nem pela direita nem pela esquerda e, por essa razão, o mestre foi denunciado como comunista, por desafetos não atormentados pela inteligência.

Alcoolista, nos últimos 30 anos, cultivava também os vícios do chimarrão, e do cigarro. Como apresentava sintomas de miocardiopatia alcoólica, foi aconselhado a viver com dois vícios, razão pela qual abandonou o chimarrão.

Confessava que estaria aprendendo a viver pelo prazer de viver, abandonando progressiva mente o convívio social, optando pelo rancho situado à beira do rio, onde, costumava pescar... e alguma coisa como se fosse o *movimento liberador inato*¹, lhe ensinava sobre a inutilidade da paz... que não existiria nem nos cemitérios porque a vida morre quando está em paz... e a morte a ressuscita sem paz...

Argumentava, ao justificar o retiro, que o comportamento humano era incoerente e ele talvez tenha contribuído, no interior da faculdade, para o desenvolvimento de uma nova fase de barbárie humana. Afastado, a consciência não o maltratava, porque ainda sentia afeição pelos pacientes e buscava um caminho melhor e mais suave para o deambular da humanidade. O bosque e o rolar das águas do rio lhe amenizavam a angústia que sentia navegando no barco da civilização ocidental que questionava. ..

Apesar de excelente clínico geral, confessava ter perdido, nos últimos anos, a devoção pela ciência. As novas descobertas, rapidamente, eram ultrapassadas, razão pela qual, obstinadamente, mantinha um relacionamento com os pacientes como o “médico de família” costumava fazer. ..

Profissional responsável, nunca imaginou ter uma “clínica particular”, dedicando atenção especial aos pacientes portadores de tuberculose, que o procuravam no “Posto de Saúde” - sem condições financeiras para custeio do tratamento e honorários médicos. Despreocupado com as “finanças”, apesar de ter exercido a profissão durante 35 anos, ainda morava num apartamento

¹ Tal expressão designa uma articulação cerebral inconsciente. Ou seja, ela ocorre sem qualquer interferência voluntária do indivíduo. No texto ela exerce uma função metafórica quando indivíduo fala da paz.

de propriedade do irmão. Ao que parece, não ganhava o suficiente para pagar aluguel. Ninguém nunca viu o professor Válder com carro novo...

Como orientador era avesso a demonstrações teóricas. Preferia examinar os doentes na presença dos discípulos. Metódico e disciplinado, ouvia as queixas dos pacientes sem interrupções, anotando inicialmente nome, idade, ambiente familiar, social e atividades profissionais. Depois da história e do exame físico, procurava relacionar as possíveis lesões da doença com os sintomas e, por essas razões, frequentava regularmente as dependências laboratoriais da disciplina de Anatomia Patológica e talvez tenha inclusive colaborado para “domesticar” o Patologista que coordenaria os trabalhos da sessão programada para o feriadão daquela semana santa...

Evidente que, apesar do método e da capacidade profissional, nem sempre conseguia elucidar o diagnóstico. Reconhecia a própria limitação e quando não conseguia este objetivo, confessava, “não sei”, “vou estudar o caso”, “é compatível com”. Nessas circunstâncias o mestre observava:

— Não me lembro de caso semelhante. Não me lembro de ter lido que alguma doença pudesse assim manifestar-se, mas farei o possível para elucidar essa história...

Obsessivo, mantinha conduta uniforme, procurando inserir sempre o paciente, no mundo físico, biológico e social justificando:

— Todos os pacientes adultos, como qualquer um de nós, jamais conseguem saber se o caminho que escolheram para viver a vida foi o melhor. Por isso, a história da doença dos pacientes pode começar nas encruzilhadas ou pelos atalhos da vida. Quando o inesperado acontece, a doença se manifesta...

Os predicados acima mencionados, sem dúvida, contribuíram decisivamente para que o mestre Válder conquistasse a confiança e o respeito dos alunos.

- Os Estudantes

Luís Carlos, o estudante escolhido como co-relator pelos colegas poderia ser considerado responsável» Como todos nós, educado para vencer, exercia as atividades acadêmicas como quem deseja ser um profissional competente e respeitável. Excêntrico e idealista, sempre procurava evitar os aglomerados turbulentos, porém, extremamente educado e ético, convivia pacificamente com os colegas. Religioso e sonhador, guardava alguns preceitos da Igreja Católica como deveres intransferíveis, como por exemplo, amar o próximo como a si mesmo e, se possível, casar sem ter relações sexuais antes da benção religiosa... Acreditava-se democrata, razão pela qual não era bem tolerado por comunistas e capitalistas e, muito menos, pelos professores de comportamento fascista. Mal interpretado, porque era também nacionalista, a ignorância política dos bajuladores da ditadura militar considerava-o como subversivo, “feroz nocivo” ao bem comum. Não tolerava, é verdade, o regime militar brasileiro de 1964 que, segundo ele, governava o país submetido aos interesses econômicos norte-americanos.

Os colegas eram bem mais agressivos. Além de não tolerarem o governo militar, consideravam burguesa a classe média ou os abastados e referiam-se aos próprios pais como velhos quadrados.

Com raras exceções, todos eram amantes da instituição que frequentavam e haviam adquirido a consciência de que tinham o direito e também o dever de participar da construção da mesma... Contribuíam com os objetivos da escola e, orgulhosamente, participavam, com entusiasmo, das ações de Saúde Pública que se faziam na comunidade urbana e na região de influência do hospital universitário. Identificavam-se com o mestre e o patologista que eram, na época, intransigentes na implantação da Interdisciplinidade e estimulavam a Medicina Preventiva, a Promoção da Saúde e a Medicina da Comunidade. Durante as provas, os alunos dessa escola consideravam-se idôneos ou pretendiam sê-los, e por essa razão, durante as provas, era proibida a presença do professor na sala, sob o pretexto de que os orientadores não poderiam usar os olhos de policiais ou juízes... As provas eram corrigidas pelos representantes da turma com o gabarito de acertos ou erros elaborado pelos professores. Se um grupo significativo da turma errasse determinada questão, consideravam-se duas hipóteses: ou a pergunta não era clara e, portanto, mal formulada, ou o orientador não explicara o assunto devidamente e a pergunta era então anulada. No final de cada disciplina, os alunos também avaliavam a competência didática do corpo docente, e o quanto a disciplina fora útil para o exercício da profissão.

Alguns poderiam perguntar por que razão o local para fazer uma sessão anátomo-clínica teria sido escolhido um rancho à beira de um rio e durante um feriadão. Imagino que uma das razões dos estudantes teria sido as

afirmações do patologista que costumava dizer que universidade é qualquer lugar onde todos respeitam, em si e nos outros, o valor insubstituível de cada um e todos se auxiliam na busca da verdade que estará eternamente a um passo de nós. Talvez existisse um motivo a mais, o desejo de transformar o aprendizado numa modalidade de conquista de prazer, como ensinava Ronald Barthes: “Decidamos falar de erotismo sempre que o desejo tem um objeto. Aqui, os objetos são múltiplos, móveis... passantes... são pedaços de saber, sonhos de métodos, pontas de frase... tudo o que forma o ornato de uma comunidade... Algo se difunde, circula. Tão próximo talvez... esse leve erotismo derrete, descola o saber, aligera-o de seu peso de enunciados; faz dele, precisamente, uma enunciação e funciona como garantia textual do trabalho” (18). Aqueles estudantes pretendiam que conhecimento e prazer estivessem associados...

Apesar desse entusiasmo acadêmico, sabiam que o comportamento cultural de grande número de professores era ainda excessivamente preconceituoso. Isso sem falar de alguns excêntricos que, nas ações, eram atormentados por uma sucessão de idéias incontroláveis, que não se enquadravam nem na loucura nem na esquizofrenia. Esses professores, “conscientes da própria grandeza”, consideravam a faculdade recém-nascida de indigna do saber que se atribuíam...

- Chimarrão

Ao chegar ao rancho, o professor o cumprimentou com um liso de conhaque, e para o desjejum, ofereceu-lhe queijo e azeite de oliva para não deixar que o álcool chegasse com muita pressa ao interior dos centros cerebrais: mestre e discípulo acreditavam que o álcool dissolvido no azeite não seria prontamente absorvido pela mucosa intestinal...

Depois de um trago, o estudante perguntou:

— E o chimarrão?

O mestre apontou para a cuia abandonada na prateleira e desculpou-se como gaúcho rebenqueado:

— Aconselho médico, abandonei o chimarrão. Claro! Da erva e, principalmente, da cuia que me foi fiel, tenho saudade. Afinal, vivemos juntos 40 anos. Não lembro de onde veio. Talvez do vale do Uruguai. Mas, com certeza, nasceu de semente plantada por mãos rudes, calejadas e curtidas pelo sol, que a depositaram no solo... Vingou de certeza quando o astro “de raios fúlgidos” iluminou minha consciência de gaúcho e brasileiro e incendiou “meu peito juvenil”... e dela me apossei para moldá-la a meus caprichos: Conheci-a desde pequena, rústica e brava, pródiga e castiça como devem ser as fêmeas de raça. Delicada, apesar de ideal no metro dos peitos, de cintura e de bacia, refletia bem adornada a cor caramelada da mulher morena, macia como o olhar e a pele das felinas. Com ela fui, às vezes, grosseiro, irreverente, egoísta e rude. Porém como a mulher que me amou, perdoou eternamente minha incúria e indiferença, sentimento que mutila ou perverte mesmo o próprio esquecimento. Quantas vezes desta cuia recebi lições através do silêncio, senhor da sabedoria, que emerge das águas profundas de um mate calado, como a boca que se fecha para calar ofensa inútil ou para calar conselho supérfluo. Nos beijos que saciavam minha sede, suguei-lhe tantas vezes a alma quantas vezes necessárias para ressuscitar a minha, se morresse por paixões traiçoeiras. Vezes sem conta, suguei-lhe todo o conteúdo e saciado, abandonava-a nas madrugadas, deixando-a vazia e emborcada. Ela, mesmo assim, para abrandar minha dor de amante solitário, matreira, mostrava-me os assentos que irradiavam calor de amor ardente que me devorava. Convencia-me sem qualquer palavra. Dela me reaproximava e novamente com ela namorava. Alegre não se incomodava se lhe passasse a mão desavergonhada. Com perdão, sorria sem pejo e se despia para me mostrar o botão umbilical que não existia: era uma pequena mentira para manter viva a percepção dos meus sentidos. Essa rotina me desencadeava um prazer septicêmico contaminando o corpo inteiro e, juntos, libávamos com volúpia, de fazer inveja aos capetas. Quembrins afoitos, sugavam da nossa superfície corporal suor para adocicar o céu, assim nos diziam, e dos céus também desciam até nós,

deuses desconhecidos pelos homens que velavam nossos sonhos. Lágrimas dos nossos olhos também verteram como a chuva torrencial de nuvens passageiras que sobre a terra despejam as ilusões que perpetuam a esperança dos homens, e sob o olhar cristalino dos olhos dessa cuia, desfilaram imagens de virgens que se perderam santificadas pelo prazer do amor. Quantas vezes, ela e eu, entrelaçados, descobrimos a fantástica aventura de viver e de amar. Hoje, na prateleira aposentada, a tomo e a deposito nos meus abraços e se tenho o tremor dos velhos, ela sorri e me diz que já não tenho o mesmo poder de arranque. No entrevero das carícias, lembramos os dias e as noites eternas, quando nus, como adolescentes, rolávamos na relva, na cama, no rio e na doce lama do pecado, como faz a juventude pelas paredes como os quadros eróticos de um Picasso... vendo estrelas coloridas com a fúria multicolor de Van Gogh... Quantas vezes os horizontes sobre nós se debruçavam e copiavam nosso amor para leva-lo como exemplo para continentes além do mar (esse planeta é erótico e gerador de amantes)... Dormíamos sob a custódia da fantasia que sonhava inventar paraísos pela terra inteira para crianças brincar de roda, na roda de amigos que eternamente amamos. Crescemos juntos e, adultos, descobrimos, um novo mundo infantil onde crianças ou bonecas ou pequenas cabritas aninhadas falavam e riam de nós como iniciados tresloucados. Crianças, bonecas ou cabritas fazendo cambalhotas e recém-nascidas já pulavam a cerca para ensinar doutores. Mal acordados, ou de olhos apenas entreabertos ou enfurnados não sabíamos se no mundo existiam entrelaçadas, bonecas, cabritas ou crianças amedrontadas... Pareciam fugir da floresta humana, como se os adultos fossem filhos de bruxas malvadas. Juntos, descobrimos crianças ou cabritas ou bonecas que não fazem nem pedem favores e também não perdoam pecados, porque crianças, cabritas e bonecas não sabem pecar. Enfim, crianças ou cabritas ou bonecas recém-nascidas, com cauda equina, medula, bulbo, ponte cerebral e hipotálamo onde habitam os sublimes e **eternos instintos que não sabem ser maus, nem conhecem o bem, mas suportam com estoicismo a emergência da afeição dos mamíferos, amizade e amor neocorticais dos hominidas...** Crianças que nos faziam temer o devir e talvez esperassem de nós um horizonte para, quando fossem adultas, amar.

— Professor! Interrompeu o discípulo. Mais um trago de conhaque para louvar o chimarrão, presente da Lua que faz amigos!

O mestre, além de aceitar a oferta, perguntou:

— Vem cá, tchê! Teus amigos vêm discutir o caso? O patologista que não tem tempo nem para dormir já está esperando a turma...

— Prometeram e estarão aqui na hora marcada...

— E aprenderemos, respondeu o mestre, com os estudantes como orientar os filhos dos hominidas, sem deixar a consciência empalhada, a inteligência a serviço dos sociopatas, o pensamento transviado, a razão

desvairada e a ética pandorgada. Não esquecer! Hoje é Quinta-feira Santa e devemos deixar as elites de banda. Com as asas da fantasia, chegaremos a Luanda para examinar, de perto, as origens do Universo e da Vida e o cromossoma matricial africano que gerou o homem, o pai dos deuses. Começar pelas origens talvez seja o melhor caminho para nos aproximar da verdade. O andar só para a frente e buscá-la, possivelmente dela nos afastaria. De certeza, concluiremos que promover a vida, e fazer profilaxia dos distúrbios do comportamento é melhor que remediar.

- Os Redentores

Como se pressentissem que poderia faltar “combustível” para o almoço, sem comentários, o mestre e o discípulo Luís Carlos entraram no carro e rodaram até encontrar uma venda de beira de estrada que reabastece os trabalhadores do mundo civilizado.

Entraram e ocuparam uma das mesas. A maioria dos fregueses eram caminhoneiros que paravam para reabastecer a máquina com cerveja gelada para resfriar o motor e compensar a desidratação determinada pelo suor. Muitos ali haviam pernoitado prometendo fidelidade às esposas, no colo das mariposas, que viviam algumas horas para mitigar a sede de amor dos viajantes.

Iluminados pela cor vermelha indiferente à “politicaria”, perguntavam por qué eram caminhoneiros, se o transporte ferroviário era talvez mais eficaz para que os produtos elaborados alcançassem os quatro cantos brasileiros...

Uns chegavam. Outros partiam, como os homens que almejavam o futuro ou os velhos que gostariam de voltar, recomeçar, como se a história da tragédia humana na cultura de vencer fosse terminar, liquidando com os inimigos da própria tribo...

Mestre e discípulos estavam tranquilos, escrevendo a relação das provisões e das bebidas que pretendiam levar para o rancho, quando entrou um homem com ares de agente do FBI brasileiro. Aproximou-se dos dois e perguntou como convém a alguém que pretende ter o faro de um cão policial:

— Bom dia!

— Bom dia! responderam os dois surpresos. Senta por favor! solicitou o mestre.

— Não posso, tenho pressa e vou logo para o assunto! O senhor é professor. Este rapazola é discípulo e de vocês exala o cheiro que vem de um rancho dessas redondezas. Soube por um telefonema anônimo que, por essas bandas, está havendo uma festa que foi programada no recinto da universidade, da qual também gostaria participar. Foi organizada pelos estudantes, mas depois chegaram também uma porção de garotas para fazer a “comida” e “lavar a louça”...

O mestre mentiu impassível:

— Até aqui tudo certo. Também gostaria de participar da festa. Mas, chegamos tarde. Meus vizinhos me disseram que os baderneiros rumaram para Nova Bréscia (RS).

— Para a terra dos churrasqueiras assistir ao Festival da Mentira?

— Fosse isso seria até perdoável. Mas, no jornal da Capital, leram uma notícia que lhes transtornou a cabeça ou o cérebro, se é que aqueles subversivos tem alguma coisa abaixo da calota craniana.

— Mas que notícia? Estava escrita na calota? Perguntou o justiceiro com ares de intelectual.

O mestre continuou convincente:

— AUNB, ou Universidade de Nova Bréscia, estava oferecendo aos estudantes, oportunidade de fazerem um novo vestibular. Essa universidade estava preparando, com títulos de doutor no final do curso, práticos em ciências exatas e humanísticas. Entre os diplomados, depois de seis anos de curso, estariam os médicos, melhor, práticos em medicina. Como esses estudantes foram educados para vencer, acreditam que poderão cumprir com os nobres objetivos desta educação que receberam desde a infância. Depois da sodomia e para demonstrar publicamente a importância da liberdade sexual da mulher terão, o direito de participar de um simpósio.

— E onde fica essa forma de baderna ou simpósio para estabelecer no Brasil um regime comunista e a liberdade da mulher?

— O simpósio é um lugar secreto localizado no centro da praça. Dizem que lá estarão presentes os chefes tribais do planeta Terra 293. Esses chefes chegaram a conclusão de que se não houver como fazer a Profilaxia dos Distúrbios do Comportamento, o conjunto de doenças dessa natureza poderá determinar o desaparecimento dos etês que habitam num planeta que gira ao redor de um sol do Grupo Local das Galáxias...

— Dos etês? São gaúchos de Passo Fundo? O Grupo Local das Galáxias fica na periferia da cidade?

— Sim!

— Já sei! respondeu aquele civilizado revolucionário de 64. Se não me engano, esse clube de marginais foi construído no bairro Santa Marta da cidade de Passo Fundo, onde o relativo supera de longe a teoria da relatividade, e o ângulo reto ferve a noventa graus. Essa turma de estudantes vai pagar caro, e os líderes serão embarcados em aviões, jogados na Serra do Mar para recuperarem a Mata Atlântica...

— Por isso, o senhor deve marchar agora contra aquela universidade que ensina não discriminar as diferentes profissões e orienta também que roubar dinheiro público não pode ser prevaricação ou improbidade administrativa. Ensina também que os cães e os iraquianos não estão errados: os cães porque delimitam o território com urina, não permitem que outro cão entre no território deles para urinar como se fosse dono. E os iraquianos, que parecem ser descendentes das civilizações mais antigas do mundo ou dos mamíferos, aprenderam com os cães: porque urinam no Iraque, acreditam que

a terra do Iraque e o petróleo que tem por baixo é deles também. Tal forma de terror canino e iraquiano não pode continuar. Professores e alunos daquela universidade devem ver o sol nascer quadrado gozando os prazeres do cavalo-de-pau... e sofrer as recomendações de Dan Mitrione, aquele professor de tortura norte-americano que foi morto pelos tupamaros uruguaios... depois de ensinar no Brasil...

Ao ouvir aquelas afirmações, Luís Carlos ficou de olhos arregalados, pois jamais poderia imaginar que o mestre pudesse ser tão sarcástico, apesar da extrema seriedade que demonstrava...

O revolucionário do poder civil sentiu-se orgulhoso e também mal educado, sequer se despediu...

Aliviados pela decisão do missionário, através da janela do armazém, viram aquele homem com características de militar prussiano, arrebanhar ovelhas e carneiros e armado até os dentes, rumou para invadir a UNB.

Cinquenta anos depois, no jornal daquela metrópole cultural reproduzia uma notícia dos anos 70:

“O comandante com o exército de ovelhas e canteiros sitiou a cidade que, aos domingos, tinha a população de Bagdá. Da torre da televisão que fica no alto de um dos monos que envolvem o buraco da cidade, viu com o binóculo a faixa que conclamava a população para assistirem ao simpósio sobre profilaxia dos distúrbios do comportamento, doenças que poderiam determinar o desaparecimento dos etês do planeta 293... Concluindo que ali estavam também os estudantes e professores e todos os baderneiros e comunistas do país, mandou apontar as canhoneiras. Já estava para mandar bombardear a feiraria (que produzia as armas de destruição das massas como garfos, colheres, a terrível “cortelina”² e raladores de queijo) com “margaridas”,³ quando sentiu uma dor retroesternal súbita que se irradiava para a região cervical externa (pescoço), ombro e face interna do braço esquerdo. Ficou cianótico (azul) como a cor do paraíso que deste a infância almejava. Transtornado, pelo enfarte do miocárdio, ouviu dos anjos da Igreja de Pedra da cidade, o som das trombetas que anunciavam o fim do mundo. Desesperado entrou num armazém que também vendia de tudo. Comprou alguns metros de fumo crioulo do bom, bem preto e bem “melado”, cultivado com muito veneno e fez uma corda. Enrolou-a no pescoço e fez o nó que não falha. Para morrer iluminado, enforcou-se no primeiro poste de luz que encontrou...

Suicidou-se, porque ao respirar o ar inteligente daquela cidade descobriu o trabalho inútil que fazia...”

² Expressão oriundo dialeto italiano que significa faca de mesa com pouco ou nada de fio.

³ Bomba de fragmentação que tudo destrói num diâmetro de 1km.

II. O PREÇO DA SUBSERVIÊNCIA

Ao voltarem das compras, no rancho, tudo parecia estar bem, quando chegou, de automóvel, um grupo de universitárias. Mal estacionaram, desceram dos carros como se estivessem preparadas para um assalto. Apesar do espanto dos professores, os alunos não esconderam nem a alegria nem o entusiasmo. Tudo teria sido planejado... Eram meninas prendadas, inteligentes e não seria necessário dizer que o desempenho universitário das mesmas estivesse acima da média...

Ninguém sabe como a revolução sexual norte-americana se infiltrou na cabeça daquelas universitárias. Teria entrado pelas orelhas ou pelo visual? Foi encomendada ou foi introduzida pela CIA democrática que, através das elites e quartéis latino-americanos, acabou com as democracias do Brasil, da Argentina, do Uruguai e do Chile?

Naquele dia, os pais daquelas filhas exemplares nos estudos jamais poderiam imaginar que elas estariam num rancho, à beira de um rio. Apenas o bosque, com algumas árvores majestosas, poderia impedir que os princípios da Família das Alterosas, fossem resguardados... mas permaneceram caladas.

Apesar de bem recebidas, não se comportavam como convidadas. Misturaram-se com estudantes e professores sem imaginar que no grupo havia alunos profissionais e um professor que dedava colegas ou discentes como "subversivos". O calor do fogo e o dia ensolarado começaram a conspirar contra a seriedade da discussão do caso. Aos poucos, "contribuição do vinho que continha a verdade da sabedoria dos deuses começou a liberar testosterona, estrógenos e progesterona que, progressivamente, assenhoravam-se das áreas cerebrais responsáveis pela emergência do comportamento. A beleza e os apetrechos femininos que não eram poucos, diria até inumeráveis, despertavam o maestro paleoencefálico que ordena ao vivo perpetuar a espécie. Os vestidos tradicionais haviam sido substituídos por blusas leves que sugeriam seios voluptuosos. As calajustadas até os tornozelos... também estimulavam o erotismo dos Presentes... Em nome da revolução, os namorados desfizeram o namoro até aquelas que coabitavam como se fossem casadas, desfizeram os compromissos de fidelidade. Os preceitos da sociobiologia-moderna, secundo a qual a fêmea mamífera e humana concede favores ao macho que mais lhe parece competente para proteger as crias, foram abandonados. As meninas escolheram quem lhes despertasse as vísceras, porque ali ninguém pretendia solicitar o trabalho da cegonha. Talvez fosse essa a razão para que o olhar daquelas hominidas se assemelhava ao olhar penetrante da águia que, do alto dos céus, descobre a presa para satisfazer riu a fome ou o prazer da caça. No acampamento hastearam o estandarte ' evolucionário: "Pela Igualdade e Liberdade Sexual da Mulher".

Quando o professor visitante (que havia engessado a dedo indicador para servir o novo poder ditatorial estabelecido), pressentiu que haveria uma batalha campal entre os sexos, tentou protestar reclamando o abuso daquelas estudantes que usavam calças compridas. Um dos estudantes perguntou desaforado ao iluminado:

— Preferi as que estivessem nuas?

O professor que pretendia ser médico de ministros, deputados e Senadores da república e, sorratamente, tramava contra o tempo integral a dedicação exclusiva dos professores da faculdade e nunca demonstrou interesse pela Filosofia de ensino da escola, não se conteve. Indignado, especialista e inimigo declarado da nova modalidade de ensino médico que nascia e florescia, comentou com um “estudante profissional”:

— Este ambiente é o retrato falado do comportamento universitário norte-americano infestado por uma nova geração de professores, como os presentes... Não sabia que esses também tramavam contra a moral da família e promoviam, nas quatro paredes da escola, o pecado da luxúria que desintegrou o Império Romano. A ditadura capitalista do Brasil democrático e do Fundo Monetário Internacional deverão intervir...

Não suportando a idéia do que poderia acontecer, vivendo o eterno conflito da civilização ocidental que ainda não se decidiu como fazer com as atividades da reprodução da espécie e a pulsão biológica do prazer, voltou ao abrigo da família.

Desarvorado, jantou vestido com a toga do poder. Mas, durante a janta, a imagem sensual das acadêmicas que estavam no acampamento não lhe permitia saber se a janta estava servida sobre a mesa, ou entre os seios da mulher ou entre os seios das estudantes. Excitado, levantou. Arrastou a mulher para o quarto. Arrapcou o quadro da Sagrada Família que estava dependurado sobre a cabeceira da cama. Sem palavras, possuiu a mulher com fúria, como não fazia desde o tempo de solteiro, quando defendia a liberdade sexual para a avó, a sogra, a mãe, a mulher, a irmã, a prima, a filha e a noiva dos outros, como faziam alguns analistas e psicólogos...

Como o poder sabia da existência desses profissionais, o salário dos professores universitários federais foi progressivamente aviltado. Hoje, essa classe já não sabe se pertence à classe dos pobres ou à classe dos marginalizados... fato lamentável, não fosse perversidade.

III. A HISTÓRIA CLÍNICA

Ninguém percebeu que o professor com o dedo engessado havia anotado o nome dos “líderes baderneiros”. Como sequer havia sido convidado, os alunos também não perceberam que havia partido.

Preocupado com a disciplina dos trabalhos, o patologista determinou que a mesa fosse ocupada pelos relatores (02 estudantes), o professor Válter e o co-relator. Imediatamente distribuiu a história clínica que não era convencional. Parecia ter sido gravada:

— Nome?

— Camela de Esopo.

— Idade?

— Dois mil e setecentos ou dois mil e setecentos e cinqüenta anos... Não lembro...

— Profissão?

— Transportadora.

— Casada?

— Nem solteira. Tive amantes ocasionais...

— Sinta-se à vontade. Neste consultório, quem manda é a paciente, isto é, a senhora...

— Autoritário ou demagogo como o governo federal!

Tentou corrigir:

— Olhando melhor, o senhor não tem aspecto de comerciante como o executivo nacional.

— A senhora está falando de quem?

— Do poder que está atrás de um balcão de negócios, vendendo aquilo que nunca lhe pertenceu, comprando o que não pode pagar e reclamando da classe média e assalariados que consomem energia elétrica nos dias em que não chove...

— Está faltando luz no bairro onde mora? A senhora pertence a um partido político?

— Por partes! Primeiro, falta luz nos que imaginam que vivemos numa democracia. Segundo, não sou política, nem pertenço a qualquer partido. Sou transportadora, como já respondi, porém estou procurando abnegados ou companheiros...

— Encontrei alguém?

- Sim!
- Quem!
- Meu Id, Ego e Superego...

Para não transformar a consulta em comício e ouvir mais uma plataforma política inútil, Luís Carlos polidamente interrompeu:

— Porque vieste?

— Porque estava atravessando “um rio de águas turvas. Tendo defecado, as fezes, levadas pelo redemoinho, foram parar no meu focinho. Há dois mil e setecentos ou dois mil e setecentos e cinquenta anos (não lembro), pergunto: “como é que o que estava atrás veio parar na minha frente?”(9).

— Esopo não lhe explicou que, em certas ocasiões, “os sensatos são ultrapassados pelos piores imbecis?” Acrescentaria ainda que todos procedem ou apenas podem proceder segundo a natureza de que são constituídos. Ninguém muda a natureza das fezes nem a natureza dos mentores intelectuais deste conteúdo intestinal, e nos teus 2.750 anos, provavelmente, deves ter aprendido: se tu não passas por cima dos outros, os outros passarão por cima de ti...

— É possível! Entretanto, não me li vro deste trauma e não suporto a idéia de existirem seres humanos semelhantes ao conteúdo intestinal. Por esta razão, de alguns meses para cá, a vida já não é a mesma... Tomou-se insuportável...

— De certeza, faltam-lhe serotoninas, endorfinas... algum vírus paleoencefálico poderiam...

— Reduccionista? Adepto da ciência atomizante? Recém diplomado ou prático em medicina? O senhor está me mandando embora?

— Peço-te desculpas! Não tenho experiência em distúrbios do comportamento...

— Perdi 15 quilos de peso, a vontade de trabalhar e de ganhar o pão de cada dia e o senhor fala em seratoninas e endorfinas e vírus... Além do mais, disseram-me que o senhor é médico. E todo médico deveria saber que cada caso é um caso diferente. Porque é muito moço, talvez não saiba que a experiência dos outros serve apenas para principiantes e cada um de nós deve fazer o próprio caminho e sei também que todos nós nos comportamos diariamente com uma boa dose de infantilidade frente às agressões que suportamos da moral dominante. Entretanto, quero ser ouvida! O senhor nunca foi a igreja quando pequeno?

— Naturalmente!

— Não ouviste inúmeras vezes, “comerás o pão com o suor do teu rosto”?

— Sim.

— E que Adão pecou porque comeu o fruto da árvore do Bem e do Mal?

— Sim.

— Também ouvi e comecei suspeitar então, que meu pai era maldito, obrigado a trabalhar para comer e me sustentar. Depois, porque trabalhava com ele desde a infância, concluí que também era maldita. Descobri ainda, que toda a humanidade comeu o fruto da árvore do “Bem e do Mal”, e eu também o comi. O senhor não comeu?

— Sim! Isto é... Minha filha... Eu...

— Não exagere, doutor. Tenho provavelmente dois mil e setecentos e cinquenta anos (não lembro)... E o senhor não me parece tão velho. ..

— E então...

— Então me educaram, fazendo-me acreditar que existia o Bem e o Mal, que todos os que nascem têm na alma o pecado de Adão e Eva. Preciso me livrar da culpa de ter nascido e quero vomitar o “Bem e o Mal”, porque me determinam náuseas e dor de estômago. Preciso de ajuda.

— Eu posso?

— Sim!

— Como?

A paciente parecia oscilar entre o real e a fantasia e também fazia proposições para mudar o comportamento humano e alegrar a vida:

— Creio que, se fôssemos inteligentes, iríamos até o palácio do governo. Lá, se nos perguntassem de onde viemos, responderíamos que somos oriundos de Minas Gerais. Os brasileiros olham os gaúchos com desconfiança. Dizem que o Rio Grande do Sul é apenas um país amigo do Brasil... Apesar dessa verdade, no senado da República ou na câmara dos deputados, poderíamos sugerir à ciência e ao poder civil e militar que conclamassem todas as religiões para louvar a obra divina. O projeto inicial consistiria em estabelecer 12 feriados anuais que começariam a partir da última sexta-feira de cada mês, a começar pela última sexta-feira do mês de janeiro, para lembrar o dia da explosão de um ponto de densidade infinita. No fim do mês de fevereiro, o nascimento da Via Láctea e sucessivamente: o nascimento do Sol, da Terra, da Lua, da Vida, dos protozoários, dos cnidários e radiata que se vestiram com o primeiro sistema nervoso, o aparecimento das aves, mamíferos, antropóides, hominidas e do Homo sapiens, isto é, no último feriado, em dezembro, festejaríamos o nascimento da primeira mulher africana que, provavelmente, por ser negra (não sou racista), desobedeceu às regras da sociobiologia atual, escolhendo para marido um homem sem futuro,

o Adão, que vivia no Paraíso sem fazer nada, sem nada e pelado... Nesses feriadões, nas igrejas, nos teatros e cinemas e nos estádios de futebol, todos seriam esclarecidos para proteger a vida deste pequeno planeta... e amar.

Segundo Luís Carlos, a paciente falava, às vezes, sem interrupção ou interrompia o assunto abruptamente. Voltava à infância e ao Paraíso obsessivamente, perguntando ou respondendo, por exemplo, quem teria colocado perto da árvore do “Bem e do Mal” a maldita serpente para seduzir os pais da humanidade. Apesar de ninguém lhe responder a essa pergunta aparentemente imbecil, louvava a justiça divina argumentando que Deus foi irrepreensível quando condenou Adão à morte porque, no Universo conhecido, todos nascem, vivem e morrem, e Deus foi mais justo ainda quando determinou que as mulheres tivessem dor ao parir até que aparecessem os anestésicos (ou parto sem dor) ou a cesariana. Outras vezes, reclamava da crueldade humana, principalmente dos árabes que lhe colocaram seixos no fundo do saco vaginal, método anticoncepcional que traumatizava o pênis dos parceiros sexuais, razão pela qual os amantes não mantinham com ela romances duradouros... Quando se referia à própria identidade, afirmava ser fantástica. Jurava ter sido gerada pelo Universo e não tinha na alma qualquer mancha da cor dos negros, porque não era racista e nunca transara de má fé, concedendo favores com a intenção de casar com os bens dos amantes... Às vezes, falava com orgulho de ter nascido neste planeta azul fascinante. E, na defesa desse pequeno astro, exclamava:

— Dizem que este planeta é turbulento na superfície, pela existência catastrófica da espécie humana, mas imaginem se os planetas nos arrabaldes da Via Láctea são assim como não será a superfície dos planetas que giram no centro da espiral, onde moram os detentores do poder e das religiões...?

Além dessas convicções megalomaniacas, sonhava viver eternamente no sul do Brasil para dependurar nos pinheiros (*Araucária angustifolia*) os astros do céu, porque os estados desta região deveriam estar cansados de suportar os coronéis do nordeste que se alimentam da seca.

Sem interrupção, voltava aos tempos de infância, reclamando do pai, da mãe, dos educadores e dos religiosos que lhe introduziram pelo canal auditivo da orelha esquerda, o anjo do Mal e pelo canal auditivo da orelha direita, o anjo do Bem, respectivamente, comunista e capitalista aprendendo, na mesma época, através de traumas sucessivos, que o termo “não” era o pior dos vocábulos, atormentando uma centena de vezes por dia as crianças indefesas, como ela se acreditava. Jurava que o anjo do “Bem” representava uma consciência cristã de amar ao próximo como a si mesmo, mas, durante a vida, o demo do Mal havia feito um trabalho genial. Além de seduzi-la inúmeras vezes para comer, beber e libar dominada pela loucura do prazer, o demo da orelha esquerda também havia seduzido os homens para que não amassem a ninguém, nem a si mesmos. Aprendeu, desde cedo, que deveria vencer na vida,

isto é, escalar andar por andar, a pirâmide social. Descobriu, depois de abater sem piedade os adversários que tentavam lhe impedir alcançar o topo da pirâmide, que vencer não lhe trazia a tranquilidade prometida, e dominar para preservar a espécie e a vida não eram suficientes para satisfazer o cérebro que carregava no interior do crânio. Angustiada, procurou então os adeptos de Freud que lhe disseram não existir nem anjos nem demônios.

— Simplórios! Acreditavam que essa simples afirmação poderia expulsar os arruaceiros do meu inconsciente adquirido. Fantasiosos, cometeram ainda o absurdo de transformarem meu cérebro e meu consciente ou ego num campo de batalha. Auxiliados pelos deuses da revolução sexual do século XX, que hasteava no topo do mastro, o estandarte do sexo pelo sexo, estes filósofos do comportamento, pelos mesmos condutos auditivos direito e esquerdo, por onde haviam entrado os contraventores que geraram o Bem e o Mal, introduziram-me, no campo cerebral, dois adversários irreconciliáveis. Do lado esquerdo do campo cerebral postaram um cavaleiro com o nome de Thanatos que estava vestido com armadura e a espada invencível do rei Arthur da Inglaterra, e montava o cavalo negro de Platão (32), que dos olhos hemorrágicos destilava a perversidade do comportamento reptiliano, ostentando na capa o emblema do **“Princípio do Prazer”**. Do outro lado, postaram um personagem lastimável, vestido com roupa de mendigo japonês que usava apenas um pedaço de pano para cobrir as vergonhas e o chamaram de Eros, que atropelava um jegue alimentado pela “serragem” cerebral dos que são coniventes com a predação ambiental, na capa do qual, mal se podia ler “Princípio Civilizatório”. Apesar da disparidade aparente dos contendores, Thanatos não trucidava Eros. Em cada confronto o torturava sadicamente, fato que me atormentava dia e noite durante meses e anos. Para esquecer os gemidos de Eros que me importunavam, tentava fechar os ouvidos, porém os beligerantes estavam além do meu ouvido médio e nunca precisaram, para que os ouvisse, fazer vibrar o tímpano, nem bater na bigorna com o martelo ou usar o estribo do ouvido médio para que eu pudesse ouvir as queixas das dores do amor... Também era inútil fechar os olhos, porque, no interior do meu lobo occipital as imagens eram enviadas para a área de Wemechi onde está armazenado o conhecimento que aprendemos durante a vida. As cenas eram reproduzidas como aquelas que vemos no cinema. Sem minha permissão, as imagens traduziam, em cada embate, o sadismo do desamor. Angustiada, em vão, tentava desviar minha percepção daquele espetáculo doentio, lendo, nas arquibancadas do estádio, o noticiário, que relatava os escândalos financeiros de um país chamado Brasil. Por mais que me explicassem, não podia perdoar aquele presidente que, durante 8 anos, viajou para o estrangeiro, leiloando e vendendo um patrimônio público construído com o suor de 500 anos. Presidente que nunca assumiu a responsabilidade de mandar os que se apropriavam do dinheiro público, com características de ladrões e bandoleiros, para o fundo do xilindró, estimulando assim, que outros ladrões predassem o

dinheiro público que alimentava a VASP, a SUDAM, a SUDENE, o BANCO NACIONAL, o BAMERINDUS ou BAMPARA e tantos outros que não lembro e posso até parar na cadeia porque ninguém sabe agora, se tudo não passava de uma mentira para vender jornal, ou demonstrar que o país estava submetido ao império da justiça que tarda mas... Mas como as novelas da nossa TV, as cenas do teatro eram muito rápidas, como a diarreia dos desnutridos, e num país sem memória, vende-se a própria história...

Sem qualquer interrupção, revelou ter abandonado a psicanálise quando descobriu que os analistas também falavam de Bem e de Mal, e o som desses vocábulos ressuscitou-lhe o anjo do Bem que, disfarçado de Bin Laden, havia se escondido no fundo do como de Amon, protegido pela CIA e, no primeiro cochilo dos freudianos, o anjo do Bem não perdeu a oportunidade para caluniar os baderneiros Thanatos e Eros. Segundo o relato da paciente, o anjo do Bem lhe dissera que Eros e Thanatos estavam a serviço do capeta materialista do Mal. Exausta pela baderna desses invasores cerebrais, queixava-se principalmente dos novos imperadores.

— Sou pequena e também sou magricela. Apesar de não ser japonesa, não quero morrer antes que os Estados Unidos indenizem o Japão por Nagasaki e Hiroshima, e que os russos e norte-americanos, espanhóis e italianos, europeus e chineses, hindus e paquistaneses tenham vergonha de caluniar o Iraque por tentar produzir armas nucleares, químicas ou biológicas, principalmente, porque no livro “O Universo Numa Casca de Nós”, escrito por Stephen Hawking, está escrito que foi Einstein quem sugeriu ao presidente Roosevelt que mandasse fazer a bomba”(13).

Afirmava ainda, que se a raça branca suspendesse o comportamento característico de uma sociedade doente e, pelas atrocidades cometidas, solicitasse perdão à humanidade, talvez não desaparecesse do planeta tão cedo como espécie, e talvez lhe fosse concedido até infernizar o Paraíso Celeste como já havia feito com o Paraíso Terrestre. Quanto aos freudianos, não assistiriam ao “juízo final” por terem optado pelo Nirvana... lugar de onde jamais deveriam ter saído...

Receosa com o destino que a esperava, porque ao nascer já estava condenada a morrer como todos nós, sentia-se cada vez mais angustiada. Denunciava que Bem e Mal ou Eros e Thanatos haviam entrado na justiça brigando pelo direito de se adonarem do cérebro que lhe pertencia. Os quatro personagens alegavam, perante o juiz, que nunca lhe pagaram aluguel e teriam direito do cérebro da paciente por usucapião... Além do mais, não havia providenciado contrato de locação e tinham o diploma da Faculdade de Medicina e da Faculdade de Teologia, mestrado e doutorado e um animal ou camela ou gente como ela jamais poderia saber como proceder com um cérebro que habitava uma cavidade óssea sem luz. E perguntou revoltada:

— Por que me acusam de ignorante e, com este pretexto, pretendem o

controle do meu cérebro, se a maioria dos hominidas não sabem que dentro do crânio carregam três cérebros que lhe determinam o comportamento? Deus não é a soma de uma Trindade?.

Argumentava que, com exceção de alguns neurofisiologistas inteligentes, homens e mulheres, administradores e economistas de todas as raças, continuavam como os camelos que desconhecem as propriedades do cérebro que carregam no interior do crânio... e os princípios mais rudimentares de cérebro e comportamento...

Após silêncio prolongado, o projeto de esculápio Luís Carlos relatou que a paciente, se senti a extremamente frustrada e com lágrimas nos olhos. Como a queixa dos pacientes incomoda aos práticos em Medicina ou estudantes que não ouvem detalhes de uma história clínica e não fazem exame físico, o estudante perguntou à paciente:

— A senhora não está se sentindo bem?

— O senhor me pergunta se me sinto deprimida? E não deveria estar? Apesar do termo depressão ser produto de consumo pelos devotos da mídia que vende prazeres ilusórios no varejo e atacado, muitos humanos inteligentes e sensíveis vivem em depressão, doença que raramente acomete bovinos, eqüinos ou muares. Compromete, isto sim, indivíduos sensíveis e inteligentes como eu sou, e pretendem no relacionamento um pouco de afeição. Essa doença se alastra apesar dos cosméticos, da bebida alcoólica, dos estimulantes, das cocas, das anfetaminas, dos cigarrinhos com pouca nicotina e das ilusões que se compram nos “shopping center’s”. A depressão acomete, na época atual, milhões de seres humanos, porque são mamíferos e inconscientemente pretendem ter e receber afeição da sociedade, dos vizinhos e dos familiares. Há séculos, promessas fabricadas e distribuídas em série, efêmeras como o instante que passou, geram depressão porque só fazem soar as trombetas ideológicas, religiosas, políticas e científicas para despeitar a peste, a fome, a guerra e a morte. Principalmente no século XX, quando a ignorância pretendeu ensinar que a individualidade vai bem se você trepa bem e tudo vai mal se você trepa mal, quando eu mesmo sendo uma paciente sem diploma de curso superior, compreendi que tudo está bem se o mundo físico, biológico e social que me envolvem estiverem bem!. Mas se cada vez mais se trabalha e cada vez mais se ganha menos, como que um ser que tem minha percepção poderia sentir-se bem?

E acrescentava:

— Se as luzes do século XX iluminaram o século, o homem inteligente deveria ter aprendido que essa luz existiu porque o capeta lhe emprestou um pouco das chamas do inferno. Porque, neste século, viajando pelo oriente e pelo ocidente, as luzes acenderam-se para que eu pudesse ver 160 milhões de mortos nas revoluções russa e chinesa. Século que declarou duas guerras mundiais e me mostrou ainda o massacre de judeus e palestinos, africanos

aidéticos, e que me fez descobrir que a hepatite C permanece ativa, e que já existem 270 milhões de seres humanos infectados e a medicina preventiva, ainda não providenciou uma camisinha para proteger o fígado. Sofro também porque os brasileiros não aprendem que foi a CIA “democrática” que acabou com os governos eleitos e implantou os pinochets na América Latina, que cada vez mais perde a auto-estima... Durante séculos “(e chorava)” a humanidade mascarou a depressão na condenação de Sócrates, no suicídio de Van Gogh e Santos Dumont e utilizou, para fins bélicos, genocídio, escravidão e predação ambiental, os quanta de Max Planck, a relatividade de Einstein, o som de Shannon, a cibernética de Winner, a teoria dos Sistemas Gerais de Berthalanphy e a Informática para infernizar a aldeia global. O poder infantil, através da ciência, demoliu parâmetros e paradigmas que limitavam a agressão e desencadeou uma nova fase de barbárie, levando, nas enchentes de lama, a vida descartável de milhões...

Depois de um silêncio prolongado, inconsolável perguntava porque o homem não conseguia parar com esta loucura e recomeçar para abrir novos caminhos e construir um mundo melhor.

Lúis Carlos confessou que não sabia como encarar a paciente e tentou contornar a situação repetindo-lhe aquilo que a psiquiatria, a psicanálise e a religião ensinam:

— O homem é assim. Foi, e, eternamente, será assim! É inútil tentar fazer buraco na água. Porque não ouviste o conselho de Esopo?

Então, a paciente irritada lhe respondeu:

— Bem se vê que o senhor é principiante e reza a cartilha feita pela mão dos velhos que nunca trazem nada de novo. Se os redemoinhos são capazes de fazer buraco na água, e os buracos feitos na água pelos redemoinhos são capazes de engolir desaforos, seres humanos, vivos ou mortos e embarcações, não aceito que não se investiguem melhor as causas da depressão. Não sei o que se passa com os seres humanos que procedem ainda como camelos escolados (tenho 2.700 anos) e perpetuam que devemos alternar desafortunadamente entre Bem e Mal e vencer na vida. Eu não quero ser, nem boa nem má! Não quero vencer! Sou quem sou, sem bem nem mal, e ninguém me auxilia para conseguir demonstrar que qualquer espécie viva não é nem boa nem má e também o homem não é nem bom nem mau. Sou feia e pareço ou sou uma camela. Mesmo assim, por amar a vida, quero humanizar o animal que existe no meu interior. Esse é meu objetivo. Na minha e na sua alma, doutorzinho, existe uma centelha, que não se apaga e que renasce dos escombros. Manifesta alegria, agrado, prazer e desperta o carinho para nós mesmos e pelos seres vivos e pelo mundo físico e social... Não tenho amigos porque sou eterna emigrante e não tenho raízes. Mas é lamentável o senhor não aceitar que temos necessidade de afeição e amigos. Com que direito senta numa cadeira para atender pacientes sensíveis como eu, se por eles e deles o

senhor elimina as melhores relações que existem entre animais? O senhor nunca percebeu que até cães e gatos podem manter boas relações?

Luís Carlos conta que a advertiu:

— A realidade de 2.700 anos não a ajudou nada. Se nem Jesus Cristo conseguiu melhorar o comportamento humano, não vai ser tua obsessão que conseguirá mudar nosso destino. O homem é egoísta e 2.700 anos de experiência deverão ter ensinado a camelos e a seres humanos do Oriente Médio e do Ocidente que, se levarmos uma pedrada nas costas, não devemos olhar para trás porque o agressor foi alguém que ajudamos. Não esqueça! O homem é semelhante ao agente gerado no interior dos intestinos. É dominado pelo “Princípio do Prazer” ou “Pecado Original”! Na primeira oportunidade e no interior de águas turvas, novamente, perturbará teu focinho!... Tu és ingênu... ou não queres entender?

— Doutor ou promessa de doutor! Não me leve a mal! Quando a psiquiatria, a psicanálise ou o psicólogo dizem para o paciente que o homem é mau e que foi expulso do ventre da mãe ou do paraíso, ele está sendo sincero com o senhor. Está lhe avisando que, na primeira oportunidade, ele também vai aprontar. O senhor doutor não tem ainda nos olhos ou na expressão da face esta mancha doentia, mancha que revelaria um simulador vulgar; mas se insistir, esta expressão denunciará seu caráter que se perverteu. O senhor não parece um candidato que vá, no futuro, apresentar as características daquela coisa que perturbou meu focinho. Aprenda, pela experiência de 2.700 anos: tudo parece estar de acordo com a crença de que o homem é mau por natureza, principalmente nos últimos anos, quando os detentores do poder impuseram, através da mídia, que devemos destruir os “concorrentes No meu ambiente de trabalho, por exemplo, a partir dessa ideologia, todos se transformaram em rivais. O pouco de solidariedade humana que existia, desapareceu. A afeição pelo social ficou do tamanho das “mangas de um colete” e isso contribuiu e muito para que não encontrasse mais no meu trabalho, realização pessoal. Tenho a impressão de ter sido invadida pela lepra dos sentidos. A música perdeu a melodia, os versos não trazem poesia, a comida não tem sabor. Tomei-me indiferente ao carinho dos meus amantes. As flores perderam o brilho, as folhas ficaram paralisadas, apesar da carícia dos ventos. Tomei-me agressiva, apesar do medo que permanentemente me assalta e não temo a morte porque vejo na morte o anestésico da minha dor. Penso que meu inferno foi determinado pelas virtudes inventadas pelos homens para homenagear os deuses, e comigo estas megeras se comportam como um vírus que me traz abulia, a caquexia dos pustulosos encarcerados, a indiferença dos moribundos, a lucidez dos comatosos, o riso sardônico dos tetânicos, o botulismo da fantasia, a poliomielite da intuição poética, a luz das trevas, a tetraplegia da imaginação, o rastro das velas apagadas, o sol vermelho de sangue, o brilho da face oculta da lua, a paz dos mortos, o deserto sem areias, o mar sem a sonolência das águas, as tempestades petrificadas, o vento paralisado, a

impotência do desejo, a saudade vazia, a traição do amante, a fantasia sem asas. Sinto-me uma platéia sem teatro, uma atriz sem palco, uma artista sem aplausos, um pampa sem horizontes, o minuano sem frio. Sou um espelho sem imagens, esfinge sem rosto, sono sem fadiga, um Santos Dumont sem asas, um Van Gogh sem cores, uma Espanha sem D. Quixote, um Sheakespeare sem paixão, Galileu no planeta da inquisição, Leonardo da Vinci sem Gioconda, Jesus Cristo sem Amor e Perdão. Vejo uma elite sem pátria, o leilão do meu país, um povo sem memória, a Tema sem reboliço infantil, a eternidade no trago da finitude, a multidão solitária, o brasileiro sem Portugal e a indigestão da humanidade por ter comido a fruta do Bem e do Mal. Ouço as explosões do silêncio e leio justiça privatizada. Ouço gemidos sem amor, vejo braços sem abraços, a vida que passou, o vazio que me trago, a palavra amor algemada nas cordas vocais... Isso é depressão, doutor?...

Segundo Luís Carlos, a paciente suspeitava do mal que a perturbava. Entretanto, acostumado a localizar lesões anatômicas e como consequência inferir os sintomas e os sinais clínicos como fora orientado pelo mestre, nessa consulta, não conseguiu localizar qualquer órgão comprometido. Como fosse honesto consigo mesmo e com a paciente, confessou-lhe que a terapêutica deveria ser conduzida por psiquiatra, analista, psicólogo ou filósofo porque ela não tinha lesão anatômica. Mas a paciente, irritada, protestou:

— Como o senhor não sabe interpretar entrelinhas, aprenda: nem psiquiatra, psicólogo, analista ou filósofo. Prefiro um curandeiro...

— Por quê?

— Porque, para a maioria, a culpa é do sexo, e não tenho apenas um aparelho genital feminino ou uma única fonte de prazer. Também são incapazes de atribuir valor ao esforço que faço para transportar seres humanos ou bens materiais. São iguais ao professor que mantinha distância com os alunos porque se atribuía importância profissional maior que o trabalho dos alunos.

— Que professor?

— Aquele que estava precisando de alguém que o levasse para casa. Prontifiquei-me a transportá-lo e, durante a viagem, sentia-me feliz por estar sendo útil. Porém, quando chegamos, perguntou-me:

— Quanto?

— Respondi que o prazer que me havia proporcionado em transportá-lo, não tinha preço. Então, com o nariz entre as estrelas, aconselhou-me que aprendesse a lição. Tirou dinheiro do bolso, dizendo que o táxi, pelo mesmo trajeto cobrava dez reais, e deu-me cinco de gorjeta. Aconselhou-me que assim deveria proceder, porque, neste mundo, não devemos ter obrigações com ninguém... Não é necessário dizer que este sábio galgou todos os degraus da carreira e foi um dos melhores reitores do sistema universitário atual.

— Realmente, o senhor é muito moço para tratar de pacientes que

sentem a dor que eu sinto. Peça-lhe desculpas por tomar seu tempo e não trate o próximo paciente com as mesmas dores que me atormentam como fui tratada. Se assim for, o mundo inteiro saberá que o senhor imagina ter no crânio um cérebro que só serve para esfriar o sangue, como meu vizinho Aristóteles, ensinou e o Ocidente nele acreditou durante dois mil anos...

Luís Carlos confessou que se sentiu muito contrariado e até desmoralizado pelo animal, isto é, pela paciente, que levantou, não se despediu e acintosamente, ao sair, bateu-lhe a porta, que, por muito, pouco não lhe atingiu o nariz... deixando-o de mãos vazias com a sensação de incompetência...

Ao terminar de ler a história, percebeu que alguns colegas não acreditavam na existência de uma paciente com história semelhante... A história, na verdade, como todas as histórias, oscilava entre o real e o imaginário.

O mestre ponderou:

— A fantasia e a realidade são concepções resultantes das percepções dos nossos sentidos, dependentes de milhões de células e bilhões de sinapses neurais e, por isso mesmo, trilhões de combinações possíveis que, obrigatoriamente, não são perfeitas. Até o ego de cada um de nós está constituído por uma miríade de componentes, e acredito que qualquer animal ou ser humano sensível e inteligente possa apresentar sintomas de depressão... O caso é muito interessante...

Como a história parecia ter sido muito bem documentada e ali não havia nem psiquiatra, psicólogo, filósofo ou psicanalista, ninguém decidiu se era um caso de depressão bipolar hipomaníaca ou distímica, ou um estado megalomaniaco depressivo. Alguém acreditava, entretanto, que poderia ser uma queixa comum de pacientes que adquirem consciência da decadência inexorável da vida e, uma consciência clara da própria finitude.

Um dos presentes, que também havia engessado o dedo para delatar colegas ao SNI, perguntou ironizando:

— Como uma paciente tão experiente, conhecendo todo o Oriente Médio, a Europa, e depois, com os navios de Colombo ter chegado aos Estados Unidos, (protetor atual da humanidade), depois de tantas experiências em barracas, estalagens primitivas, hotéis, motéis e bordéis de luxo do mundo civilizado, poderia externar tamanho desamparo e buscar ajuda no ambulatório da nossa faculdade recém-nascida?

— Puro ato falho da Camela! Os animais com depressão devem procurar consultório médico veterinário!!! Comentou um acadêmico descendente de nobres fidalgos...

Outro estudante comentou:

— Uma *camela* com 2.700 anos de experiência no Oriente e no

Ocidente Civilizado, no fundo do saco vaginal, deveria ter ouriços... Jamais seixos roliços polidos pelo petróleo árabe, concessão da natureza, responsável atual pela sialorréia norte-americana, papel carbono da rapina inglesa...

IV. COMO O MESTRE ORCANIZOU O RELATO

Após os rumores ou o riso dos estudantes, o mestre começou dizendo que muitos conceituam a vida como uma emergência altamente complexa com a capacidade de se autopropetuar. Os que adotam esse conceito acentuam que a complexidade está representada por milhões de átomos de carbono, hidrogênio, oxigênio, nitrogênio e uma porção menor de cálcio, fósforo, potássio, enxofre, sódio, cloro, magnésio, ferro e iodo. Os outros elementos da escala atômica podem estar presentes em diferentes seres vivos, porém numa quantidade extremamente reduzida.

Como se fosse um materialista convicto, acreditava que, além dos componentes atômicos do mundo físico, a emergência Vida aglomerava, na estrutura, as diferentes formas de energia, como energia eletromagnética, gravitacional ou calórica. Essa associação atômica e energética era uma singularidade no universo conhecido. Quando essa emergência (resultante da agregação atômica, molecular, celular e energética) desmoronasse, a morte determinava a volta dos elementos constituintes para o mundo físico, que lhe determinaram existência.

Solicitou ainda que memorizassem as afirmações que seguem:

a - Porque a vida tem, na estrutura, elementos do mundo físico, na emergência do comportamento dos seres vivos devem existir também propriedades de comportamento do mundo físico.

b - Como a paciente é um ser humano, deve apresentar no comportamento propriedades do mundo físico, biológico e propriedades singulares ou características do Homo sapiens sapiens.

Para justificar as afirmações acima referidas, defendeu a seguinte proposição:

— Exclusivamente, por necessidade didática e para melhor compreensão do meu raciocínio para fazer o diagnóstico da doença da paciente, vou me utilizar da descrição de Lorentz para definir as propriedades que emergem no comportamento de todos os seres vivos. Segundo o autor,

"a construção global de um organismo vivo nunca é comparável a um edifício humano, que foi projetado por um processo particular de planejamento, por arquitetos e engenheiros visionários. A estrutura de um organismo é muito parecida com uma casa do tipo "faça-você-mesmo" de um colono que recebeu terras do governo, que primeiro faz uma cabana de troncos para proteção contra o vento e a chuva. Depois, conforme aumentam seus pertences e o número de pessoas de sua família, periodicamente aumenta sua habitação. A cabana original não é derrubada, sendo, ao invés disso, transformada em despensa, e,

assim, cada cômodo da casa em expansão será, ao longo do desenvolvimento da estrutura, usado para algum fim diferente daquele que foi originariamente pretendido. As partes mais antigas da casa, reconhecíveis pelo que são, são mantidas, porque a estrutura em evolução nunca pode ser inteiramente desmantelada e novamente planejada. Isto não é possível porque cada parte foi continuamente ocupada e intensamente usada". (19)

Como esteios do comportamento biológico da vida primitiva, entre outros, mencionou **o trabalho, a agressão ou defesa, a fome, a reprodução, o inedo, o prazer, o conhecimento e a informação.**

— As ações que se manifestam, desde os seres vivos primitivos ao homem ou os esteios da cabana primitiva enumerados, deverão ser compreendidas como pulsões biológicas primitivas. Essas propriedades praticamente nasceram com a vida e através da informação genética, foram transmitidas para cada indivíduo de cada espécie e jamais foram abandonadas. Segundo a história clínica que me foi entregue, a paciente referiu as seguintes queixas:

- a) perdeu o elã para o trabalho;
- b) perdeu significativamente a capacidade de sentir prazer;
- c) perdeu o interesse pelas relações sexuais e não tolerava ser estéril;
- d) referiu medo acentuado, na mesma proporção que perdia o medo de morrer.
- e) emagreceu 15Kg por perda progressiva de apetite;
- f) apesar do medo, tomou-se agressiva frente a menor provocação, tanto assim que bateu a porta ao sair do consultório;
- g) perdeu a capacidade de receber ou atribuir afeição;
- h) nunca teve amigos, apenas amantes ou romances de duração efêmera.

Continuou afirmando que a paciente era um ser vivo que já não conseguia resistir às pressões da sociedade, embora considerasse o homem, o melhor dos animais.

Luís Carlos, que ainda não tinha superado o trauma daquela consulta e não acreditava na possível existência de homens humanizados, não perdeu a oportunidade de alfinetar o mestre:

— Só poderia ser uma camela para considerar o homem um ser vivo bom ou razoavelmente bom!

— Por ter seixos no fundo do saco vaginal não devia ser agradável como companheira sexual, interrompeu alguém que não tinha restrições para a zoopatia...

— E porque transava mal, acabou em depressão! afirmava um embrião

freudiano e acrescentou:

— E por transarem mal, os europeus entraram em guerra no ano de 1939. As européias, embora não fossem camelas, usavam peçários para evitar filhos. Os alemães, revoltados com as mulheres, desviaram o impulso agressivo para bater no mundo inteiro! comentou alguém que deveria ser historiador, mas influenciado pelo ideal do pai estava entre os acadêmicos de medicina e vivia frustrado...

- Prazer

Assim que as piadas terminaram, o mestre retirou do bolso uma folha de papel que parecia surrada e cheia de remendos, colocou-a em sua frente e continuou assim o relatório do caso:

— Como os senhores sabem, não sou psiquiatra e nem analista. Sou clínico geral ou internista e nem sei ainda se aprendi o suficiente para tratar a tuberculose dos pacientes que me procuram no Posto de Saúde. Não vou seguir uma ordem cronológica, mas vou abordar os itens segundo a atenção que me despertaram. Na história clínica, a paciente referiu perda ou incapacidade severa de percepção do prazer, como se estivesse contaminada pela lepra ou hanseníase dos sentidos. Segundo Epicuro,

“a distinção dos prazeres é quantitativa, não qualitativa, e a sabedoria uma virtude fundamental, porque esta poderia indicar a escolha dos prazeres, evitando aqueles que poderiam ser prejudiciais “Sábio é aquele que sabe moderar os próprios desejos, que satisfaz os prazeres que são naturais e necessários (o comer e o beber), tem em pouca conta os não naturais e não necessários (manjares refinados, etc) e descarta os outros não naturais e não necessários (honorarias, glória, riquezas, etc), os quais perturbam a tranquilidade” (37).

Epicuro acrescentava que os prazeres oferecidos pelos sentidos podem livrar o homem da dor e tinha dificuldade de conceber o bem, sem os prazeres que os sentidos podem oferecer. Considerava sábio também, aquele que era dono das próprias paixões e desejos. *“Quem sabe contentar-se com pão e água não tem nada que invejar a Zeus ” (37).*

Acentuou que as afirmações de Freud como; *“As pulsões sexuais incluem aquelas tendências meramente afetivas e amistosas, as quais o uso corrente aplica uma palavra extremamente ambígua: Amor.”* Ou:

“A sexualidade está divorciada de sua conexão demasiado estreita com os genitais, e considero-a uma função mais ampla do corpo, que tem como meta final o prazer e só, secundariamente serve para fins de reprodução ”,(39) muito contribuíram para considerar como sinônimos o significado de sexo, prazer e amor, esse último termo banalizado e, com frequência, comercializado como produto de consumo e alojado na região infraumbilical.

— A partir de Freud, continuou, o prazer transformou-se progressivamente em objetivo de vida, como considerava Epicuro e foi incluído entre os grandes instintos, não só ligado à preservação da vida, mas também capaz de *“superar o amor e desencadear sua réplica fatal, o instinto de morte ” (23).* Na atualidade, Damásio subdivide nosso sentir corporal em:

- a) *"Sentimentos de emoções básicas universais felicidade, tristeza, cólera, medo e nojo.*
- b) *Sentimentos de emoções universais sutis: a euforia e o êxtase são variantes da felicidade; a melancolia e a ansiedade são variantes da tristeza; o pânico e a timidez são variantes do medo...*
- c) *Sentimento de fundo: Esta variedade não é nem demasiadamente positiva, nem demasiadamente negativa. Apenas nos damos conta sutilmente de um "sentimento de fundo", mas estamos conscientes dele para sermos capazes de dizer de imediato qual é a sua qualidade*
(07)

Sem qualquer crítica aos autores mencionados, o mestre observou que em laboratório, por exemplo, bactérias e fungos patogênicos se reproduzem com facilidade quando temperatura, pressão e umidade e meio de cultura forem adequados. E no laboratório, fungos inertes que normalmente existem no ar, podem contaminar placas de Petri, se estas não estiverem convenientemente vedadas, porque no interior das placas estes fungos também encontram condições favoráveis para perpetuar a espécie. Se as bactérias e fungos, neste ambiente se reproduzem, é porque neste ambiente encontram condições de "prazer" aliado à satisfação das necessidades nutricionais. Também aves e mamíferos se acasalam e se reproduzem na época em que os filhotes têm melhores condições de sobrevivência. O nascimento e amadurecimento dos mesmos, corresponde à época em que o ambiente oferece alimentação adequada e abundante... Também é notória a diferença da expressão de prazer do animal que vai abater a presa para se alimentar, da expressão facial de raiva, desespero ou angústia do mamífero que luta em defesa da própria vida. O prazer, nestas circunstâncias, pode ser considerado participante dos mecanismos de adaptação-seleção, indispensáveis para a sobrevivência das espécies. Prazer, fome e atividades de reprodução também estavam associados às sodomias do império romano...

— Os centros de percepção do prazer das aves e mamíferos, acrescentou, estão localizados no paleoencéfalo. O estímulo elétrico, sobre os núcleos ventromediais e ao longo do fascículo medial do hipotálamo anterior, determinam no indivíduo sensação de saciedade e diminuem a necessidade de ingerir alimentos. O estímulo destas áreas, determinam no indivíduo sensação de recompensa (prazer). Porém, se estes centros são fortemente estimulados determinam ira. Há ainda centros de recompensa no séptum, amígdala... Entretanto, na amígdala e hipocampo estão localizados os centros de castigo e desprazer. O estímulo destas áreas pode determinar desagrado, medo, temor e sensação de castigo. Se o estímulo for prolongado pode haver morte do animal (09). A importância do prazer como sentimento importante de um ser vivo é demonstrada por um experimento clássico em neurofisiologia. Se colocado um eletrodo no centro de prazer de um macaco e uma alavanca, que ao ser pressionada determina prazer, o macaco, depois de aprender que

pressionando a alavanca pode usufruir de prazer, prefere acionar a alavanca que alimentar-se, mesmo que se lhe ofereça comida que considera deliciosa. Freudeanos, religiosos ou materialistas da nossa sociedade, todos têm dificuldade em delimitar o prazer dos pecados da luxúria condenada pelos religiosos, ou delimitar liberdade sexual de licenciosidade, ou ainda delimitar ninfomania de liberdade sexual da mulher e satiríase de poligamia ou liberdade sexual do homem. Além destas dificuldades morais e religiosas e que podem acompanhar distúrbios de comportamento, existe ainda a afirmação de Freud que escreveu *literalmente*: “se vivêssemos unicamente para satisfazer o *Princípio do Prazer* nosso comportamento social seria inferior ao dos répteis”. Esta dificuldade que se perpetua, revela nossa infantilidade em relação à pulsão biológica do prazer. Inconsciente, age para preservar a vida no planeta, indiferente ao julgamento de puritanos ou libertinos. **O prazer é desprovido de juízo. Não pode ser julgado, quanto mais condenado...**

Damásio não faz referência ao prazer mas, se o sentimento de fundo a que se refere, traduz um estado de imperturbabilidade, como considera Epicuro, conviver com este sentimento de fundo poderia traduzir felicidade constante. Mesmo que os sentidos estimulados nos proporcionassem passageiramente prazer ou desprazer acentuado, a partir do momento em que cessa a exaltação dos sentidos, voltássemos à condição de imperturbabilidade anterior, poderíamos concluir que a felicidade existe, elevando nossa auto-estima e o prazer poderia ser auxiliar importante para eliminar nosso complexo de culpa...

- Conhecimento

Após comentar o prazer, o mestre voltou os olhos para o resumo dos principais sintomas e sublinhou a palavra conhecimento. Parecia estar preocupado. Na história clínica, a paciente referiu que perdera interesse em se aperfeiçoar na profissão que encontrara realização pessoal. O novo não mais lhe oferecia atração, e o desconhecido estava muito além da vontade para tentar desvendá-lo... Dessa vez, o mestre começou pelo conceito da palavra:

— Segundo comentos filosóficos, o conhecimento é um procedimento compreensivo por meio do qual o pensamento captura representativamente um objeto qualquer, utilizando recursos investigativos dessemelhantes-intuição, contemplação, classificação, mensuração, analogias, experimentação, observação empírica, entre outros - que, historicamente, dependem dos paradigmas filosóficos e científicos que, em cada caso, deram-lhes origem. Ainda no platonismo, entende-se por conhecimento apreensão intelectual das essências eternas e imutáveis de todas as coisas para além de suas aparências sensíveis. Na tradição influenciada pela ciência moderna, tal como empirismo, criticismo ou positivismo, o conhecimento é representação elaborada pela inteligência, exclusivamente, a partir de impressões sensíveis. Esses conceitos estão referidos no dicionário (15).

— Prezado mestre! esses enunciados são difíceis de digerir, embora adequados para catedráticos ou eruditos iluminados, que encantam reis e promovem presidentes de repúblicas que governam países subdesenvolvidos, satisfazendo os interesses dos países do “primeiro mundo”. Confesso que me sinto humilhado quando ouço tais predicados atribuídos ao conhecimento. Seriam necessários alguns anos para que eu pudesse aprendê-los. Apesar da dificuldade, devo admitir que me ensinaram, desde a infância, ser o conhecimento uma propriedade característica dos seres humanos, concedida por Deus aos homens para que o homem completasse a obra do Senhor!

Quem interrompeu era um estudante que participava das reuniões da sociedade dos médicos cristãos.

Ao ouvir os comentários, o mestre ponderou:

— De fato! O conhecimento, por muitos séculos, foi considerado uma propriedade exclusivamente humana, ou concessão divina ao homem da raça branca. Animais, índios, amarelos e negros não tinham alma imortal e eram ignorantes. Apesar da evolução cultural e religiosa ter concedido alma e conhecimento para esses povos, continuamos endeusando essa propriedade como característica do homem. Entretanto, o conhecimento é pulsão biológica primitiva, mesmo que filósofos, religiosos e cientistas não queiram, porque conhecer significa inicialmente saber-fazer para sobreviver.

— Mestre! Mas filósofos e cientistas...

— E os que pretendem conhecer, no mundo inteiro, devem aprender que a referida propriedade é comum a todos os seres vivos...

— Todos os seres conhecem? Perguntou um estudante que ainda não se convencera.

O mestre prontamente respondeu, argumentando:

— Se abandonarmos certos preconceitos e alguns adjetivos ou pretensões acadêmicas, as bactérias, como o estafilococo também sabe fazer e inovar para sobreviver! Todos nós sabemos, que o estafilococo era sensível à penicilina. Todos sabem que, no decorrer dos anos, essa bactéria se tomou resistente a esse antibiótico. Ou seja, frente à agressão da penicilina, a bactéria aprendeu como fazer para sobreviver, isto é, inovou. Mas, além de saber-fazer e inovar, existe um aspecto imperceptível na propriedade conhecer. Se admitirmos a teoria da evolução, existe algo que está além de inovar. A bactéria ou as algas primitivas não se limitaram a inovar. Quando evoluíram para vegetais ou animais, transformaram a si e ao meio, como se a complexidade e o conhecimento biológicos associados pretendessem conquistar o universo, como a vida já conseguiu povoar o planeta. Tal tendência não me parece singularidade humana. Ao observar animais domésticos, todos me parecem curiosos. Todos parecem procurar alguma coisa que o Universo esconde ou um mistério a ser desvendado. Quando Edgar Morin aborda o tema, assim o descreve:

“essa pulsão cognitiva é movida por um interesse de conhecer que não pode ser reduzido ao conhecimento em questão. Tudo acontece como se a curiosidade comportasse para além das suas finalidades imediatas (como a utilidade de conhecer o seu meio e acumular informações ao acaso), uma finalidade em si, ou seja, uma satisfação propriamente cognitiva de descoberta, de exame (27).

Em outras palavras, diria que existe prazer em conhecer ou aprender. Diria também que o prazer de conhecer está aliado ao prazer de viver. A observação do autor reforça a intuição que me diz: desde a primeira bactéria que existiu, a vida carrega consigo a vontade ou o ideal de conhecer e desvendar os segredos do universo, condição indispensável para este planeta povoar. Qualquer ser vivo, potencialmente, é um pesquisador inato, guarda na intimidade da existência a necessidade de conhecer e, por isso mesmo, o conhecimento em si é inconsciente.

A partir dessas considerações, poderíamos sistematizar as diferentes modalidades de conhecer que existem entre os seres vivos e humanos. Assim:

- a) Uma forma de conhecimento geneticamente transmitido, como o saber-fazer da nossa vida vegetativa, que preserva nossa existência quando

estamos por exemplo inconscientes. Ou ainda, poderíamos citar como exemplo as aptidões inatas das aves para construir seus ninhos ou dos mamíferos que escolhem, no ambiente, o local mais adequado ou até inovam para proteger os filhotes. Outro exemplo é a engenhosidade dos castores.

- b) Uma segunda maneira de conhecimento é adquirida pela experiência. Existem espécies de galinhas que se não aprendem com as mais velhas a se defenderem dos predadores, não reagem e são facilmente apanhadas e devoradas (20). No homem, o conhecimento adquirido pela experiência, é denominado por Kant, de conhecimento, a posteriori.
- c) Uma terceira forma seria aquela em que o conhecimento é gerado independentemente de experiências anteriores (conhecimento *a priori* de Kant).
- d) Trabalho: na história clínica da paciente, existem dois fatores interessantes que estão aliados: a perda da vontade de exercer trabalho, aliada à perda da vontade de conhecer. Desde o início, salientamos que um ser vivo computa o meio externo e interno, e do resultado dessa computação, age ou não para perpetuar a espécie e a vida. Quando aparece o sistema nervoso, é a partir de alguns filamentos neuronais que o animal percebe os meios exterior e interior, e a mesma célula tem filamento neuromuscular responsável pelo movimento do animal. Sensibilidade de um lado e motilidade de outro estimularam a evolução cerebral. Se “a inteligência é aptidão para aventurar-se estrategicamente no incerto, no ambíguo, no aleatório, procurando e utilizando o máximo de incertezas, de precisões, de informações”. (27)

Se

‘a inteligência é a virtude de um sujeito que não se deixa enganar pelos hábitos, temores, vontades objetivas. É a virtude de não se deixar enganar pelas aparências. Virtude que se desenvolve na humanidade permanente e multiforme contra a ilusão e o erro’ (27), tenho convicção de que o trabalho realizado com a participação da atividade muscular, o trabalho desenvolvido com a participação das nossas mãos é, sem dúvida, importante no desenvolvimento do aprendizado. É lamentável a ignorância ou a má fé de alguns demagogos que invocam os DIREITOS HUMANOS para impedir que as crianças realizem trabalho manual na infância. Perniciosos no processo educativo, desconhecendo que sensibilidade-computação-motilidade foram os mecanismos que determinaram a evolução cerebral, consideram o trabalho da criança um trabalho escravo. Se esses senhores calassem a boca, deixariam de interferir maldosamente no processo de aprendizagem. Aprender, compreender, traduzir ou saber-fazer, inovar e transformar são, ao meu ver, atividades inconscientes, aliadas ao desejo de eternidade de existência. *“A humanidade ultrapassou e muito*

o conhecimento animal, mas a humanidade não tem condições de suprimir nosso desejo inconsciente de conhecer, nossa animalidade de saber-fazer, inovar e transformar. (27) Se é verdade que o conhecimento humano adquirido dependeu de nossa complexidade cerebral, devemos lembrar novamente Edgar Morin quando cita as afirmações de Kandel e Changense:

"Não parece existir diferença fundamental dos pontos de vista estrutural, químico e funcional entre os neurônios e as sinapses do homem e as de um calamar, de um escargot ou de uma sanguessuga e nenhuma categoria celular, tipo de circuito particular, é próprio do córtex cerebral do homem"...o cérebro é fechado/aberto; no homem como no animal o conhecimento é aí construção e tradução. Não há quase diferença entre o aparelho cognitivo do chimpanzé e do homem. A diferença está na quantidade de neurônios e na reorganização do cérebro. Foi a partir desta diferença de organização que apareceram as qualidades humanas irredutíveis, chamadas de pensamento e consciência." (21)

— Mestre! com tudo o que acabas de afirmar, onde queres chegar? Qual a relação desses conceitos com a história clínica da paciente?

O mestre Válter respondeu entusiasmado:

— Que conhecer é uma pulsão biológica primitiva, e a paciente referiu que perdera a vontade de conhecer ou de aprender. A necessidade de conhecer, saber-fazer, inovar e transformar começa nos animais desprovidos de sistema nervoso, evolui com o aparecimento desse sistema. Já é sofisticado no chimpanzé e extraordinária no homem. Quando descobri ou admiti a inconsciência da ciência ou do conhecimento e a evolução agressiva do comportamento humano, paralela à evolução tecnológica, confesso que fiquei extremamente preocupado com as minhas atividades de orientador. Tive a impressão de estar contribuindo com a evolução progressiva da tragédia histórica da humanidade.

— O senhor é adversário da evolução tecnológica?

— Se o conhecimento ou a ciência são inconscientes, nenhum deles é de natureza má. Porém, como o conhecimento instrumentaliza a agressão, qualquer forma de poder, desde o aparecimento dos hominídeos aos dias atuais, o poder nunca permitiu que o conhecimento fosse acessível a todas as classes sociais. Como as propriedades inconscientes ainda dominam a inteligência, pensamento e consciência daqueles que governam, as razões do poder têm mil razões para impedir que o conhecimento, seja acessível a todas as classes sociais. O réptil ou o dominar o meio para preservar a vida e a espécie de quem governa, trata o cidadão comum como réptil concorrente ou rival. Porém, nem aquele que governa é réptil, como não o é o cidadão comum.

Como os dois são mamíferos e se comportam como répteis, as relações permanecem primitivas tais quais as relações entre répteis. Essa é talvez a razão principal para que ambos continuem insatisfeitos ou infelizes...

— E, nós, como estudantes de Medicina, qual seria a conduta que deveríamos assumir em relação ao avanço tecnológico?

O mestre ficou pensativo e como de costume voltou ao passado:

— Quando pretendia ser médico, a politicagem, que é diferente da ciência política, ainda não havia se intrometido no nosso exercício profissional. O médico era uma figura carismática. Apesar da limitação do conhecimento para concluir diagnósticos e tratamentos adequados, sem exceção, todas as profissões admiravam nossa conduta humanística. O aviltamento progressivo do valor humano, paralelo à evolução tecnológica, deterioraram progressivamente a relação médico-paciente. Nossa profissão já perdeu, em excesso, o respeito profissional que nossos predecessores haviam conquistado. Como a ciência médica também evolui sem a participação da afeição que emerge do paleomamífero do cérebro humano, as relações interpessoais médico-paciente estão desaparecendo com o aumento progressivo da indiferença do homem pelo próprio homem, ou a indiferença recíproca entre médico-paciente. Devemos lembrar ainda que o nosso curso, para acompanhar o progresso científico da Medicina, deveria ser mais ou menos nesses moldes: 6 anos de informações e formação, 3 a 4 anos de residência e talvez mais 2 anos para a especialização. Assim, teríamos mais tempo para fazer sessões iguais a esta...

Aqueles estudantes que pretendiam ser médicos, ficaram por um tempo, boquiabertos ou paralisados. Mas nem todos. Raros e mais ambiciosos já pretendiam obter o diploma: ou para fazer fortuna ou poder político ou seriam administradores de saúde para explorar o trabalho dos colegas...

Aproveitando o silêncio, o mestre continuou:

— Ser professor numa faculdade de Medicina, até um leigo pode ser capaz. Basta decorar o assunto, projetar os eslaides em ordem. Porém, orientar o exercício da profissão, transformar um assunto que possa abranger as tendências naturais dos alunos, é algo que a maioria desconhece. Por quê? Porque, numa sala de aula, o orientador deve conduzir o assunto entusiasmando aqueles que têm tendência para a promoção da saúde, prevenção ou tratamento da doença. Deve saber estimular ainda aqueles que têm tendência para a pesquisa e outros ainda, que gostariam de administrar as atividades de ensino ou exercício profissional para evitar que o comércio vulgar ou perverso, que tem por objetivo o lucro, não contamine a profissão, com a mesma infantilidade reptiliana de um grande número de timocratas que dirigem atualmente os destinos da humanidade planetária. Ah! Não esqueçam! Os centros nervosos que centralizam o conhecimento herdado para preservar a

vida e a espécie estão localizados no porão paleoencefálico. O centro de conhecimento cultural aprendido corresponde à área cerebral do neocórtex, que está abaixo da convergência dos ossos occipital, temporal e parietal... porém essa área atua se os feixes talâmicos primitivos estiverem íntegros...

- Agressão

Após comentar o conhecimento, percebeu ser oportuno comentar outro sintoma referido pela paciente: sentia-se agredida pela cultura do Oriente Médio e Ocidente.

Como faria mais adiante com o trabalho, considerou a agressão como emergência de comportamento do mundo físico, gerador do universo, acrescentando que esta propriedade também fora incorporada pelo sistema biológico, para que as espécies pudessem se perpetuar no planeta. Defendeu a afirmação da seguinte maneira:

— A partir da grande explosão, até os dias atuais, diferentes formas de energia e partículas subatômicas acompanham a expansão do Universo. Os gravitons, que nada possuem para que possam ser identificados pelos físicos, acometem, atuam ou agridem o meio através de grandes distâncias como se fossem deuses. Agregando a poeira cósmica, geram galáxias, estrelas, planetas, estrelas anãs e buracos negros. Não é a agressão gravitacional que nos mantém confinados à superfície planetária? Não participamos do teatro biológico, como se estivéssemos presos ao palco? Não é a força gravitacional que nos permite acomodarmo-nos neste ambiente universitário invejável para discutir a história clínica da paciente? Não é também a força gravitacional da lua atuando sobre o planeta quem impede os sobressaltos desta pequena nave espacial, permitindo que nosso planeta deslize suavemente? Essa ação não protege o sistema biológico? A vida, quando acuada pela fome, não agride o meio e não se comporta como a força gravitacional? A agressão é propriedades do mundo físico e biológico e também emergência do comportamento humano. Tal propriedade demonstra, claramente, que a vida e o homem não são alienígenas que aportaram num planeta do sistema solar.

Como ninguém contestasse, continuou:

— A agressão, entre seres vivos quimiossintetizantes e vegetais, passa desapercibida porque estes seres vivos, para se alimentarem, predam elementos ou substâncias do mundo físico. Entretanto, no mundo animal, a agressão é notória a partir dos protozoários. Esses, para se alimentarem, predam bactérias das quais descendem. Protozoários mais desenvolvidos como os paramécios, predam as amebas, protozoários menos desenvolvidos. Sucessivamente, herbívoros predam vegetais; carnívoros predam herbívoros. Os omnívoros, por sua vez, predam todos. O homem também é omnívoro e comporta-se, às vezes, como canibal. Apesar desse aspecto agressivo do comportamento biológico, a vida perpetuou a existência do sistema através de uma regra, aparentemente, muito simples: quando o número de predados diminui por excesso de predadores, o alimento torna-se insuficiente. Então, a desnutrição crônica diminui a resistência dos predadores. Como consequência,

esses são facilmente devorados pelos seres primitivos como bactérias, fungos ou protozoários e durante a desintegração, servem de alimento para agentes decompositores. Como os predadores diminuem, os predados reestabelecem o equilíbrio através da reprodução. Se diminuem as vítimas obviamente diminuem os agentes infecciosos e decompositores, diminui a incidência de doenças degenerativas, o câncer, e os predadores também se perpetuam. Esse comportamento biológico deve ser muito bem compreendido. O ser vivo que preda o meio ambiente ou outro ser vivo, não é nem bom nem mau; como não o é a força gravitacional. Força gravitacional e agressão serão assim enquanto existirem astros no céu e seres vivos na terra, ou até o dia em que existir um único homem neste planeta.

— Mestre! Observou Luís Carlos! Apesar do vosso otimismo devemos lembrar que no ecossistema biológico, a realidade do comportamento entre seres vivos da pirâmide biológica e mesmo entre seres vivos do mesmo andar da pirâmide é extremamente desconcertante. Vale lembrar agora, aquilo que nos foi dito por Edgar Morin: “e por todo o lado uma autofagia da vida, uma luta feroz de todos contra todos... numa desordem sem lei, irrisoriamente chamada lei da selva.” (26) A mesma ferocidade pode ser observada no seio das sociedades.

— A observação é oportuna! Entretanto desde a vida primitiva, passando pelos peixes, aves e mamíferos como demonstram os etólogos, a agressão entre seres vivos, é acima de tudo uma modalidade de comportamento que atua, salvo exceções, para perpetuar as espécies. No homem, como animal mamífero, podem ser observadas as mesmas formas de agressão que existem entre os animais e merecem ser citadas as seguintes:

- a) agressão do predador que elimina o predado para se alimentar. O homem também abate animais para sobreviver;
- b) o predado que luta ou que agride desesperadamente o predador para não morrer, como o homem que mata um agressor em defesa da própria vida;
- c) os predados que se associam e que agridem o predador para afastá-lo o mais longe possível do ambiente onde estão os ninhos com os respectivos filhotes, para salvaguardar os descendentes como fazem os pássaros que se associam para afugentar gaviões. Os homens estabelecem fronteiras, ou fazem muralhas. Se o inimigo invade o território, é atacado. Se o invasor bate em retirada, persegue-o ou para afastá-lo, ou mesmo, para abatê-lo...
- d) a agressão que se observa entre espécies mamíferas e aves da mesma espécie tem por objetivo fazer com que os animais mais fortes ou mais aptos obtenham o favor das fêmeas. Essa forma de agressão é denominada de “*concorrência intra-específica*” (20) e tem como objetivo que os mais fortes ou mais aptos fecundem as fêmeas, para

que os filhotes tenham mais chances de serem fortes e saudáveis e, obviamente, melhores condições para preservar a espécie. Entre os seres humanos, a sociobiologia atual demonstra que as mulheres, de um modo geral, também escolhem o homem que aparenta possuir as melhores condições para gerar e proteger-lhe os filhos (41);

- e) entre mamíferos parece existir uma forma de agressão que, aparentemente, não tem qualquer relação com o objetivo de preservar a espécie ou a vida. É uma forma de agressão que está ligada ao “*movimento liberador inato*”. Como exemplo, podemos citar o cão que está habituado a caçar. Mesmo que esteja saciado e se lhe ofereça uma quantidade excessiva de alimento, o instinto de abater a caça continua inalterado: se lhe for apresentado o animal que está habituado a caçar, lançar-se-á sobre a presa para abatê-la. Corresponderia ao atleta que treina para vencer o jogo numa partida oficial? Qualquer que seja a origem, essa forma de agressão parece estar ligada ao prazer. Não é, entretanto, uma hipótese segura.
- f) Por muitos anos, a guerra foi considerada a mais estúpida das formas de agressão, uma característica ou singularidade da espécie hominídea. Segundo Lewis Munfort, citado por Marvin Perry:

“A guerra não foi um simples resíduo de agressão mais primitiva e mais comum... Em todos os seus aspectos, tipos, seu treinamento, o tratamento de grandes massas humanas como unidades, em seus ataques destrutivos em massa, em seus sacrifícios heróicos, suas destruições finais, extermínios, toma das, escravização. A guerra foi antes a invenção especial da civilização: seu drama final.” (31)

E Marvin Peiri continua: “*Os hábitos e padrão de guerra desenvolvidos pelas primeiras civilizações não desaparecerão nunca*” (31). Entretanto, através da Etologia e de documentários cinematográficos, aprendemos que a guerra existe também entre mamíferos. Parece inacreditável até a semelhança de comportamento que existe neste aspecto entre homens e ratos. Lorentz, referindo-se às observações de Steiniger com ratazanas, descreve que

“estes animais têm um método particularmente pérfido e eficaz de matar todos os congêneres do crime. Se colocarmos 20 ratazanas que não se conhecem, 10 machos e 10 fêmeas, num espaço comum, tudo parece tranquilo, enquanto não se formam casais... a partir do momento em que estes se estabelecem, machos encarregam-se de matar machos, e fêmeas matam preferencialmente fêmeas, até sobreviver um único casal. Se colocarmos quatro famílias de ratos num espaço de 60m², haverá um território comum - no rat 's land. Neste local, ou território de ninguém, os ratos se trucidam. Apenas uma família sobreviverá. Se um rato de outra família, por acaso, for

encontrado no território que não lhe pertence, o intruso é descoberto pelo cheiro diferente que exala. O rato que o descobre, através de um grito lancinante, alerta os demais componentes da família, que se tornam agressivos e durante 5 minutos, aproximadamente, os ratos trocam inclusive dentadas. Depois cercam o pobre infeliz. Este não esboça qualquer reação de defesa porque, intimamente sabe o destino que o espera: impiedosamente é dilacerado lentamente até a morte" (20), como fazem e fizeram os homens de todas as raças com desafetos políticos, raciais ou religiosos... Ainda, os ratos que mais se destacam no combate, são tratados no seio da família, com distinção (19) como fazem e fizeram os homens de todas as raças com desafetos políticos, raciais ou religiosos ...Ainda, os ratos que mais se destacam no combate, são tratados no seio da família com distinção (20), como fazem os seres humanos com os "heróis".

- g) Agressão cultural: todas as formas de agressão enumeradas são comuns aos animais e aos mamíferos humanos. Contudo, essas formas de agressão são agravadas entre seres humanos, porque nós instrumentalizamos a agressão através do conhecimento. Começamos instrumentalizar essa propriedade para caçar animais e, provavelmente, para agredir nossos semelhantes no período da Pedra Lascada. Sucessivamente à lança, ao arco e à flecha, acrescentamos - como todos sabem - as armas de fogo, a nitroglicerina (TNT) e, principalmente, nos arsenais bélicos norte-americanos, chineses e europeus, sabemos que existem armas químicas, biológicas e nucleares, em quantidade suficiente para varrer o homem da superfície planetária. Talvez o co-relator possa nos acrescentar alguma coisa. Por enquanto, devo acrescentar apenas que, no homem, os centros de agressão estão situados no paleoencéfalo, no interior de núcleos hipotalâmicos. O estímulo do hipotálamo lateral, além de desencadear sede e fome, determina também, maior atividade do animal, fúria e luta. Lesões hipotalâmicas podem determinar aumento da raiva ou fúria extrema à menor provocação. O estímulo de uma zona delgada dos núcleos periventriculares também determinam medo. Quando um animal tem um forte estímulo sobre os centros de castigo, principalmente na zona periventricular do hipotálamo ou no hipotálamo lateral, o animal reage da seguinte maneira:

- 1 - *“desenvolve uma atitude de defesa;*
- 2 - *apresenta as garras;*
- 3 - *levanta o rabo;*
- 4 - *uiva ou dá demonstração de deboche;*
- 5 - *grunhe;*
- 6 - *os pelos eriçam, as pupilas dilatam e os olhos se abrem;*
- 7 - *a mais leve provocação desencadeia o ataque”.* (11)

O mestre continuou:

— Se a ação agressiva da força gravitacional gerou os astros do céu, e a agressão da Vida dominou o meio para gerar as espécies, devemos considerar a agressão biológica inconsciente, indispensável para a geração e manutenção dos seres vivos. Entretanto, entre seres humanos, a agressão cultural é, com frequência, dissimulada pelas “razões” do poder e da moral da sociedade. Indivíduos como a nossa paciente que apresentam incapacidade de reagir a tais agressões são eliminados do convívio social ou entram em depressão, podendo encontrar no suicídio a solução do mal que os afligem...

- Fome

Quando o mestre acabou de comentar a agressão, o patologista suspendeu os trabalhos, concedeu 15 minutos para que todos pudessem livrar-se da apreensão ou fadiga. Afinal, haviam participado da discussão com entusiasmo.

O mestre abandonou momentaneamente o reboiço estudantil, e abraçado à mulher, contemplava as chamas que lhe perpetuavam a vida, consumindo impulsos inconscientes ou conscientes e inúteis.

O fogo impassível comportava-se como assistente privilegiado e sem dizer palavra. Cômico da forja que na terra tudo mantém ou colabora para gerar, o fogo que aquecia a alma dos dois amantes era o mesmo fogo do grego Heráclito 540-476 a.C) que a todos ensinava, e todos os viventes aprendiam que o fogo era o princípio das coisas e, por isso, tratado com cuidados especiais. A lasca maior de lenha devia cobrir os gravetos, se não o fogo não se expandiria. Aproveitar as brasas para desencadear as chamas e não acabar com os fósforos era lei. Imitando o homem primitivo, o guarda-fogo era obrigatório, porque, sem ele, o divino, o princípio inteligente e gerador universal, poderia abandonar a terra. Sem ele, aldeias ou tribos não teriam nascido, e sem o fogo, gestos e palavras não se perpetuariam com prejuízo da linguagem recém-nascida. A linguagem conservada ao redor do fogo é igual ao ouro que se permuta por objetos de uso ou de mercadorias.

Como se estivesse sonhando num mundo primitivo, aos ouvidos da mulher, murmurou baixinho:

— O fogo é o gerador da vida. Discreto, não delata meu desejo por você. É fonte de inspiração e me devolve a alegria de viver. Com você, o fogo varre da minha memória as desventuras e volatiliza a loucura que me induzia melhorar o mundo, transformando-me num D. Quixote desnutrido e subdesenvolvido. As labaredas que nascem da tua alma queimam, nas profundezas do inferno, as intrigas dos deuses universitários, ciumentos como a pústula que nem a ma das porcinas suporta... Teu fogo, como este fogo, gera e faz ascender os sonhos das profundezas dos neurônios cerebrais, para causar inveja aos deuses, que perderam o dom de sonhar quando, na Terra, abandonaram os homens. Sem eles ou apesar deles, o fogo nos conserva a sabedoria de Heráclito que a nós ensinou com as chamas da intuição que, com o calor do fogo, nascem e se permutam todas as coisas... Por favor! Empréstame o pedaço de lenha que está em suas mãos, para estimular as chamas, para que elas não se apaguem como se apagam as ilusões efêmeras que se perdem pelos descaminhos da vida. E agora permite-me aquecer meus olhos cansados em teus lábios. Assim! E agora deixa-me ver tuas pupilas que me trazem o brilho de um olhar felino, a centelha que me faz arder o corpo nas chamas do

prazer. Agora, quero teus lábios... num beijo prolongado como o guarda-fogo que conserva o calor apesar das noites hibernais. Em ti, está a sarsa ardente que os deuses, por ato falho, esqueceram nas fêmeas para perpetuar a espécie dos hominidas humanizados, que amam sem pejo nem limites a todos os que habitam o céu e a terra, vivos, mortos ou inanimados. Com a didática das tuas carícias, aprendi com facilidade que o amor desconhece fronteiras e sabe proceder com os horizontes infinitos. Tu guardas o amor e o fogo na superfície da pele e teu corpo aquece também a superfície terrestre... Pelas tuas mãos o calor alcança o céu sem nunca deixar o céu carente... Não fosse assim também diria que o calor é um fluido material desconhecido, mas, nos teus braços, é até palpável e macio como deve ser a superfície das moléculas, células e tecidos femininos. Se alguém tem dúvidas foi porque ainda não sentiu o calor que vem da mulher, o fogo da mulher que gerou a paixão, paixão que participa da geração da vida, que vem dos teus braços e abraços e de acréscimo um par de seios macios onde a vida encontra plenitude de existência... Outras venturas não posso contar... os melhores segredos que existem entre nós devemos guardar...

Mas o responsável pela sessão anunciou que os trabalhos iriam recomeçar. Após acomodados, o mestre lembrou aos presentes que Benjamin Thompson, físico inglês, conde de Runford, fiscalizando a construção de um cano de canhão, para tranquilizar os europeus amantes da guerra para assaltar, roubar e depois, à força, construir a paz, determinou que o cano fosse brocado dentro da água. Para surpresa dos presentes, a água ferveu e o calor desencadeado, para fazer o cano das armas de fogo, transformou-se ainda mais perigoso, agente universal das tropas de infantaria, cavalaria, artigo que não poderia faltar nos navios da marinha de guerra, nos*aviões de combate ou nos mísseis que descarregam armas nucleares e bombas inteligentes. Desde pequeno, o calor na terra foi gerado pelo movimento molecular e, na terra, o calor alcançou a temperatura solar pela arma nuclear... o fogo como o fogo da mulher poderia merecer destino melhor. Lembrou ainda que os bêbados do planeta relacionavam o álcool com o calor da vida, com frequência encontrado no colo das dançarinas que nos lupanares e nas boates sacramentadas, encantavam eternos bastardos... Entretanto, lembrou também que o trabalho era igual a calor, e o calor da máquina era igual ao trabalho dos trabalhadores. Citou James Prescott Joule que, em 1843, colocou no interior de um calorímetro um eixo munido de pás que agitavam a água por movimento rotativo como, às vezes, fazemos nós... O movimento era determinado pela queda de dois corpos inertes, ligados por um fio, ao eixo do cilindro, como se fossem nossos corpos inertes que assim se comportam após a pequena morte do orgasmo. A distância percorrida pela queda dos corpos era determinada respectivamente por duas régua (16). Régua! E não éguas que servem de montaria... Joule, através desse experimento, demonstrou que eram necessários 41.800.000 ergs para elevar a temperatura de um grama de água de 14,5°C para 15,5°C

em condições normais de pressão. Essa quantidade de calor foi denominada de caloria (cal) e uma cal equivale a 4,8J. Mesmo sem serem comerciantes, os físicos introduziram a Kcal, uma quantidade de calor que não tem balança para pesar e que eleva de 14,5°C para 15,5°C a temperatura de um litro de água. Falei balança para pesar, porque alguém poderia pensar - vendo televisão - que quantidade igual de calor humano pudesse ser adquirida nos shoppings, estruturas comerciais que vendem no varejo e atacado, todas as emoções que determinam “felicidade” humana, deixando na alma um vazio e uma conta a pagar com juros salgados. Sim! A cal e a Kcal são importantes porque nós, como seres vivos, nos utilizamos de reações químicas para liberar calor, a energia principal que mantém o trabalho da nossa máquina viva. Mas a vida não resulta apenas dos movimentos de átomos e moléculas, bem como de células agregadas que liberam calor. O homem para poder andar, sonhar, rir e chorar, utiliza-se também da energia elétrica para fazer trabalho muscular ou manter estável o ritmo e trabalho cardíacos e da gravidade também precisa para fazer amor, impedindo-nos, na ocasião, de levitar... Na “cabana primitiva” da vida, do assoalho ao teto, das janelas e portas, tudo ali se permuta na matriz aquosa que acumula energia calórica. Ali nascem as ilusões que a vida transforma em realidade ou, então, as fantasias e os fantasmas que se dispersam ou se dissolvem que, por milagre ou eternos, sempre renascem no coração dos homens. Num galpão de beira-rio sem calor e fantasia, a cabana primitivada vida não suportaria...

Naquele ambiente de natureza com rédeas soltas e horizontes sem fim, o reinado soberano da vida agradecia aos raios de sol que procediam como servos abnegados. Para permitir que a vida pudesse sobreviver, generosos, já no interior da molécula da matriz aquosa, acumulavam 86 Kcal. Nas moléculas de glicose, 868 Kcal... E quando essa molécula se degrada, o calor é liberado. No entanto se a degradação dessa molécula ocorrer num tubo de ensaio, o calor se perde no ambiente e não há realização de trabalho. Todavia, no interior do organismo, as células degradam a glicose (C₆H₁₂O₆), e a energia calórica liberada é acumulada na molécula de adenosina trifosfato (ATP), de creatina fosfato (CP) e fosfato inorgânico (Pi). No interior das células, dos órgãos e dos tecidos, a energia é utilizada quando as células realizam trabalho para manter nossa sobrevivência (33). Se não houvesse acúmulo de energia nas moléculas de ATP, CP e Pi, deveríamos nos alimentar continuamente, inclusive durante a cópula e fazer trabalho dobrado, não teríamos o prazer de bons bocados. .. Quando necessitamos de energia para viver, a sensação de fome manifesta-se como uma sensação de vazio na região do epigástrico, a área do abdômen superior que está abaixo do apêndice xifóide. Tal sensação, às vezes, desagradável, dependeria dos centros hipotalâmicos. Estudos experimentais realizados em laboratórios demonstram que, se a porção lateral do hipotálamo é estimulada, os animais buscam uma ingestão excessiva de alimento e desenvolvem obesidade. Também no hipocampo existem centros que regulam

o binômio, fome - saciedade... Parece não haver dúvidas de que a sensação de fome é desencadeada pela diferença dos níveis sanguíneos de glicose no sangue arterial e venoso. Quando os níveis de glicose do sangue arterial e venoso se aproximam, é sinal que no interior dos órgãos e tecidos, a quantidade de glicose é suficiente: o indivíduo refere saciedade. Porém, se o nível de glicose no interior das veias está abaixo de determinado limite das artérias, isso indica que o nível de glicose no interior dos tecidos está abaixo do normal. Nessas condições, o indivíduo refere fome, muita fome ou fome insuportável. E, então, submetido ao instinto da fome, pode roubar, matar ou comportar-se como canibal. Além do nível de glicose, fatores psicológicos também desencadeiam a necessidade de comer. Lembrar, permanentemente, que através da região límbica, o neocórtex igualmente atua nos centros hipotalâmicos. Trata-se de uma realidade que, facilmente, pode ser constatada pela propaganda televisiva. Com frequência, quando os artistas simulam usufruir de prazer na ingestão de determinado alimento, o telespectador, ávido de prazer, compra o produto, promovido pela propaganda, no primeiro armazém ou supermercado em que o encontra exposto. Há indício de que as orexinas - uma nova família de neuropeptídeos hipotalâmicos - também estimulam o apetite e o maior consumo alimentar. Função semelhante teriam as células adiposas que secretariam leptinas estimulando os núcleos hipotalâmicos e desencadeando o início da obesidade.

Uma boa refeição deve conter 15% de proteínas, 55% de carboidratos e 30% de gorduras, e ainda sais minerais e vitaminas. Parece loucura, quando nos dizem que, a rigor, as estrelas e o sol também “vivem”, isto é, exercem trabalho para viver e alimentam-se para sobreviver. Nesse aspecto, a força gravitacional mantém a vida dos astros. Durante as explosões, as estrelas lançam, no espaço, grande quantidade de matéria e de energia que a força gravitacional, novamente, faz retomar para o astro comer... Dizem que esse pulsar, expandir e contrair, retirar e “expulsar” do interior os produtos resultantes da atividade de viver é um trabalho que as estrelas e, em particular, o sol, deve exercer, para perpetuar a sua existência, como fazem os seres vivos (25). Se as estrelas e o sol trabalham, Deus teria amaldiçoado também os astros? Teria razão a paciente em não aceitar a maldição bíblica: *“Comerás o pão com o suor do teu rosto”*? *A fome é de natureza má?*

Após a pergunta, o patologista encerrou os trabalhos para o almoço e anunciou que todos estariam livres até às 16:00 h...

Na beira do rio, ao redor do fogo, Baco oferecendo vinho, comida pronta e churrasco de picanha e costela, todos abençoaram os ponteiros hipotalâmicos do cérebro primitivo que indicavam fome e apetite desmedidos. Ao redor da mesa, com a comida do fogão de chapa, ninguém perguntou se ali existiam pratos ou talheres importados. Eram suficientes facas afiadas, garfos e colheres. Se faltassem pratos, serviam tampas de panela para desfrutar uma

refeição de primeiro mundo. Até professores e alunos descrentes louvaram o divino como se não tivessem juízo e juravam: **Deus sabia que a costela era a melhor carne do Paraíso e de uma só vez atendeu dois apetites que os gaúchos ainda podem desfrutar..**

- Reprodução

O patologista, pontualmente as 16:00, sem delongas, convocou o mestre, os relatores, o co-relator e os alunos para ocuparem os respectivos lugares e retomarem o estudo do caso.

Depois de um sumário das observações e conclusões do relatório feito pela manhã, o mestre resolveu abordar outro sintoma referido pela paciente: havia se tornado indiferente em ter ou não relações sexuais e queixava-se também por ser estéril.

— Creio, começou o mestre, que, nesta tarde, é oportuno demonstrar que não existem rupturas entre o mundo físico e o biológico e entre o biológico e humano. Para tanto, vamos começar considerando o sol como um ser vivo primitivo ou rudimentar, porque preserva a auto-reorganização. Também é gerador de elementos, pois a partir da fissão do átomo leve de hidrogênio em altas temperaturas (60 milhões de graus da porção central e 40 milhões na superfície) gerou 76 elementos atômicos diferentes. Apenas o sol não reproduz novos sóis, como a vida que, a partir de 92 elementos atômicos e 120 mil substâncias químicas existentes neste planeta, construiu de 7 a 12 milhões de espécies vivas diferentes e cada indivíduo de cada espécie, uma experiência única na natureza ou promessa de re-evolução. Ainda o sistema solar tem tendência entrópica, e a vida, através da reprodução, mutação e seleção, tem tendência neguentrópica, ou complexidade progressiva...

O mestre considerou ainda que o homem não teve dificuldades em aprender como os animais superiores se reproduziam. Por muitos séculos acreditou, porém, que os seres vivos de menor tamanho apareciam no planeta através da “geração espontânea”. Foi a partir dos trabalhos de Francesco Redi (1626-1697) que a humanidade abandonou essas crenças. O autor demonstrou “que larvas e moscas aparecem na carne somente se moscas vivas ali tiverem colocado seus ovos”. Cinquenta anos após (1864) Louis Pasteur (1822-1895) fez culturas de bactérias em recipientes providos de um longo tubo lateral em forma de S que retinha os microorganismos trazidos pelo ar, apesar do tubo ser mantido aberto. Quando as bactérias do recipiente eram mortas pelo calor, o meio interno isolado do ambiente pelo tubo permanecia sem vida (38). Não é necessário enfatizar a importância da descoberta. A experiência não só demonstrou que apenas o vivo pode gerar seres vivos mas permitiu ao homem estudar e aprender como evitar as doenças infecto-contagiosas, a prevenção das infecções hospitalares ou a prevenção das infecções decorrentes de intervenção cirúrgica. Apesar das descobertas de Redi e de Pasteur, as doenças infecto-contagiosas e sexo transmissíveis ainda perturbam as atividades sexuais principalmente no mundo ocidental. Nesta região do planeta, o homem não teria aprendido ainda, como conviver com as vergonhas de Adão e Eva, ou atividades de preservação da espécie com a pulsão biológica do

prazer, enquanto aves e mamíferos haviam equacionado muito bem estes problemas, (desde que não houvesse interferência do homem). Informou ainda que os administradores ou o governo do nosso país e, principalmente, as famílias da raça branca, a partir da década de 50 do século passado, estavam muito preocupadas com a explosão demográfica, que não houve. Na época, a classe média da raça branca recriminava a raça pobre (brancos, negros ou mestiços) por não limitarem o nascimento de filhos, como se fossem as crianças os responsáveis pelos problemas financeiros. Entretanto, no passado e no presente quando um casal não tivesse filhos, era olhado com desconfiança como se Deus não tivesse abençoado a união.

O mestre enfatizava:

— Os senhores propõem uma revolução sexual por que inconscientemente não aceitam os ditames da moral dominante? Pretendem que todas as mulheres tenham o direito de usufruir do prazer que as atividades de reprodução proporcionam? Ou buscam desesperadamente, como todos os seres humanos pretendem, uma liberdade e uma igualdade que nunca poderão existir porque cada indivíduo é uma experiência única na natureza? Liberdade sexual e igualdade entre homens e mulheres seria a lacuna que poderia preencher o vazio que gera, com frequência, a infelicidade humana ou as convulsões sociais? Se a paciente não referisse sintomas relacionados com a perda de interesse pelas relações sexuais e esterilidade, a paciente estaria livre da depressão? Embora sexo, prazer e amor, como já vimos anteriormente, são considerados sinônimos, penso que devemos dissociar o significado desses termos. A dificuldade para essa separação é a mesma que encontramos para dissociar fome da agressão.

O mestre observou que, entre latinos até a década de 1950, as mulheres deveriam casar virgens. Em alguns lugares de origem italiana como NB (RS), o vestido de noiva não poderia ser branco se a mulher houvesse concedido favores sexuais ao noivo antes do casamento.

— Lembro que a noiva de um parente meu casou com vestido azul. Mas o comportamento dos latinos não era muito diferente do comportamento dos ingleses durante a era vitoriana.

Para salientar que as atividades de reprodução das espécies poderiam ser livres e não ser causa de preocupação citou o sociólogo Bronislawo Malinowski que, em 1915, conviveu com os aborígenes de Trobriand, uma das ilhas do arquipélago de Nova Guiné. Observou que nem Freud acreditaria que existissem povos, cujo comportamento sexual e atividades de reprodução da espécie pudessem servir de exemplo para os povos do mundo desenvolvido ou civilizado. Segundo o autor

“...entre estes nativos a castidade é uma virtude desconhecida. Eles são introduzidos na vida sexual em idade incrivelmente precoce... Com

o tempo, os jovens passam a uma vida de promiscuidade e amor livre; gradualmente porém, vão se envolvendo em casos mais sérios e duradouros, um dos quais termina em casamento. Antes que isso aconteça, entretanto, as jovens solteiras são livres para fazerem o que quiserem: existem inclusive arranjos cerimoniais em que as jovens de uma aldeia vão em grupos a outros locais. Ali se põem em fila para inspeção e cada uma delas é escolhida por um rapaz, com o qual passa a noite. Esse ritual é denominado Katuyiasi. Quando um grupo de visitantes chega à aldeia vindo de outro distrito, cabe também à jovem solteira servir-lhe alimento e satisfazer-lhe as necessidades sexuais. Por ocasião das grandes vigílias mortuárias, quando a aldeia inteira se reúne ao redor da pessoa falecida, grandes comitivas vêm de aldeias vizinhas para participar das lamentações e cantos fúnebres. As jovens destas comitivas devem então, por praxe, confortar os rapazes da aldeia enlutada deixando muito enciumados seus amantes oficiais... Durante os trabalhos agrícolas, na época em que as ervas daninhas são arrancadas dos campos, as mulheres perfazem esta tarefa comunitariamente. Está sujeito a grandes riscos o estranho, que nesta época, se aventura a passar pelo distrito: as mulheres o perseguem, o agarram, arrancam-lhe a tanga e o tratam de maneira ignominiosa e orgiástica... O casamento não está associado a quase nenhum cerimonial público ou privado. A mulher simplesmente se muda para a casa do marido, e só mais tarde é que se realiza a troca de uma série de presentes. Isso não pode ser interpretado como a compra da mulher pelo marido... A família da esposa tem por obrigação contribuir substancialmente para a economia do novo lar, ao mesmo tempo em que empresta vários serviços ao marido. Espera-se que a esposa se mantenha fiel ao marido, mas esta regra não é estritamente observada. O homem deve tratar a esposa com muita consideração, pois, caso contrário ela, que conserva um grande quinhão de independência, simplesmente o abandona e volta à casa paterna. O marido é prejudicado financeiramente com a deserção da mulher e deve então se esforçar para conseguí-la de volta persuadindo-a por meio de presentes. A esposa pode abandoná-lo para sempre se assim o desejar, pois tem liberdade total de escolher outro marido. Além de privilégios, mesmo estando casada com um plebeu, a mulher da classe dos chefes conserva todos os direitos relativos a sua posição social, mesmo no que diz respeito ao marido, e deve, portanto, ser tratada com todas as honras e condições inerentes ao título... Os habitantes das ilhas Trobriand são matrilineares, os seja, em questão de descendência ou herança seguem a linha materna. **Toda a criança pertence automaticamente a clã e a comunidade da aldeia da mãe...** Em cada cabana mora uma família, isto é, marido, mulher e crianças pequenas. Os meninos e meninas já crescidos e adolescentes moram em

pequenas casas de solteiros em grupos de 2 a 6 ocupantes, separados dos pais... ” (22)

Ao terminar a descrição do comportamento dos nativos de Trobriand, aqueles estudantes universitários demonstravam um misto de vergonha e decepção. Compreenderam que antes mesmo de terem nascido, existiam “selvagens” que já tinham feito a “revolução sexual” que planejavam. O patologista colocou o tema em discussão, mas lembrou que o tempo estava limitado.

As primeiras perguntas foram incisivas:

— O senhor seria favorável à conduta daqueles nativos? Entre eles não havia liberdade sexual para a mulher? Aquela conduta não era invejável?

— Por que não deveria ser? respondeu o mestre. Em primeiro lugar, meninos ou meninas, adolescentes masculinos e femininos têm o mesmo direito de usufruir de prazer nas relações sexuais. Vamos repetir para não esquecer: bactérias, fungos, protozoários, metazoários, peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos têm filhos ou se reproduzem para preservar a espécie, quando, no ambiente, pais e filhos encontram as melhores condições para preservar a espécie, e estas condições sempre estão acompanhadas pelo prazer que oferece uma boa alimentação. Em segundo lugar, em Trobriand acreditava-se que a mulher, nas atividades de reprodução da espécie, não era igual ao homem: era superior ao homem. Tinha privilégios importantes e perfeitamente ajustados ao comportamento dos mamíferos que apresentam organização social, comportamento que parece referendado pela sociobiologia atual (41). Consciente ou inconscientemente, a liberdade sexual tinha como objetivo a formação de casais. O marido, segundo o relato, tinha a obrigação de proteger a mulher e os filhos. A sociobiologia atual, também observa que mesmo entre os seres humanos do ocidente, a mulher, inconscientemente, opta por um homem que tem melhores condições para lhe proteger os filhos. Mulheres antigas ou modernas sempre tiveram melhores condições anatômicas, fisiológicas e psíquicas para proteger a espécie do que os machos. Entretanto, nos cursos atuais de Educação Sexual, são enfatizadas, a Anatomia e a Fisiologia dos aparelhos genitais masculinos e femininos, como limitar os filhos, as doenças infecto-contagiosas e o uso de camisinha para evitar a AIDS. Não falam, por exemplo, que água e sabão são importantes para a higiene antes das relações sexuais, e que do paleomamífero humano, emerge a afeição pela prole. Esta carência ou ignorância dos orientadores é gratuitamente distribuída no Brasil inteiro. Como a afeição também está atrofiada nos que detêm cargo de poder, nossos pequenos mamíferos não têm a devida proteção do Estado. A sociedade, agressivamente, violentando a afeição paleomamífera, limita-se a confinar nossas crianças na masmorra da mortalidade infantil ou em depósitos de crianças denominados de creches. Evidentemente, que existem excessões. Queremos enfatizar, entretanto, que

os psicanalistas, psicólogos, psiquiatras e todos aqueles que estimularam a “liberdade sexual” e orientaram o comportamento sexual como medida capaz de impedir a agressão inter-individual, guerras ou revoluções, se estivessem vivos, poderiam constatar que, de maneira generalizada, a insatisfação, os conflitos individuais ou coletivos nunca estiveram tão acentuados como nos últimos cinquenta anos. Nunca a humanidade como um todo “sexou” tanto, e ao mesmo tempo, nunca conviveu com tanta agressão e com tanto medo como nos tempos atuais. Nunca tantas crianças foram chacinadas ou abandonadas a própria sorte como nos últimos anos. Devo ser claro e enfatizar: os aparelhos genitais masculinos e femininos têm como objetivo primordial preservar a espécie. Nessas áreas, o prazer pode e deve ser intenso, mas não podemos esquecer o inconsciente do mandamento primitivo biológico: dominar o meio para preservar a espécie e a vida. Tal preceito é válido também para os dias atuais. A maioria esmagadora dos homens e mulheres sabem que a superfície externa da glândula, que não é a maior estrutura do pênis e que a superfície externa do clitoris feminino são áreas importantes para desencadear o impulso sexual. Sabem também que, outras áreas, como o epitélio anal, escrotal, a irritação da uretra por afrodisíacos ou até reações inflamatórias da bexiga, próstata, vesículas, seminiais, testículos ou canais deferente são importantes. Não sabem, porém, que esses estímulos alcançam através dos nervos pudendos, a medula e os centros hipotálamicos e, que são esses centros, os mais importantes para desencadear a cópula. Ignoram que, ereção e ejaculação masculinas são atividades tão primitivas que se quer necessitam da participação da medula (11). Evidentemente, que estímulos físicos também desencadeiam o impulso sexual mas, sem dúvida, é a medula e os centros hipotálamicos, os mais importantes não só para a obtenção de prazer mas também, inconscientemente, para preservar a espécie e a vida...

— É possível, continuou que os nativos de Trobriand, desconheciam a anatomia e fisiologia dos aparelhos genitais masculinos e femininos. É possível que ignorassem também que estímulos sensoriais percebidos pela glândula e pelo clitoris, através da medula sacra, alcançassem as áreas cerebrais e liberassem, substâncias hormonais através da hipófise e que estímulos físicos desencadeassem o clímax feminino e o orgasmo masculino. Não imaginavam também que existissem núcleos hipofisários ou as ações da oxitocina desencadeando o trabalho de parto ou amamentação dos recém-nascidos. Entretanto, comportavam-se sem conflito entre a pulsão biológica primitiva do prazer e o instinto de reprodução da espécie conflito que, nós ocidentais estamos longe de dirimir... porque oscilamos ainda entre “bem” e “mau”, entre o “moral” e o “imoral” determinados pela atual cultura do poder. Esses nativos “impuros” antes de conhecerem os moralistas brancos, civilizados e cristãos que os escravizaram e os dizimavam, não conheciam a repressão sexual e os filhos de todas aquelas famílias jamais conheceram a

desnutrição crônica ou morreram de fome. A criança, para os pais e para a organização social daqueles nativos significava a renovação da vida e a preservação da espécie. Se os ocidentais, aprendessem com esses nativos como proteger a fêmea e as crias. Se essa proteção, fosse também, um dever do Estado e do Capital nossas crianças de certeza construiriam, num futuro breve, um mundo melhor... Mas, Estado, Capital e a Cultura de vencer que optaram pelo objetivo econômico, esqueceram de proteger o velho, a mulher, a criança, a Vida e nossa pequena nave espacial....

Completo o comentário dizendo:

— Ainda bem que existe um paleoencéfalo sem juízo...

- Trabalho

Quando o mestre relatou o comportamento dos nativos de Trobiand, o entusiasmo pela “revolução sexual” diminuiu acentuadamente. Haviam descoberto que essa revolução já tinha sido feita por aborígenes, muitos anos antes de Freud ter nascido. Apesar do gosto amargo que estavam experimentando, como se ignorassem a história do comportamento dos povos, continuaram atenciosos com o mestre. Esse, para encerrai’ o relatório dos sintomas que lhe cabiam considerar, abordou o primeiro sintoma referido pela paciente: havia perdido progressivamente o elã pelo trabalho que exercia.

— Julguei que o sintoma referente ao trabalho era extremamente importante, razão pela qual o deixei para o final. A paciente não suportava a idéia de que Deus considerasse o trabalho uma maldição. Primeiro, porque, segundo a Bíblia, Deus trabalhou seis dias para fazer o Universo e evidentemente não amaldiçoaria a si mesmo. Em segundo lugar, porque, na época, em que Adão e Eva pecaram, ela sequer havia nascido e não devia pagar uma dívida que não contraiu. Se considerarmos esta pulsão biológica primitiva como a ciência a define, trabalho significa uma força aplicada a uma massa que determina, nessa massa, determinada aceleração e a transporta a uma determinada distância. Segundo a definição, o trabalho gerou o Universo ou a força da explosão de um ponto de densidade infinita que transportou luz e calor, gerou o Universo. Ainda se creditarmos à ação da força gravitacional, a propriedade de agredir ou acometer o meio para agregar partículas da poeira cósmica, o trabalho da agressão da força gravitacional gerou galáxias, estrelas e planetas. Nesse planeta, energia gravitacional, forças eletromagnéticas, energia calórica e talvez, formas de energia ainda desconhecidas e átomos do mundo físico agregados, geraram a vida. O trabalho efetuado pela vida gerou as diferentes espécies vivas e o homem. O trabalho de todas as profissões gerou as civilizações que existiram e desapareceram as civilização que existem e desaparecerão para nascerem em outro lugar. Penso ter assim demonstrado ser o trabalho uma propriedade universal biológica e humana.

— Sou obrigado a interferir! protestou um estudante. Na humanidade, com exceção dos físicos, ninguém adota esse conceito. Nós vivemos num país que adotou o sistema neoliberal. E, neste país, comandado por esta ideologia, o trabalho vale, segundo o valor do produto gerado. Quanto considerar a força gravitacional como agente agressivo e gerador de tudo que existe, como foi considerado, parece-me um artifício extremamente teórico.

Pode ser teórico, mas não sou o único, neste mundo, a creditar a força gravitacional como a geradora dos astros. Basta ler Stephen W. Hawking (12).

O argumento não pareceu ser muito convincente porém o mestre continuou:

— Segundo esse conceito pela ciência física formulado, o trabalho é o mais “Velho dos Deuses”, e a humanidade não encontrará nenhuma solução para impedir a destruição da própria espécie, se não acabar com preconceitos políticos ou sociais, adotando permanentemente para o trabalho conceitos que satisfaçam unicamente o domínio daqueles que instrumentalizam a agressão através do conhecimento. Na sociedade atual, o conceito proposto pela Física, parece absurdo. Sei que, na atualidade, o conceito que proponho parece absurdo para políticos e sociólogos, mas, nem por isso deixa de ser verdadeiro. Acima de tudo, é um conceito elaborado pela ciência humana para satisfazer não só as ciências exatas, mas um elemento indispensável para a construção de um mundo melhor. O conceito de trabalho que governo, doutores, sábios, analfabetos, nobres ou plebeus devem adotar, é o conceito formulado pela Física e universalmente aceito. Matematicamente, esse conceito é traduzido pela fórmula $T=Fd$. Não haveria nenhum mal que Marx ou Adam Smith ou Max Weber tivessem aprendido esse conceito primário da Física e o considerassem indiscutível e, por isso mesmo, adotado por toda e qualquer sociedade humana. Segundo tal conceito, seriam condenados como estelionatários aqueles que cobram, por uma hora de trabalho, o valor obtido por alguém que trabalhou dez anos. Não vou citar exemplos para não me tomar inconveniente...

Como essa afirmação não era facilmente digerida pelos diplomados de todas as Faculdades de qualquer Universidade, provavelmente, para impedir perguntas inúteis, o mestre transportou o grupo para uma viagem, com o objetivo de dignificar o trabalho de um Deus criador, o trabalho da força da explosão de um ponto de densidade infinita ou o trabalho de qualquer ser vivo. Escolheu como exemplo o trabalho de um embrião humano que, a partir de duas células, constrói-se para nascer. Porque a linguagem e a fantasia do mestre ao abordar o tema, modificaram-se acentuadamente, os presentes tiveram dificuldades para interpretar o discurso do mestre. Estaria sendo sincero? Esquecera a didática ou a linguagem acadêmica? Por saudades do Sul, estaria pretendendo homenagear Ge-túlio, Jango e Brizola indiscutíveis defensores da classe trabalhadora, ironizando terceiros que apenas ostentam o nome de trabalhadores ou trabalhistas na sigla dos partidos embora não passem de subsidiárias do sistema neoliberal? *Devagarito no mas*, convidou o grupo para fazer um passeio pela Via láctea, dizendo que, se fôssemos alienígenas e visitássemos a família do sol, o pai adulto relevaria alguns sintomas da terceira idade, uma estrela ruborizada ou vermelha, de maneira alguma, pela vergonha de morar nos subúrbios da Espiral...

Citando Karl Sagan, afirmava que, ao nos aproximarmos da Terra, veríamos inicialmente um planeta azul envolvido por uma atmosfera modesta, debaixo da qual identificaríamos as montanhas vulcânicas, os mares, o traço linear dos grandes rios... Há 1000m, poderíamos ver áreas simétricas, e a 1000m acima do solo, indícios de vida inteligente... (36)

E continuou:

— Se descêssemos da nave e abordássemos algumas dessas criaturas que, em NB , no dia 20 de setembro, desfilam usando chapéu de barbicacho quebrado na testa, lenço vermelho no pescoço para esconder o papo, camisa de mangas arregaçadas por nada fazer, botas e esporas, e que, após o desfile, referem bolhas nos calcanhares, interrogando-os para saber de onde vieram, responderiam que são gaúchos polenteiros, rebentos distantes de Adão e Eva, dupla inocente, expulsa do Paraíso, por ter comido a fruta da árvore proibida. Sem rodeios, diriam que o justiceiro foi o criador do universo, um deus onisciente, onipotente e onipresente... se argumentássemos que não poderia haver, neste pequeno planeta, gerenciado pelo Sol, uma divindade tão severa para punir tão pequeno deslize de um casal apaixonado, os viventes peões e capatazes do município chamariam o vigário da paróquia, de sabedoria infalível e legítimo representante do Papa. Aparentado, leria o trecho da Bíblia informando-nos que, desde a infância, os ocidentais aprenderam aquilo que Deus disse à serpente:

“Pois que assim o fizeste, tu és maldita entre todos os animais e bestas da terra; tu andarás de rojo sobre teu ventre e comerás terra todos os dias de tua vida; eu porei inimizade entre ti e a mulher, entre tua posteridade e a dela. Ela te pisará a cabeça e tu procurarás mordê-la no calcanhar” (04) e para a mulher teria dito: “Multiplicarei os trabalhos de parto... tu parirás teus filhos em dor, e estarás debaixo do poder do teu marido, e ele te dominará” (04). A Adão, porém, disse:

“Pois que tu deste ouvidos à tua mulher... a terra será maldita por tua causa, tu tirarás dela teu sustento à força do trabalho... Tu comerás o pão com o suor do teu rosto até que te tomes terra, de que foste formado. Porque tu és pó e em pó te hás de tomar”...(04)

O mestre continuou dizendo que, se desistíssemos de ouvir a maldição do trabalho pelo vigário de NB e fôssemos a Passo Fundo (RS), aprenderíamos que a mesma maldição foi também assumida por chimangos e maragatos. Se fôssemos a Porto Alegre e ouvíssemos os letrados da capital, nos diriam que os gaúchos do planalto e das barrancas do Alto Taquari (RS) são crentes e provincianos. Como freudianos convictos, nos diriam que foram expulsos do ventre da mãe e, na intimidade, abrigam um elemento substancial, transsubstancial, consubstancial ou metasubstancial totalmente corrupto: o inexorável “Princípio do Prazer” que faz do homem um ser sub-reptiliano. Com a sabedoria do dedo indicador adquirida nos salões da nobre capital, advertiriam:

— Todos os homens são de natureza má. Antes de nascer já guardam na alma uma mancha ou o Pecado Original. Com ou sem juízo final, os homens desaparecerão do planeta! Depois das sentenças bíblicas e freudianas, ouviríamos do coral das catedrais públicas, privadas, civis, religiosas e militares o nobre objetivo dos urbanos da capital:

“Riscando Cavalos!
Tinindo Esporas!
Través das Coxilhas,
Sai de seus Pagos, em Louca Disparada!
Para quê?
Para Nada!” (35)

Ou amar é inútil! Eros, eternamente, será vencido por Thanatos.

Calou por instantes, mas humano e humanizado, continuou:

— Particularmente, amo ou imagino amar o universo, cristãos e freudianos, porque qualquer deles é meu semelhante. Se necessário, devo atendê-los, porque deles me sinto irmão e, no atendimento, encontro minha realização pessoal, porque, do Universo e da Vida, como eles, também sou descendente. A partir de duas células, sou vi vinte e no ventre da minha mãe me multipliquei açodado. Trabalhei vinte e quatro horas por dia, trinta dias no mês, durante nove meses, domingo ou feriado, sem hora extra, dia de pagamento ou de pagamento de atrasados e, até por falta de tempo, sem ler a CLT, nada poderia saber sobre patronais ou sindicatos e, sem tréguas, trabalhando por acaso ou necessidade, do sangue da minha mãe, buscava o combustível para manter a máquina da minha vida querida. Tinhososo, desde pequeno, até da minha mãe, se necessário me defendia, enquanto milhões ou bilhões de células muito bem ajustava para não me transformar num monstro, construindo minha sensibilidade para qualquer estância. Mesmo diplomado e, pelas bandas, arredado pela ostentação da eminência parda das sociedades, preferi a companhia da bomba e da cuia vazia.

Porém, apesar de viver neste rancho solitário, no social, ainda me ligo. No útero de minha mãe, meus botões desde cedo entoaram sem medo, louvores ao meu trabalho e do meu trabalho me orgulho, porque foi ele quem construiu meus órgãos e tecidos, intimamente agregados, construindo minha vida eternamente protegida pela vida da minha mãe que dela não lembro qualquer mau trato... No ventre da minha mãe, ordenei trilhões de células e outras tantas removi se estivessem mal paradas. Mesmo desconhecendo a tal da apoptose, assentei outras células mais adequadas para a perfeição dos meus órgãos, tecidos e sistemas. Copiando a ação do eterno artesanal do Universo e da Vida, construí a muralha da minha pele e, no interior do meu corpo, que tanto prazer me causa, abri os canais que transportam o ar, o sangue, a água, os alimentos e com carinho, construí também aqueles órgãos que removem até hoje, como lixeiros abnegados, qualquer coisa que possa me arruinar o sangue e não me deixam acumular" ressentimentos de qualquer espécie. Que trabalho! Que lixeiros! Por ali, nesses órgãos denominados rins, passam 180 litros de sangue por dia e removem, sem parar, até as cinzas das mágoas ou das derrotas sofridas ou as cinzas que resultaram do fogo da minha

paixão desmedida.

Esse trabalho executado livremente me isenta de qualquer culpa e, sem culpa, reascendem-se no meu interior, graças a meu trabalho, inúmeras vontades, preservando minha individualidade, como experiência única na natureza, como cada qual deve sentir-se. Cegamente, no santuário de “silêncio e oração” da cavidade endometrial da minha mãe, obedeci subordinado ao meu inconsciente reptiliano, sem imaginar a bem-aventurança de um dia ver a luz, sentir o carinho do pai, da mãe, dos irmãos e amigos e poder desatrelar minha fantasia de trote largo, cavalgando pelas terras férteis do Rio Grande hospitaleiro... Sobressaltado e ao me dar por pronto, meu inconsciente paleoencefálico (que seja abençoado pelos deuses, se eles existem), me amadureceu os pulmões com surfactante que liberou a oxitocina da hipófise da minha mãe. Rompi, então, as últimas algemas que à minha mãe me prendiam. Sem dó rasguei as membranas que construí para me protegerem do ambiente materno (porque era mui pequeno) e me lancei pelo canal do parto. No colo uterino da minha mãe, as pressões eram tantas que me fizeram imaginar ser esmagado ou transformado em guisado. Entretanto, depois de passar por aquela prensa, aprendi, desde nascença, ser duro de roer e mesmo ter sido ali quase amassado, aquele colo uterino será por mim eternamente abençoado, porque, antes de nascer, ensinou-me viver revidando ou resistindo às pressões que, muitas vezes, me provocariam, e várias vezes me aplicariam rasteiras. Respeitando a força dos outros, sem esquecer a minha força de vontade, como um César paleoencefálico, atravessei aquele rubicão e me libertei do canal do parto. Se chorei ao nascer, não se enganem: Nasci por “conta e risco”, por minha única e exclusiva vontade. Entretanto, no tremor de um choro até sem compasso, deveriam imaginar que senti saudade do confortável ninho materno? E por que não? Desde pequeno, nunca fui mal-agradecido. Chorei sim!

Mas também no choro havia o grito de quem se sente vitorioso, porque, pelas minhas ventas, entrou, pela primeira vez, o minuano pampeano, que alimenta a bravura dos ginetes. Se me fez espirar ou tossir ou relinchar como cavalo crioulo, desde cedo, aprendi: não teme viver quem tem a vida construída pelo próprio trabalho, pai do Universo em que vivemos, gerado pelos deuses ou por obra do acaso. Confesso! Era frágil como todos os pequenos mamíferos recém-nascidos. Mas a “afeição pela prole”, emergência do cérebro mamífero da minha mãe, aos seios da minha mãe me conduziu. Enquanto líquido e pedacinhos de mãe sugava, vinha-me de acréscimo e sentia na superfície corporal, o carinho e o calor de um colo macio e abençoado, ensinando-me desde cedo, ser grato ao pai, macho mamífero que me defendeu dos predadores do ambiente e das intempéries... Porque não tinha consciência nem poder, do batismo não me livre e nem imaginava terna alma “Princípio de Prazer” ou qualquer Pecado Original ou emprestado, invenção de deserdados... Convém ao homem aprender: todos os seres vivos nascem por rara felicidade:

jamais por destino encomendado e devem o nascimento ao próprio trabalho realizado no interior do útero materno. Fiz, como fazem os passarinhos que rompem a casca do ovo ou como os mamíferos: rompi as membranas placentárias, ou como todos no universo fazem: nasci porque tive a liberdade de exercer meu trabalho. No útero das mães, não existem, felizmente, empregadores nem geradores de desempregados... Também como qualquer individualidade, sinto-me, às vezes, solitário como se não tivesse pai ou mãe, como o bastardo, criado a guacho, e obra do acaso ou filho dos astros. Sou talvez uma ave migratória, mudando de querência e balizando o rumo do caminho pelas luminárias celestes, que se acendem e se apagam como chinocas abnegadas que soem fazer, amenizar, nos braços, os tropeços que, no andar pela estrada da vida, às vezes, nos derrubam por terra e nos fazem sentir o sabor e o cheiro do pó. Mas não sinto pejo, nem remorso quando distribuo manotaços por não suportar rabicho, freio ou cangalha.

Reconheço, entretanto, ser uma infinita e microscópica centelha solitária e carente e como todos procurei aninhar-me ao colo de uma mamífera que amamenta filhos e jamais considera seus rebentos de natureza má. Insisto: nosso trabalho, como o trabalho das bactérias e dos fungos foi impresso em todos os viventes pelo papel carbono dos astros. Como o trabalho gerador do Universo e da Vida, nosso trabalho é o parteiro gerador também do conhecimento. E, sem preconceitos ou escravo de qualquer ideologia, louvo o conceito de trabalho formulado pela ciência, traduzido pela fórmula, $T=F.d$, apesar das razões das filosofias, da lei de dominar, ou de quem vive de juros sem render homenagem ao trabalho alheio... Não podemos aceitar as ideologias elaboradas pelo pensamento que pretendem substituir esse conceito, exclusivamente para perpetuar a estratificação social, responsável pela atrofia do paleomamífero e a solidariedade neocortical pelo contexto social. A barreira imposta pôr tais preconceitos arbitrários mantém, fossilizadas, as relações de poder entre nações, as relações entre diferentes profissões e as relações entre patrões e assalariados.

Todos, senhores e escravos, são geradores e construtores da organização social e têm direito de usufruir dos bens gerados pelo trabalho. Teriam os antropólogos, filósofos e sociólogos a ousadia de contrariar essa afirmação? Ou, todos eles, submeteriam-se à inconsciência da ciência e perderam a imaginação, preservando as desrazões da razão e a perversão da consciência? Como seria bom acordar e ler no jornal, logo de manhãzinha, que a timocracia neoliberal leu e aprendeu alguns conceitos primários de vida, de etologia e de evolução biológica que qualquer cartilha infantil ensina... e convocasse uma reunião extraordinária para transformar esses conceitos em lei, até para diplomados adotarem... satisfazendo os princípios de igualdade, na complexidade e na diversidade do mundo físico, biológico e social...

Alguns que desconheciam o mestre, imaginaram que o vinho lhe estivesse substituindo a linguagem, sempre ponderada e equilibrada, ou que,

a falta de vinho lhe impedisse traduzir pensamentos objetivos. Alguém muito receoso em atribuir valor ao trabalho dos que não têm diploma, alcançou-lhe o copo para dividir um trago, ironizando:

— É o paleoencéfalo também o responsável pelo trabalho?

— A pergunta chegou na hora marcada!!! Desde a primeira célula nervosa, o cérebro comandou o perceber, o computar e ordenou o trabalho muscular, sem esquecer os tecidos de sustentação - protetores das células que realizam trabalho especializado. O cérebro primitivo é o empresário que preserva a vida e a individualidade de cada célula e tecido humano. Emprega todas e, como recompensa pelo trabalho realizado, células e tecidos têm a vida por ele protegida, sem impedir ao conjunto consciência de existência. Ser, pelo menos assim, como réptil primitivo, cada patrão ou participante do poder deveria comportar-se, porque, através dessa conduta, poderia evoluir e apresentar, no comportamento, a afeição paleomamífera, a amizade neocortical, integrando-se à evolução da vida paralela à evolução cerebral. Creio que esse objetivo primário deveria ser a meta de quem governa. Ou quem sabe, os deuses, por inveja dos homens, protegem o poder sub-reptiliano de quem defende os objetivos do lucro, isto é, do roubo, e permitem perpetuar genocídio, escravidão e predação ambiental?

Para os céus, a pergunta soou como ofensa. A escuridão, como se fosse o manto dos demônios, envolveu o rancho e as redondezas...

- Medo

Silenciaram as vozes dos descrentes, materialistas ou ateus e dos estudantes que adoravam Deus. As chamas apagaram-se. Porém, das cinzas, a voz do medo, calada nos porões dos inconscientes, geneticamente herdado ou nos pré-frontais arquivada, era ameaçadora, terebrante e implacável. O medo se fez ouvir soberano e apresentou-se na expressão da face dos agnósticos e dos crentes que haviam abandonado a fé. Apesar do breu que cobriu também os horizontes, a palidez anêmica do medo, para o olhar atento podia ser vislumbrada na face daqueles mancebos revolucionários. Sob o império do medo, as almas dos estudantes sentiram um frio empedrado e, do ambiente, exalava tão mau cheiro que parecia ter havido relaxamento esfínteriano coletivo. Assaltados pelo remorso, admitiam que poderiam ser punidos pelos pecados naqueles dias cometidos, traindo Deus Pai que sofria a dor de Jesus Cristo, de espinhos, coroado e crucificado entre ladrões...

O mestre também ficou surpreso, mas não tinha qualquer dor de consciência: a consciência cristã construída, era uma página perdida pela memória. Levantou e sem qualquer emoção ou palavra, foi para a beira do rio. Pretendia peitar quem ousara afrontar os discípulos que protegia. Atrevido, olhou para os céus à procura do culpado, mas, ao descobrir o autor da escuridão, comentou baixinho para os ouvidos planetários:

— A lua como o sexo feminino consome qualquer aresta inconveniente: seja a rigidez do animado ou inanimado, a frieza do metal inerte ou o calor do ferro incandescente. Santifica com mil raios de luz a dor dos loucos apaixonados: Incansável, na ternura do olhar, ressuscita o amor dos condenados. A lua é a mão que se estende para famintos de amor, a esperança dos agônicos e participa da construção da vida e da realidade dos sonhos da humanidade inteira, sem qualquer cobrança de retomo. Agora, no eclipse, a lua cheia que se apaga, acende o cintilar de bilhões de estrelas, mudando eternamente de lugar para ninguém contá-las e me diz que o caminhar deve ser eternamente por veredas desconhecidas... No quarto crescente da lua-de-mel, recorda-me doçura do coito ardido, muitas vezes ressuscitado, como as chagas que eternamente cicatrizam no prazer do orgasmo. A lua cheia também me devolve a luz dos amores adormecidos e, no quarto minguante, convida-me a agasalhar, como eternamente fizeram comigo, chinocas errantes e solitárias, que têm, na face, a palidez da saudade vazia e, no corpo, o bálsamo para abrandar a dor do amor frustrado... Na lua nova, descubro que o amor nasce além dos horizontes... e me devolve o eterno recomeçar do dia de todos os dias que virão...

Voltou silencioso, devagar como convém aos desconhecidos ao chegarem numa querência dominada pelo medo. Qualquer ruído pode determinar reação fatal. Enquanto se acomodava ao redor do fogo de chão,

dizia aos moços que deveriam aproveitar a experiência para conviver com o medo. Ensinou que na balança do medo alternam terror e bravura, ambos medonhos. E se pecassem por amor, que o fizessem sem medo, porque, ao pecar, deuses e demônios da juventude têm inveja, porque deuses ou demônios não conseguem amar com tanta ternura...

— Tenho certeza, dizia, de que existem dois tipos de medo: o medo geneticamente herdado, guardado no porão paleoencefálico e o medo aprendido e arquivado, provavelmente, no inconsciente adquirido. Como exemplo de medo geneticamente herdado, podemos citar o som, com características de explosão. A outra forma é o medo aprendido ou adquirido e arquivado, provavelmente, na memória pré-frontal oriundo da experiência. Como exemplo podemos citar o cair de um martelo que nos fere o pé. Quando nosso pé, estiver exposto a novo acidente, para não sermos traumatizados pelo martelo, retiraremos o pé. Nessa noite, a escuridão determinada pelo eclipse, despertou o medo geneticamente herdado e a consciência religiosa, construída na infância, despertou o medo apreendido. Associados, dispararam a emoção medo através da amígdala. Porém, a emoção e o sentimento nessa noite vivenciados, não devem servir para nos culpar de pecado ou covardia. Nenhum dos senhores foi educado para conviver com o medo da escuridão repentina que a vida nos apronta. Temer o desconhecido é normal. A escuridão, nos dizem, tem olhos e fúria de dragão. Já imaginaram o homem primitivo? Nossos ancestrais temiam e adoravam o Sol e a Lua que comandavam os céus... o fogo que dominava a terra, os ventos ao mar. Todos, fossem pedras, plantas ou animais eram deuses, e a todos, com exceção dos homens, os homens primitivos deviam temer, louvar e adorar ... O medo gerou os economistas primevos que intermediavam o comércio entre os deuses e os homens... Séculos dominaram o filosofar religioso, quando o homem se surpreendeu com a existência do pensamento, da razão, da lógica, da ética, da consciência e da inteligência, desalmando o sol, a lua e os elementos, doando uma alma aos negros e aos demais hominidas que, espiritualizados, os cristãos já não poderiam escravizar... Nasceram, depois dos escravos, os assalariados do Estado e do Capital e a escravidão dos subdesenvolvidos, no planeta, indesejados pelos reptilianos que usam a máscara de autocivilizados...

Mas o medo eternamente ressuscita também entre os cidadãos do primeiro mundo, porque o medo está presente também nos que pretendem dobrar o planeta como se nosso pequeno astro tivesse joelhos...

O medo a todos surpreende e todos podem vê-lo porque se estampa na face. O homem branco, mais pálido parece. Negros, amarelos, vermelhos, com medo, parecem, momentaneamente, perder a cor. Hominidas de todas as raças, com medo, ficam flácidos e parecem desarticulados como enguias fora d'água. O medo até nos fortes determina relaxamento esfinteriano também observado entre nobres, reis, ditadores, presidentes, prefeitos, deputados,

vereadores, delegados, na burguesia ou nos marginalizados... que o diga a água das lavanderias... Terror silencioso, às vezes, fatal é o medo que assalta os deprimidos (como a paciente). Esses, tudo e a todos temem. Não temem à morte que, num ano, o suicídio leva um milhão... Os centros do medo herdado residem no ID paleoencefálico, ali alojados e de juízo despojados. Conselho não vale, mas conviver com o medo geneticamente herdado ou o medo aprendido e na cortical arquivado revela sabedoria ou arte, mesmo para os confinados no manicômio planetário: para não sermos pelos loucos depredados, muito mais loucos devemos simular e jurar: tememos o sol deitar e não levantar; a lua cair; o mar transbordar; a terra nos engolir ou dormir e não acordar. Aprender é necessário: o medo está na raiz da raiz da vida, que, para existir, deve conviver com o medo da própria raiz...

E o mestre concluiu:

— Acultura de vencer, provavelmente, atingiu os principais núcleos hipotalâmicos, de onde emergem o comportamento do cérebro réptil. Nossos colegas Anamaria e Marcos continuarão comentando os sintomas e áreas cerebrais comprometidas pela doença.

- Afeição

Anamaria era discreta. Indiferente aos apelos da juventude feminina da época, também não estava preocupada com os destinos da política nacional ou internacional.

Discreta, desde cedo, fora ensinada pela experiência da mãe que a “carne é fraca”. Por isso, ao sentar, deveria, segundo a mãe, juntar os joelhos e cobri-los com a saia. Essa atitude poderia frear os impulsos libidinais do sexo oposto, que poderiam induzi-la a pecar antes do casamento como a mãe... e as senhoras da família das “Alterosas” teriam feito... Em relação as colegas presentes, parecia ter optado pelo convento e alguns, maliciosamente, consideravam-na assexuada...

No acampamento, passava desapercibida como se fosse uma sombra. Apenas Luís Carlos dela se aproximava para comentar o andamento dos trabalhos, ou o futuro da escola que amavam...

O diálogo entre os dois sempre terminava em "paz consentida". De um lado, uma teia armada para apanhar a presa e do outro, um pecador em potencial, contido pela proteção de São Jerônimo, impedindo-o de cair em tentação. Apesar da promessa de casar virgem, nos momentos de lazer, sempre que surpreendi a Anamaria sentando, numa cadeira, juntando os joelhos, cobrindo-os com a saia, o demo da orelha esquerda (o irmão mais novo do capeta que habitava o canal auditivo da orelha esquerda da paciente), dizia-lhe que deveria afastá-los e buscar o tesouro que escondiam... considerando pecado tal desejo, confessava-o ao padre que era surdo...

Sem saber que estava obedecendo ao demo, Luís Carlos sugeriu aos colegas que Anamaria também fosse co-relatora. No convite, não existia nenhuma intenção maquiavélica, tanto por parte daquele que fez, como daquela que aceitou o convite. Anamaria provaria à mãe que a “carne era forte” e Luís Carlos, quase médico, dispensaria São Jerônimo, porque os médicos também deveriam aprender a não cair em tentação...

Coube à estudante comentar o seguinte sintoma: a paciente, por ocasião da consulta, havia se isolado das pessoas com quem mantinha relações afetivas, preferindo, na época da consulta, conviver com a solidão.

Apesar do riso e das vaias dos colegas, quando o nome da estudante foi anunciado pelo coordenador dos trabalhos, polida e, convincentemente, começou assim o relato:

— Os organizadores da reunião solicitaram-me que comentasse sobre as “relações afetivas” da paciente. Concluí inicialmente que a expressão “relações afetivas” não traduzia para mim o verdadeiro sentimento da paciente. Se continuasse usando a expressão “relações afetivas”, não estaria sendo

honesto comigo e nem com aqueles que estão me ouvindo. Socorri-me então do dicionário. Ali, o termo "afeto" significava sentimento temo de adesão gerado por uma pessoa ou animal. E logo vinha a palavra "afeição" como sinônimo de afeto, sinônimo que considero inaceitável, fato que parece ser verdadeiro, porque, no mesmo dicionário, item 4, afeto poderia significar reação de agrado ou desagrado em relação a algo ou a alguém. No mesmo dicionário, no item 6, segundo a psicologia, o termo poderia significar "sentimento ou emoção em diferentes graus de sensibilidade, por exemplo, amizade, amor, ira, paixão, etc... ou ainda para Freud, os afetos seriam reproduções de acontecimentos antigos e de importância vital e, eventualmente, pré-individuais. No mesmo dicionário, outros conceituam a afetividade como um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções e sentimentos, acompanhados sempre de satisfação ou insatisfação, agrado ou desagrado, alegria ou tristeza, prazer ou desprazer (15). Entretanto, existe uma nova concepção de cérebro, e nosso orientador de patologia insiste que deva ser divulgada. Particularmente, vou me empenhar, demonstrando que esta nova concepção deve ser urgentemente adotada. Segundo Paul MacLean, citado por Robert Whiggl, existiria um cérebro réptil, um paleomamífero e um neocórtex humano. Do paleomamífero emerge a "afeição pela prole" (41). Essa divisão cerebral me permitiu conceituar a afeição como uma emergência cerebral que se manifesta sob a forma de emoções e sentimentos acompanhados sempre de satisfação, agrado, alegria, prazer e carinho ao contato físico, independente ou associado às atividades de reprodução da espécie. A partir de agora poderíamos dizer que afeição, ou psicoafeição que ainda não existem nos dicionários, poderiam ter significados singulares.

— Nesta sessão, o vale-tudo e o não-vale-nada são sinônimos. Até os dicionários são corrigidos ou alterados... comentou o estudante gaúcho:

— Por favor, tchê! Além de dormir pilchado e ficar dois dias sem tomar banho, tu interrompes a reunião como quem duvida de tudo. Descartes já está com ciúme! Mais uma dessas vou te sentar num formigueiro para te acalmar...

Mas, dessa vez, não foi o patologista. Foi Luís Carlos, que saiu na defesa da colega. O patologista coordenador dos trabalhos usou, pela primeira vez, o direito de chefe para conter a confusão que estava pronta para explodir. Mandou e não pediu:

— A platéia ouve e vai ficar quieta ou vou puxar a açoiteira com ponta de chumbo... Anamaria continua e ninguém mais vai interromper! É uma ordem ou "questão de ordem"...

A estudante continuou:

— A afeição pela prole depende de uma complexidade cerebral significativa, que não é observada no cérebro dos répteis. Essa emergência não é uma modalidade de comportamento desprovida de significado. E, sem

dúvida, um mecanismo de adaptação-seleção, sem o qual não haveria nem aves, mamíferos ou seres humanos. Muitos, que nunca se aproximaram de um ninho de passarinho ou de uma gata com filhotes, afirmavam que o homem era o único ser vivo, que, abandonado à própria sorte, não teria condições de sobrevivência, uma demonstração de ignorância desmedida. A “afeição pela prole”, normal mente, é referida como amor maternal, paternal, ou amor fraterno, porque entre familiares da mesma espécie, essa emergência cerebral, de forma natural, manifesta-se. Essa emergência de comportamento pode ser observada também entre animais de diferentes espécies ou entre animais e seres humanos e não depende também, nem de uma alma imortal, de uma concessão divina, ou ainda, da bondade de origem cardíaca, como queria Bichat. Se considerarmos as pulsões biológicas como a cabana primitiva da vida, a “afeição pela prole” é uma nova dependência que à vida se acrescenta. E através dessa emergência cerebral que, no comportamento dos seres vivos, manifesta-se também a alegria de viver, a alegria de um encontro inesperado, a saudade de uma ausência querida, como se, entre os seres vivos, existissem entidades viscerais que buscam a beleza como companheira da vida. Esta emergência não é também nenhum sentimento altruístico. Não existem cerimoniais para condecorar as mães dos mamíferos ou aves que zelam pelos seus filhotes. Afeição pela prole ultrapassa as relações de recompensa ou castigo. Nunca vi um bebê recém-nascido oferecer uma moeda para a mãe, como quem paga pelo leite que mama. Entre seres humanos desavisados, essa emergência é grosseiramente comparada ao amor neocortical humano, porque é notória a afeição do macho humano mamífero em relação à mulher grávida, afeição que pode ser observada, entre homens primitivos analfabetos ou seres humanos da raça pobre (com exceção dos virtuosos puritanos) de todas as raças, partidos políticos ou religiões. Particularmente, nunca percebi que alguém se escandalizasse se uma mulher amamentasse a criança em locais públicos ou entre a multidão de festa religiosas, civis ou militares. Apesar da cultura insistir em considerá-lo o homem como o pior dos animais, a emergência da afeição nestas fêmeas mamíferas é notória. Nos exércitos de outrora, por exemplo, as mulheres acompanhavam os guerreiros, para manter “a moral da tropa”... Mas além da “moral”, as mulheres cuidavam das feridas dos soldados que sobreviviam aos traumatismos do furor paleoencefálico. É possível que a afeição mamífera, aliada ao neocórtex e inconsciente paleoencefálico, tenham induzido Ana Néri a fundar a Ciência da Enfermagem. E notória também a afeição mamífera da mulher, aliada à inteligência do neocórtex, que vela pelos pacientes hospitalizados ou domiciliados, que cuida das feridas de aidéticos, leprosos ou das escaras de decúbito dos pacientes, por longo tempo, acamados. A maioria dos economistas ou tecnocratas que desconhecem as áreas cerebrais responsáveis pelo comportamento dos seres vivos e ignoram o cérebro que carregam no interior do crânio, atribuem ao dinheiro ou ao altruísmo este cuidado mamífero. Acostumados ao lucro (e onde há lucro, há roubo), insistem em transformar o trabalho dos profissionais da saúde ou da

limpeza urbana em mão-de-obra barata. Mesmo assim, estas mamíferas, quando os esnobes intelectuais, que têm por objetivo de vida acumular dinheiro estão hospitalizados, elas ignoram de onde procedem, o que fazem, o que pensam e não sonham a esses senhores nem cuidado profissional, nem conforto ou carinho para lhes aliviar as dores orgânicas ou psíquicas que referem. Quantas vezes essas mamíferas aliviaram a dor dos pacientes que se sentiam abandonados pelos próprios familiares e velaram pelos que ignoravam a existência da luz e do som? Quantas vezes o homem despertou apavorado de sonhos e pesadelos reais ou imaginários, no colo de uma mamífera que matematicamente lhe dizia e extasiados ou boquiabertos se surpreendiam quando a fêmea mamífera lhes dizia que poderia existir uma “luz no fim do túnel”? Quantas vezes, pelas mãos e pelas palavras dessas mamíferas, ressuscitaram os machos humanos das dores ou derrotas sofridas, ou os reergueram do solo onde estavam prostrados para reconfortados, procurar e abrir novos caminhos? Quantas vezes os lábios das mamíferas humanas se abriram, inconscientemente, para dizer aos homens que, apesar da dominância paleoencefálica, ainda existiam as flores da primavera, os frutos do verão, o colorido das folhas de outono e o calor que aglutina os homens nas noites de inverno? Quantas vezes mostraram aos homens que o nosso céu tem estrelas, que a lua tem poesia e que os raios de sol geraram a vida de todos nós? Quantas vezes os homens despertaram das trevas de uma noite incerta e as mulheres com afeição lhes abriram os olhos para ver na madrugada as pequeninas gotas de orvalho que refletem raios de luz para acender a chama da alegria, a volúpia do prazer e o sonhos de um devir? Mesmo no entardecer da vida, essas senhoras nos ensinam a agradecer e louvar a loucura de existir. É no colo da mãe mamífera que os recém-nascidos descobrem os sonhos, como o homem que encontra realização inconstante quando lhe dizem que é pai. Será que o homem tem vergonha de reconhecer que também tem paleomamífero e que, através do carinho, da ternura, da alegria, da satisfação e do prazer, poderia se manifestar com afeição sem comprometer a virilidade? O pavão também recolhe as penas e nem por isso perde a majestade. Por que o macho humano tem tendência a omitir o abraço para o pai, para o irmão, para o filho? Porque somos universitários, temos direito de nos dirigir aos mamíferos que nos geraram como “velhos quadrados”? Se não construíram um mundo melhor foi porque nossa cultura, como muito bem demonstrou o mestre Válder, é infantil. Gostaria de lembrar, aos aqui presentes, que me surpreendo, às vezes, bem vestida e maquiada, procurando alguém que possa ser pai e protetor dos meus filhos. Essa atitude pode ser desencadeada pelo chamado “movimento liberador inato”, que leva a fêmea a atrair e prender o macho para lhe proteger as crias? É através do paleoencéfalo que se construiu a afeição? Não estou aqui para interrogar, mas, advertir que se não perceber de um macho pretendente caráter e energia suficientes para proteger a mim, o meu território e os meus pequenos mamíferos, de certeza, não concederei meus favores de fêmea porque me sentiria prostituta. Sei que minha sensibilidade medular

periférica está intacta e reconheço, por essa razão, que qualquer macho poderá desencadear, no meu corpo, o prazer que contaminará todas as minhas moléculas, células, tecidos e vísceras corporais. Posso até consentir que isso aconteça pelo prazer do prazer, mas no meu leito, a higiene mental é indispensável para alguém que pretenda dividir comigo a mesma cama. Para mim, conviver com o meu paleoencéfalo e neopáleo mamífero preservados são sinônimos. A nenhuma mulher falta competência para satisfazer o prazer de um homem; entretanto, por ora não aconselho ninguém se transformar em produto de consumo, ou apenas em máquina geradora de prazer. Porque sou mamífera e portadora de neopáleo como a paciente, ela e eu temos o direito, direito inconsciente de exigir do macho, além de um pênis, um mínimo de afeição e sentir deste homem a proteção que qualquer fêmea mamífera deve exigir. Imagino, vou repetir, que meu paleoencéfalo é quem suporta meu neopáleo, como a paciente de certeza, pretendia: que, além dos braços do macho que apertam, ele deve ter também mãos e lábios que acariciam, porque, desde McLean, aprendemos que o neopáleo mamífero, de onde emerge a afeição, esta área cerebral está intimamente relacionada aos núcleos hipotalâmicos (paleoencefálicos). Quando nossos mestres nos dizem, que entre nós, acadêmicos, deve existir afeição, é para que o nível desse sentimento não se atrofie. Sugerem também que, no relacionamento com nossas pacientes, eles possam perceber ou sentir que na nossa conduta a afeição está agregada. Em outras palavras, para traduzir didaticamente aquilo que afirmam para nós, discípulos da profissão de Hipóci ates, nossos orientadores aqui presentes nos dizem que devemos ter pelos nossos pacientes um nível de afeição que traduza agrado, carinho, satisfação e prazer como a afeição que pode existir entre os cães, ou entre os cães, ou entre os cães e seres humanos. Quem é mamífero não pode ter a pretensão de viver sem receber ou oferecer afeição, sob pena de viver triste, encaquilhado, ansioso, infeliz, angustiado ou deprimido. E, muito obrigada por não me terem interrompido!!!

Anamaria não pronunciou mais nenhuma palavra. Mas, ao sentar, juntai os joelhos e cobri-los com a saia, os olhos de Luís Carlos perceberam alguma coisa nos olhos dela que lhes despertaram novamente o demônio, a expressão do estudante era de quem via S. Jerônimo nocauteado pelo forçado do capeta. Adão já não resistia à tentação...

- Amizade

Marcos era o último dos relatores. Foi incumbido para falar sobre um sintoma importante referido pela paciente: porque permanentemente viajava, sentia-se sem raízes e não tinha amigos. Abandonara as pessoas com as quais mantinha relacionamento e preferia a solidão.

O orientador de patologia sabia que este aluno, costumava referir-se a ele, como velho quadrado. Mas o patologista não sabia que se lhe perguntassem porque razão assim o considerava, Marcos divertia-se respondendo: o professor de patologia na verdade é um cubo, porque de qualquer lado que você lhe vê a cabeça, vê um quadrado. Por isso vive dizendo, que o homem tem quatro cérebros na cabeça. Como se ele tivesse um de cada lado...

— Mas um cubo tem seis faces!!! Argumentavam alguns...

— Concordo! Respondia Marcos. Mas se você prestar atenção poderá descobrir que a face superior do crânio dele é de doidão e aquela que está na base... bem essa eu não sei o que é... acho que nem ele sabe... e ninguém conseguirá saber...

Assim era Marcos. De “bem com a vida ” onde estava, a tristeza abandonava o ambiente. Com frequência era chamado para resolver da melhor maneira “as encrencas ”, na época muito comuns, entre estudantes, ou entre professores e alunos, principalmente entre aqueles que pesquisavam sobre o mesmo tema. Para ironizá-los fazia um risco no chão como se faz para os loucos do mesmo hospício. Se os professores lhes perguntassem porque o risco no chão, respondia:

— O professor que passar debaixo deste risco vai ser ajudado por mim a publicar o trabalho em primeiro lugar.

— Não é necessário dizer, que segundo ele, muitos pesquisadores tentaram e por não conseguirem, explicavam:

— A culpa é do nariz... mas vou tentar outra vez...

E acrescentava:

— Se os professores aparecessem depois com problemas nasais traumáticos, respondiam estar com doença alérgica, quando o trabalho de pesquisa se prolongava por alguns meses. Se o trabalho de pesquisa era de revisão de literatura, desculpavam-se dizendo que estavam com resfriado comum...

Além de divertir-se com estas agressões que caracterizam a rivalidade que normalmente existe entre pesquisadores, professores, ou professores e alunos, porque todos são obrigados a vencer os inimigos da própria tribo,

Marcos tinha uma outra característica: tinha na face a expressão de quem havia superado todas as barreiras que se interpõem para galgar o topo da pirâmide social. Por isso talvez aparecesse com camisa de mangas curtas, quando todo mundo usava gravata. E se alguém falasse das viagens que havia feito para o estrangeiro, às vezes, ironizava dizendo ter passado as férias na fazenda, derrubando temeiros pelo rabo para marcá-los...

Marcos continuou da seguinte maneira:

— Nossa colega Anamaria descreveu a afeição ou “psicoafeição” como uma nova dependência que se acrescentou à cabana primitiva da vida, dependente do paleomamífero das aves e dos mamíferos. Nós considêramos a “afeição seletiva” de Paul Mac Lean como “amizade”. Esta é mais uma dependência que se acrescenta ao comportamento dos seres vivos, dependente de um neocórtex acentuadamente volumoso como o cérebro dos chimpanzés e do homem. Esta emergência de comportamento é talvez rudimentar nos antropóides mais evoluídos, mas desde os gregos esta propriedade é importante nas relações humanas...

Acrescentou que Aristóteles ao abordar a amizade na *Ética a Nicômaco* considerava a amizade uma virtude extremamente necessária à vida... “*A amizade ajuda os jovens evitar o erro, ajuda os velhos amparando-os em suas necessidades ou suprindo suas necessidades que declinam com o passar dos anos...*” Dizia que uma das coisas mais nobres é ter amigos... E citava aforismos da época: “*cada ovelha com sua parelha*” ou “*dois do mesmo ofício nunca se entendem*” ou citando ainda Eurípedes: “a terra seca ama a chuva, e o divino céu, quando pleno de chuva, adora cair sobre a terra” e Heráclito: “*o que se opõe é que é amigo*” e “*de notas diferentes nasce a mais bela melodia*” ou, “*todas as coisas são geradas pelo antagonismo*”, Dizia ainda que “*benivolência recíproca torna-se amizade*”... Afirmava também que a amizade perfeita é aquela que existe entre os homens que são bons e semelhantes na virtude, pois tais pessoas desejam o bem um ao outro de modo idêntico e são bons em si mesmos. O amor e a amizade, portanto, ocorrem principalmente e em sua melhor forma entre homens desta espécie. Apenas há amizade entre os bons, e só ela é invulnerável à calúnia, pois não damos ouvidos facilmente ao que qualquer um diga a respeito de alguém que durante muito tempo foi posto à prova; é entre os bons que encontramos a confiança do sentimento expresso em palavras”. Inspirado em Aristóteles, Voltaire poderia ter resumido: “*os bons têm amigos, os outros, cúmplices*” Cícero, que em muito se identifica com Aristóteles, afirmava

“entre os amigos a lealdade, generosidade e equidade estão livres de cupidez... Os amigos não nos induzem a possuir honrarias ou riquezas que não temos direito de possuir ou obter prazeres efêmeros que apenas embrulecem o espírito... A amizade não se limita a troca de favores, porque entre amigos não há balança para medir aquilo que se

recebe com aquilo que se dá... A maledicência é incompatível com a verdade, a temperança com paixões, a coragem com a covardia”(06).

E nesta expressão poética alguém poderia completar dizendo que a amizade é a propriedade indelével dos fortes, porque apenas são fortes aqueles que protegem os fracos...

E continuou assim:

— Particularmente, tenho observado que os amigos podem ser até concorrentes, procurar a verdade até por diferentes veredas, mas não escondem o que encontram durante a caminhada, porque desvendar os segredos que a todos nós podem beneficiar é o objetivo de ambos. Entre amigos não existe nenhum pejo quando confessam que na profundidade das raízes do comportamento que revelam podem estar embutidas, a natureza de comportamento de bactérias, fungos, vermes ou répteis, mas acreditam que a amizade associada às pulsões biológicas primitivas, não prejudicam o mundo físico e biológico ou o nosso semelhante. Os amigos estimulam a todos os que protegem o solo, as águas e a vida. Muitas vezes têm até o frágil comportamento das flores, porque a única arma que possuem é a beleza de comportamento que revelam. Também é semelhante à beleza das flores porque estas parecem conciliar vida e morte. Cícero e nossa experiência pessoal ensinam que a lembrança de amigos que para sempre partiram, não traz nenhuma angústia, tristeza ou depressão. Afirmo ainda que do nosso inconsciente pré-frontal, podemos eternamente evocar os momentos felizes que com eles partilhamos, seja na contemplação do belo que vem das artes ou na contemplação deste céu gaúcho, em particular de Passo Fundo (RS), terra abençoada de onde nascem as águas que abençoam e contribuiram para batizar o Rio Grande do Sul. Dos amigos não guardamos saudade, porque das prateleiras da nossa biblioteca prefrontal podemos folhar e ler as páginas arquivadas onde se descrevem as denotas sofridas, pequenos rebulíços que fizemos, os prazeres que juntos usufruímos ou as pequenas vitórias que obtivemos. Pais e filhos de mamíferos e hominidas, pelos hemisférios cerebrais volumosos que possuem, como ensina Mac Lean, são capazes de manifestar sentimentos de amizade com vizinhos e colegas de trabalho e profissão, mesmo que entre eles não existam laços familiares, porque esta emergência cerebral, supera ou ignora divergências políticas, religiosas, raciais ou culturais. Devo lembrar aos colegas, que não podem ver o cérebro apenas como a sede de lesões genéticas, congênitas, metabólicas, degenerativas, inflamatórias, neoplásicas, decorrentes de traumatismo encefálico ou doenças psíquicas. Lembrar que dessa massa encefálica gelatinosa emergem também as propriedades da afeição e amizade. Também concordo com o mestre e nossa colega Anamaria: a paciente tem características da depressão, porque entre as queixas referidas pela paciente, na proporção em que a doença progredia, progressivamente abandonava as pessoas com as quais se relacionava e

passou a conviver dolorosamente com a única companheira que lhe restou: a solidão... Gostaria que lembrassem destas observações permanentemente.

Depois de uma breve pausa prosseguiu:

— Não esqueçam Aristóteles, que dizia: "a amizade é uma virtude extremamente indispensável à vida". Poderia afirmar ainda: se do neocórtex, segundo Mac Lean, emerge talvez "a afeição seletiva" ou amizade, um homem sem amigos é talvez um mutilado que lhe falta uma porção neocortical impositante...

Marcos decepcionou a todos. Não foi o moço alegre e feliz que aparentava. Parecia até constrangido. Ninguém fez perguntas, não houve aplausos e agradeceu como se estivesse envergonhado...

Todos esperavam também que entre o patologista e o estudante Marcos pudesse haver algum tipo de agressão. Mas para a decepção de todos, nem isso ocorreu...

Quando Marcos terminou, o mestre e o patologista trocaram olhares significativos. Pareciam concordar que este sentimento como a afeição atrofiados pela cultura de vencer, eram tão difíceis de serem percebidos entre as relações humanas como encontrar substâncias transparentes na escuridão...

Encerrado o trabalho dos relatores, chegou a vez do anátomo-patologista apresentar o diagnóstico...

V. O DIAGNÓSTICO DO PATOLOGISTA

O Patologista era daqueles personagens estranhos, nunca bem-vindos e sempre discriminados que, a partir da infância, para sobreviverem em ambiente hostil, são obrigados a abrir espaço na “marra”, ultrapassando preconceitos políticos, religiosos, raciais e culturais, vencendo ou demolindo a intolerância dos donos ou mandachets de instituições da sociedade. Apesar das circunstâncias, quando inteligentes, descobrem cedo que existem dois mundos distintos: o primeiro se veste de uma máscara e “faz-de-conta-quê”. O outro, por detrás da máscara, governa o mundo como se, no mundo, existissem somente répteis...

Não tendo escolha, para melhor defender-se do meio, estampou na face, a ironia, aliada a uma dose indiscutível de comportamento tão agressivo como a cultura que o agredia. Com o passar dos anos, construiu ao redor de si uma muralha e não fossem as observações dos mais jovens talvez acabasse tão fossilizado como alguns catedráticos que detestava. Entretanto, com o auxílio da juventude, aprendeu, com muito esforço, a tentar conviver com o mundo físico, biológico e social. Auxiliado ainda pela consciência cultural que construiu, reconhecia que sem a contribuição dos ambientes acima referidos, não teria condições de sobrevivência. Entretanto, o conflito entre a cultura dominante, o animal que sentia existir dentro de si e o homem que desejava ser, eram três personagens que viviam em conflito, muito semelhante ao conflito descrito pela paciente.

Inconscientemente, durante a vida, eternamente ao que parece, não admitia morrer sem compreender a balança que determinava a humanidade oscilar entre Bem e Mal. Ouvia com frequência a observação de um dos estudantes do grupo, paulista com o sotaque de Piracicaba, que costumava afirmar: “*A humanidade continua ridícula*”, uma frase bem mais sociável daquela que costumava dizer para si: “*A humanidade continua estúpida e o poder digno de piedade*”, porque considerava a piedade o pior dos sentimentos...

Encistado na disciplina de Patologia, defendia-se razoavelmente bem da megalomania do poder e nunca foi tolerado pelos diretores de escolas e hospitais onde trabalhou. A aversão pelos mandarins da faculdade recém-nascida acentuou-se quando descobriu que nos bastidores, a cúpula tramava contra os ideais da Interdisciplinaridade, a Prevenção da Doença, a Promoção da Saúde e a Medicina de Comunidade. O Patologista era apenas tolerado pelas direções porque, de certa forma, não encontravam ninguém para substituí-lo. Imprudente e impulsivo, não escondia a indignação e a repulsa que sentia pelo poder. Este desejava perpetuar com a colaboração de “estudantes profissionais” a didática e o objetivo da medicina ditada por D. João VI que, ao

passar pela Bahia de Todos os Santos, “fundou” a medicina curativa, e o aluno deveria desenhar as preparações histológicas para aprender morfologia microscópica, um câncer que ainda não tem tratamento adequado pela didática acadêmica...

Quanto aos estudantes, tratava-os rigidamente. Exigia, sem tolerância que os alunos descrevessem as peças cirúrgicas ou de necropsia obedecendo às regras científicas de Galileu (medir, pesar, etc.). Além da localização precisa da lesão, deveriam constar nos relatórios, tamanho, forma, cor, consistência, delimitação e a relação dessa lesão com as estruturas vizinhas de aspecto habitual. Não era diferente em relação às preparações microscópicas. A preparação ou corte histológico deveria ser descrito antes de a lâmina ser colocada no microscópio. Depois, com o microscópio, deveriam descrever as estruturas dos tecidos, para depois descreverem os detalhes celulares, integrando macro e microscopia. No final, as lesões anatômicas, obrigatoriamente, deveriam ser relacionadas com as manifestações clínicas... Tinha absoluta convicção de que a descrição microscópica era indispensável para aprender histologia e patologia. O desenho das preparações era apenas uma cópia do tecido e essa qualquer estudante do jardim da infância poderia fazer...

Essa metodologia rígida que exigia empenho ou trabalho para fazer as descrições, era amada ou odiada pelos alunos. Entretanto, indiferente a conceitos ou a preconceitos estabelecidos, intimamente, enquanto alunos e a faculdade mantiveram os objetivos, orgulhava-se da instituição e dos alunos, e talvez, aqueles estudantes que estavam no acampamento, instintivamente, soubessem do segredo que guardava para si...

Quanto à sociedade e à patologia, como orientador, sabia que, na comunidade onde trabalhava, o cidadão comum ou com diploma de curso superior e até médico desconheciam que, segundo Izaak Asimov (02), o patologista Andreas Vesalius (1514-1564) e Copérnico foram personagens decisivos para o início da revolução científica. Andreas Vesalius foi o primeiro patologista. “Roubando” cadáveres do cemitério para estudá-los com os próprios olhos, descreveu os órgãos internos do corpo humano. Juntou os resultados de suas pesquisas em um livro intitulado *De Corporis Humana Fabrica* (Concernente à estrutura do Corpo Humano), no qual corrigiu mais de duzentos erros cometidos por Galeno (médico grego que dissecava animais) e demonstrou que os músculos trabalhavam em grupo. Demonstrou ainda a importância da medula espinhal na paralisia (02).

O Patologista também sabia que a sociedade ignorava que sem o auxílio do microscópio para o estudo da célula e dos tecidos - método introduzido por Giovanni Baitista Malpighi (1682-1772) - que estudou, aproximadamente, 400 cadáveres humanos (40), a ciência médica não teria evoluído. A sociedade também não sabia que Malpighi foi um dos primeiros a

relacionar forma, volume e localização topográfica das lesões anatômicas da doença, e Chavier Bichat foi um dos criadores da anatomia, delineando ainda os princípios de fisiopatologia, isto é, explicando os sintomas de doenças relacionados com a patologia dos órgãos (40). Também ignorava que os patologistas Virchow e Rokitansky estabeleceram a patologia das células, e que Virchow foi quem afirmou que toda a célula viva descende de uma célula viva que a precedeu. A sociedade também desconhecia que Charcot, também patologista, estudando a patologia do cérebro, acabou com a teoria de Descartes que afirmava: "os loucos não eram seres humanos", razão pela qual eram confinados como se fossem animais. Ignorava ainda que, sem patologia, não haveria prevenção de câncer ginecológico e muitos diagnósticos precoces precedendo os sintomas, particularmente, os diferentes tipos de câncer de mama e de colo uterino. A sociedade igualmente não sabia ou não sabe que são as lesões, macro, micro e submicroscópicas, que determinam os sintomas de doenças degenerativas e metabólicas, inflamatórias e tumorais permitindo a outras áreas da Medicina, o aperfeiçoamento de metodologia diagnóstica e o tratamento adequado. Mas não é apenas a sociedade que ignorava e ignora a Patologia. Por muitos anos, os patologistas que descreveram as lesões macro e microscópicas da maioria das doenças conhecidas, foram alojados nos porões ou nos cantos inúteis e insalubres dos hospitais...

Atualmente, só nos países "desenvolvidos", a Patologia participa ativamente da organização do ensino, do atendimento aos pacientes e organização hospitalar. Nos outros, a Patologia é "complemento", que se existe ou não, não faz diferença. Aos poucos, porém, da mesma maneira que os cadáveres foram desenterrados e a Medicina progrediu através dos métodos científicos elaborados pelos patologistas, a própria sociedade descobrirá que a Patologia é uma disciplina útil, não só para o aprendizado médico, mas indispensável na pesquisa da origem das doenças, na prevenção, no diagnóstico, na evolução dos processos mórbidos e imprescindível no transplante de órgãos...

Não é necessário enfatizar que a maneira de orientar e até de ser, coincidia com a conduta do mestre Váler de quem fora discípulo, apesar das diferenças acentuadas no comportamento de ambos...

O Patologista começou assim:

— Agradeço aqueles que me honraram e me permitiram estar neste pedestal, que só poderia ser concedido pela benevolência dos discípulos e do mestre. Tão lisonjeado me sinto, que tudo vejo como um sonho. Um ambiente de ficção onde tudo se transforma num tema ou motivo de aprendizado. Se nossa intuição e inteligência permitirem, poderemos demonstrar que o homem é o melhor dos animais e, de certeza, poderemos encontrar um caminho para aliviar ou evitar as dores dos deprimidos e outros distúrbios do comportamento, porque o homem é capaz de amar e o amor é o melhor e o maior dos

sentimentos. Se contrariar alguns ideais desta juventude presente, espero que mesmo assim, encontremos, aos poucos, um denominador comum. Neste feriadão, alunos e professores estão contribuindo para transformar esta sessão num motivo de prazer, salvaguardando e promovendo a individualidade de todos, como procedem os amantes. Ao redor deste fogo, certamente fumaremos o cachimbo da integridade, da alegria, da afeição, da amizade e do amor que deverá eternamente existir entre nós. Quanto à paz... que a procurem os desocupados...

Depois de uma breve pausa continuou:

— Os senhores escolheram uma história clínica na qual paciente não parece ter lesões anatômicas como responsáveis pelos sintomas clínicos. Isto é, sem dúvida, uma provocação para o mestre e o Patologista que lhes fala. Os senhores pretendem assim, demonstrar carinhosa rebeldia ou vingança, porque nós insistimos: das lesões, dependem os sintomas clínicos. Também escolheram alguém que não estava condicionado a um ambiente definitivo: era uma paciente que se deslocava permanentemente pelo Ocidente e Oriente Médio. Isto também deve ter sido proposital, porque nós, o mestre e eu, costumamos inserir os pacientes, no mundo físico, biológico e social, sem dúvida, os maiores responsáveis por qualquer doença. Deram-se mal na escolha: primeiro porque a doença da paciente pode ser considerada uma doença ou de auto-agressão psíquica, ou dependente de um fator genético, viral ou metabólico que compromete o paleoencéfalo, e estes fatores podem estar presentes no Oriente, Ocidente ou Oriente Médio, ou em qualquer área do planeta. Por quê? Porque cada indivíduo de cada espécie viva e cada ser humano de qualquer raça tem um paleoencéfalo que determina ainda, dominar o meio para preservar a espécie e a vida, e este cérebro pode ser agredido pelo ambiente físico, biológico e cultural. Logo, a origem da doença que acometeu nossa paciente pode ser observada em qualquer parte do mundo. Quanto à encenação teatral ou sessão anátomo-clínica pelos senhores organizada, poderíamos dizer que está sendo perfeita.

A história clínica bem documentada traz, na primeira etapa, uma história simples que deve permanecer eternizada, porque é tão atual como a última criança que acaba de nascer, o Esopo foi irrepreensível na sentença. Mas, se quiséssemos acrescentar alguma coisa à observação de Esopo, deveríamos advertir nossa paciente, que atravessar um rio de águas turvas no presente, impede ver o dia de amanhã. E para enfrentar o rio, seria necessário ter como auxiliar um salva-vidas, uma máscara com várias propriedades, porque nossa vida, o olfato e outros sentidos ou áreas de percepção cerebral poderiam ser molestadas. Como ninguém pode mudar a cabeça de camarão dos mentores intelectuais que orientam o procedimento semelhante ao conteúdo intestinal dos subservientes, também não conseguiremos mudar a natureza das fezes. Uns e outros, nas atitudes, parecem desejar viver nas

barrancas da marginalidade da existência ou na fossa, único lugar onde se reproduzem e parecem estar à vontade. A partir de agora, deixarei a escatologia para me ocupar do presente caso...

O Patologista também considerou a Vida como uma cabana sustentada pelas pulsões biológicas primitivas, e o diagnóstico da doença estava intimamente relacionado com o comprometimento desta estrutura primitiva. Confessou que, ao ler a história clínica, procurou o mestre Válder, para que ele o auxiliasse no diagnóstico. Porém, o mestre com a ironia costumeira, aconselhou:

— Abandone cientistas e filósofos. A resposta poderá ser mais facilmente encontrada nas emergências do comportamento dos animais, principalmente no cérebro dos répteis. Se tiver dificuldade, consulte São Francisco de Assis que, cansado dos homens, aprendeu relacionar-se com as aves do céu. Faça o mesmo... Se não conseguir auxílio do santo, abra as asas da imaginação e voe...

— Aceitei a sugestão do mestre, continuou, porém deveria afastar a hipótese de que a paciente tivesse passado por uma paixão não correspondida. Então, me socorri da experiência. Nos últimos anos, pude perceber que todos os homens ou mulheres submetidos à paixão, oscilam entre os prazeres do Paraíso e as dores do Inferno. Indefesos, oscilam entre suicídio e homicídio, entre a lucidez e a loucura, porque nenhum apaixonado suporta a traição da amante, à qual dominada pela fantasia dos hormônios, comporta-se como se estivesse submetida à cio permanente e... insaciável. Assim, o ciúme dos apaixonados não tem limites. Durante a paixão, os amantes caminham sobre as águas ou levitam e, no orgasmo, rolam entrelaçados nas tempestades da carne que, na passagem, tudo arrasta... Outras vezes, voam carregados pelo Zéfiro, deslizando por entre as árvores, como duendes em férias, sem perturbar a candura da floresta virgem. Das alturas das castanheiras e entre os astros do céu, permitem-se por piedade, olhar para o trabalho de discípulos e mestres, embora, muitas vezes, considerem-no inútil, repetitivo e sem criatividade. Quando se permitem olhar para o infinito o fazem por piedade e ao colo carregam os astros. Assim, conduzem-se para zelar pelos irmãos mais jovens, porque os apaixonados tem consciência da própria lucidez e sentem-se brilhantes como as estrelas azuis. Munidos de paciência infinita, são capazes até de dar ouvidos aos sábios, mas, apenas para avisá-los de que se antecipam a qualquer pensamento que possam ter elaborado e, ao falar com discípulos, fazem-no sem medir palavras, porque desaprenderam o meio termo. Vivem na estratosfera prestando favores aos deuses dos quais não aceitam nem medidas ou agradecimentos, e se religiosos, desfilam pai-nossos e ave-marias, sem jamais proceder como a hipocrisia dos crentes, que odeiam ao próximo como a si mesmos. Quando os apaixonados são acusados de violar a moral da sociedade, respondem com ironia: a sobriedade de comportamento na paixão

é neoplasia maligna⁴. Sem dúvida, não era paixão a doença referida pela paciente. Esse diagnóstico diferencial deve ser feito, porque paixão e depressão são antônimos reciprocamente páleo exaltado e paleoencéfalo deprimido. Já poderia apontar as origens da doença, porque as causas correspondem às origens do comportamento reptiliano que domina a sociedade. Como Patologista deveria também descrever a relação e a evolução das lesões e sintomas, mas não vou estragar a festa, nem faltar com minha integridade de orientador, ou seja, despejar, com pretensa sabedoria sobre os presentes, fatos consumados, sem considerar a história que os precederam, sem aguçar a curiosidade mamífera inata de que são possuídos os estudantes. Não estou, nem o mestre Válter está aqui, para diplomar práticos em Medicina.

O Patologista, como fez o mestre, citou Konrad Lorentz quando este lembrou que Simon Peter Palias,

comparou o sistema biológico a uma árvore que logo acima das raízes, subdivide-se em dois ramos principais, animais e plantas. O primeiro ramo está representado por animais sem concha ascendendo aos peixes. Em outro ramo estão os insetos, chegando aos anfíbios e quadrúpedes, e logo abaixo estaria um ramo muito grande, correspondente aos pássaros (19).

Como se tivesse consciência de que a verdadeira história humana jamais fora escrita sem isenção de patriotadas por parte dos vencedores para justificar salário e preservar o emprego, continuou citando o autor:

— Lorentz acrescentou que, a partir dos protocordados presentes no siluriano, as rochas descreveram a evolução destes animais numa escala ascendente. O autor, adepto da teoria da evolução, concluiu:

- a) *"o estudo das rochas com a evolução das espécies é mais fiel do que a história escrita",*
- b) *a etologia demonstra que existem mecanismos comportamentais que evoluíram filogeneticamente com os órgãos. Assim, o conceito de homologia de comportamento pode ser aplicado às estruturas anatômicas e morfológicas". (19)*

Para evitar perguntas, continuou:

— Lorentz ensinou que comportamento animal depende da estrutura ou da anatomia animal, como também sugeriu que o comportamento humano também dependeria da estrutura dos sistemas e órgãos que o constituem. Como demonstrou o mestre, na emergência do nosso comportamento, estão representadas, duas propriedades do mundo físico: trabalho e agressão, e nosso comportamento depende, em grande proporção, do cérebro que

⁴ *neoplasia maligna = câncer

carregamos no interior do crânio. Por isso, considero indispensável ter uma noção sumária da evolução do sistema nervoso. Penso que ter aceitado o conselho de Lorentz e do mestre em ter noções de comportamento animal, relacionar esse comportamento com o comportamento humano foi útil para apontar as origens da doença da paciente, sintomas respectivos e conduta terapêutica... Pergunto-me, às vezes, se o conselho de Lorentz e do Mestre determinaram que me conduzisse por um caminho talvez inconveniente, mas não tive alternativa frente à história da paciente. Minha consciência impede ter preconceitos com pacientes de qualquer raça, política, religião ou cultura ou ter preconceito para com os animais que nos precederam e dos quais, também somos dependentes.

O Patologista lembrou que, nas formas de vida desprovidas do sistema nervoso, os estímulos externos (como modificação de temperatura, umidade, luz, gravidade, contato, pressão, emanções químicas (odores) são percebidos pelos sensores da membrana celular. O ser vivo deve computar também a concentração de água, alimento, oxigênio, exercer trabalho para eliminar ou se desfazer das cinzas intracelulares resultantes das atividades do viver, e computar também as condições de fadiga ou doença. Os estímulos externos são percebidos por sensores mecânicos, químicos ou fotorreceptores da unidade celular, mesmo que o tamanho desses seres vivos seja microscópico. Os estímulos internos dependem inicialmente de substâncias químicas e, nos animais mais complexos, de substâncias químicas e do sistema nervoso.

— É necessário agora fazer um sumário do relatório feito pelo Mestre Válter. A tarefa é simples. Foi feito com tamanha clareza e didática como se o mestre não tivesse emoções e sentimentos. Esse resumo é imprescindível para termos uma idéia sedimentada dos esteios que constituem a cabana primitiva da vida. Nos seres vivos primitivos, por exemplo, são as membranas de revestimento que percebem as condições do meio externo e levam as condições do meio ambiente para a computação da individualidade bacteriana (percepção ou recepção). Tomemos, como exemplo, o bacilo do tétano. Este, se através das membranas detecta condições ambientais adversas, o “medo de morrer” aciona a maquinaria celular e através do trabalho desta micromáquina viva, transforma-se num esporo (defesa). Nessas condições de latência, o agente do tétano é capaz de suportar variações consideráveis de temperatura, umidade e pressão. Se esse esporo é reinoculado acidentalmente na profundidade dos tecidos humanos, (por traumatismo ou um prego enferrujado) os sensores periféricos informam ao “eu” celular da nova condição ambiental. As informações ordenadas e computadas pela individualidade da bactéria concluem que as condições são favoráveis, (prazer). Então o “eu” celular libera novamente o trabalho da máquina. Esta, sabe como fazer (conhecer) para se transformar num bacilo. Alimenta-se, ou preda o ambiente (agressão) através do estímulo da “fome” para abastecer a máquina e multiplicar-se (trabalho e reprodução). Dominando o meio, este bacilo age para

preservar a vida e da espécie. Infelizmente, para o ser humano, as cinzas (exotoxinas deste bacilo) resultantes do trabalho de viver, determinam lesões, principalmente ao nível do sistema nervoso central, muscular, cardíaco e o bacilo pode determinar a morte do paciente...

O sistema nervoso, por sua vez, não existe em bactérias, fungos, protozoários e nos poríferos (esponjas). Começa a, partir dos Radiata (Cnidaria e Ctenophora), representado por células que apresentam numerosos prolongamentos citoplasmáticos, denominados dentritos, (prolongamentos citoplasmáticos ramificados semelhantes às ramificações de uma árvore), os quais se anastomosam constituindo uma verdadeira malha no corpo do animal. Essas células, denominadas neurônios, estão situadas abaixo ou entre as células do epitélio que reveste o corpo destes seres vivos. Nos cnidários, os prolongamentos citoplasmáticos destas células primitivas estão conectados com as células epitélio-musculares do corpo do animal. Há também prolongamentos citoplasmáticos dessas células nervosas entre as células da cavidade gastro-vascular da superfície interna do animal. Como podemos perceber, desde o início, o sistema nervoso detecta as condições do meio ambiente interno e externo e, mesmo desprovido de um centro de comando, já determina agressão ou defesa, reagindo ao meio para se adaptar e preservar a vida e a espécie.

Os estímulos percebidos pelas fibras da rede nervosa percorrem os prolongamentos citoplasmáticos como ondas que se propagam por diferença de potencial elétrico. Tais ondas são denominadas de impulso nervoso. Nos cnidários, os impulsos nervosos são bidirecionais: podem começar no corpo celular e alcançar a periferia do animal. Ou os impulsos nervosos ou estímulos periféricos, dirigem-se para o corpo celular. A partir dos acelomados ou vermes (Platelmintes e Nemertinea), as células nervosas exibem dentritos que enviam as mensagens para o corpo celular. Entretanto, as mensagens recebidas são transportadas por um filamento único ao centro de computação e comando representado por um anel. O filamento neuronal único é denominado de cilindroeixo ou axônio. Quando o estímulo emerge do centro de computação e comando, (cérebro) o estímulo, por via eferente, é levado para a periferia ou para órgãos efetores através do axônio. Quando o estímulo do mundo exterior é percebido pelos dentritos, esses são levados para o cérebro, também através dos axônios.

Apesar desses animais serem bastante primitivos, o impulso é unidirecional, isto é, ou alerente ou eferente. Nesses vermes, o sistema nervoso já aparece como um cérebro rudimentar representado por gânglios cerebrais situados na região cefálica. Desse cérebro primitivo partem ramos curtos para a extremidade anterior. Um corresponde ao sentido do olfato e o outro, corresponde ao sentido da visão. Para trás, partem dois longos ramos, um para cada lado do animal. Desses ramos, partem raízes com ramificações para toda

superfície externa do animal. Acredita-se que as ramificações anteriores já percebem odores e o gosto... Progressivamente, o sistema nervoso evolui.

Nos insetos e nos crustáceos, o sistema nervoso tende a agregar-se num nódulo central do qual emergem as ramificações para computação e comando dos órgãos internos e fibras para percepção do mundo exterior. Esses seres vivos já percebem diferenças de cores, nos insetos, já existe um sistema nervoso central. Nos cordados vertebrados já existem hemisférios cerebrais rudimentares e o cerebelo torna-se volumoso.

Nos peixes cartilaginosos, há duas bolsas olfativas no focinho. Os nervos olfativos estendem-se para os lobos olfativos volumosos. Há um par de hemisférios cerebrais, ligados pelo diencéfalo, cerebelo mediano sobre o mielencéfalo aberto para cima e dez pares de nervos cranianos. A medula espinhal, como no homem, já é protegida pelos arcos neurais das vértebras. Entre os orifícios dos arcos das vértebras emergem os pares de nervos espinhais (motores e sensitivos) e já aparece um sistema nervoso simpático bem definido que compreende uma série de gânglios sobre as veias post-cardinais.

Nos anfíbios, os lobos olfativos do encéfalo são volumosos e servem obviamente para o olfato. Os hemisférios cerebrais revelam memória, inteligência e controle voluntário, mas é ainda o bulbo quem dirige a maioria das atividades do corpo animal. Interessante anotar e não esquecer, acentuou, que se for extirpado o encéfalo da rã e preservarmos-lhe o bulbo, a rã consegue nadar, capturar e ingerir presas, bem como voltar à posição normal se for invertida e continua respirar normalmente. Mas a morte sobrevém rapidamente se o bulbo (cérebro primitivo) for removido, mesmo que se preserve o encéfalo (38). Os baráquios já nos ensinam que o cérebro mais primitivo age para preservar a vida... motivo suficiente para lembrar que devemos respeitá-lo. No homem lesões cerebrais hemisféricas nem sempre são fatais. Mas no homem, como nos anfíbios, a morte sobrevém se as lesões comprometerem áreas paleoencefálicas...

— Continuou descrevendo que

o cérebro dos répteis é semelhante ao dos anfíbios: dois hemisférios longos ligados aos lobos olfativos, cerebelo mediano e mais desenvolvido que os anfíbios. Nas aves, o cérebro “é proporcionalmente maior que o cérebro de um réptil”... Os hemisférios são grandes... O cerebelo tem superfície aumentada por muitas dobras superficiais (provavelmente necessárias para atividades de coordenação). (38)

Nos mamíferos, o cérebro é ainda maior, principalmente, por aumento de volume do paleomamífero. Além de um cérebro volumoso, existem doze pares de nervos cranianos, sistemas simpático e parassimpático.

O Patologista fez uma breve pausa e continuou:

— Foi aqui que me lembrei do conselho do mestre: “esqueça filósofos e cientistas... Faça como S. Francisco de Assis... Aprenda com os animais”. Comparei, com o auxílio dos neuroanatomistas, o cérebro humano com o cérebro de um chimpanzé. Entre os dois, havia uma única diferença: os pré-frontais volumosos do homem em relação aos pré-frontais do chimpanzé. Passei então a denominar os pré-frontais do homem de quarto cérebro. No interior do crânio, estavam o prosencéfalo, ou hemisférios cerebrais direito e esquerdo, subdivididos em lobo occipital, parietais, frontais e temporais. Unindo os hemisférios, havia o corpo caloso, abaixo do qual estava o tronco encefálico ou rombencéfalo, estruturas que corresponderiam ao cérebro reptiliano de Mac Lean. Chamou-me atenção que, neste cérebro, abaixo do corpo caloso, estão alojados os centros das pulsões biológicas primitivas, as mesmas que fazem parte da “cabana primitiva” da vida. Pertencem a este cérebro um conjunto de 22 núcleos hipotalâmicos, 20 núcleos talâmicos e estruturas ligadas à hipófise que, por sua vez, comanda a orquestra hormonal constituída pela: tireóide, paratireóide, glândulas mamárias e suprarrenais, testículos e ovários. Mas, quem são e o que fazem essas estruturas? O tronco encefálico está dividido em três regiões: o mesencéfalo, rombencéfalo e diencéfalo. Convém que se diga que este cérebro controla funções motoras, e como dele faz parte o cerebelo, é importante no equilíbrio e movimentos corporais complexos como a dança. Mas, ali está também o centro da respiração, e que também nos desperta do sono para podermos estar conscientes, sem contar que o bulbo controla a função cardiovascular. O mesencéfalo recebe as informações dos olhos e dos ouvidos. Também determina movimentos, como virar a cabeça para verificar onde está a origem do som do ambiente. Mas, para tanto, audição e visão parecem participar no desenho do “mapa” que fazemos do mundo que nos cerca (17).

Porém, em relação ao comportamento, quem é o tronco cerebral? Não é abaixo do corpo caloso, no porão paleoencefálico que estão alojados os centros principais das pulsões biológicas primitivas? Esse cérebro primitivo não corresponderia ao Id de Freud, a sede do Princípio do Prazer? Não é ali que estaria inserido o Pecado Original, o local onde se estabeleceu o anjo do Mal referido pela paciente? Mesmo que psicólogos, psiquiatras, filósofos ou analistas não queiram, não é o paleoencefalo que nos mantém a vida quando estamos dormindo ou profundamente anestesiados? Esse cérebro não só comanda, mas também aciona a maquinaria hormonal e química quando a superfície corporal e os órgãos internos reclamam que existem problemas para manter a homeostase, isto é, um funcionamento adequado de órgãos e tecidos para manter a vida vegetativa do indivíduo. Será que psicólogos, psiquiatras, psicanalistas e médicos esqueceram que os núcleos hipotalâmicos são também importantes para a manutenção da homeostase psíquica e desencadeiam as ações das pulsões biológicas primitivas?

A partir dessa observação que qualquer um de nós poderia fazer concluí que o comprometimento desses núcleos poderia ser responsável pelo quadro clínico de depressão da paciente. Ainda, porque não sou nem psiquiatra nem analista, fui procurar nos dicionários o significado do termo. Como não ficasse satisfeito com os conceitos ali encontrados, socorri-me dos conselhos do mestre Válder, que havia me indicado encontrar a possível solução do problema ao aprender com os animais. Por sorte, exclusivamente por sorte, ao rever a evolução do sistema nervoso dos animais, que começa no filo Cnidária (Gr. Knide, urtiga), encontrei no dicionário que, na classe Hydrozoa, encontramos a hidra, um pequeno animal, cujo corpo, geralmente, menor do que um centímetro, é formado por um pólipó único, cilíndrico, com a extremidade oral dotada de um círculo de tentáculos, usado na captura de alimento. Vivem na água doce, fixados em substratos diversos como folhas e gravetos (15). Quando um toque ligeiro com uma agulha, causará afastamento da parte tocada e um estímulo mais forte, como sacudir a placa onde se encontra o animal, usualmente resultará numa contração instantânea e completa dos tentáculos e do corpo. Além de responder a estímulos externos, a hidra reage também a estímulos internos ... “Cada espécie responde a uma intensidade luminosa mais favorável... **com alimentação rica, temperatura alta, água poluída e certas outras condições ambientais, a hidra passa a um estado de metabolismo reduzido conhecido como “depressão” (38).** *Há um gradual encurtamento e perda dos tentáculos e coluna, começando na extremidade distal; isto pode prosseguir até a desintegração, ou pode ser seguido de recuperação (38).* No deprimido, o comprometimento das funções do **cérebro primitivo**, representado pelo núcleos hipotalâmicos, não é o principal responsável pelas manifestações clínicas da paciente, sintomas comuns na maioria dos casos de depressão? Pergunto: esses núcleos têm lesões anatômicas em todos os casos, que poderiam ser determinadas por vírus, fatores congênitos ou genéticos? Ou como nas hidras, **uma soma de fatores ambientais ou socioculturais** atuaria determinando hipofunção dos núcleos hipotalâmicos, desencadeando a depressão? Os casos de depressão que melhoram com o tratamento clínico, recidivam porque as lesões dos núcleos hipotalâmicos são irreversíveis ou orgânicas? O tratamento químico, com o auxílio da psicanálise ou da psicoterapia, evoluiriam para a cura definitiva quando as lesões hipotalâmicas são apenas funcionais e desencadeadas por fatores ambientais ou socioculturais? As duas hipóteses podem ser verdadeiras? Que a função dos núcleos hipotalâmicos na preservação da homeostase física e psíquica do indivíduo é importante, não há dúvidas, inclusive nas doenças do eixo hipotálamo-hipofisário e endócrino. Por exemplo, quando há necrose hipofisária maciça (morte celular hipofisária) pós-paito, as pacientes desenvolvem emaciação progressiva e podem morrerem caquexia (03). Mas existem casos com evolução clínica semelhante, sem necrose hipofisária, quando, inexplicavelmente, os núcleos hipotalâmicos não estimulam a hipófise. Esses pacientes também evoluem como nos casos de

necróses hipofisária (03).

Nesse sentido, juntando todos estes dados e relacionando-os com os sintomas clínicos referidos pela paciente, poderíamos conceituar depressão como uma doença determinada pela deficiência dos núcleos hipotalâmicos em responder ao meio hostil, **doença caracterizada por perda do elã pelo traalho, perda da capacidade de responder às agressões do meio, perda progressiva do apetite, do prazer, perda do estímulo para manter relações sexuais, anulando a vontade de conhecer. Os pacientes também temem tudo e todos, mas não temem a morte, porque os deprimidos veem na morte o anestésico para a dor. Também afastam-se progressivamente dos amigos e enclausuram-se na própria solidão. Esses sintomas, por acaso, não traduzem insuficiência dos núcleos hipotalâmicos e, posteriormente, os centros do paleomamífero e neocórtex cerebral? Por acaso nos pacientes com depressão, o mapeamento cerebral não revela que o paleoncéfalo responde mais lentamente aos estímulos externos? Paralelamente, a paciente não referiu as alterações das emergências do paleomamífero e neocórtex relacionadas com perda de afeição e a deficiência da afeição seletiva tão bem descritas pela nossa colega Anamaria e nosso colega Marcos?**

Uma vez definidas as localizações anatômicas comprometidas, resta-nos abordar a patogenia da doença. Nos dias atuais, sabemos que existem substâncias secretadas pelos núcleos hipotalâmicos que mantêm a homeostase do eixo neocórtex, hipotálamo-hipófise e sistema endócrino. Vimos também que na necrose hipofisária, os pacientes, por ausência de estímulo endócrino, evoluem para a caquexia. Entretanto, parece evidente: quando os núcleos hipotalâmicos não liberam os precursores de serotoninas, endorfinas e outras substâncias, os pacientes apresentam, com frequência, o quadro clínico de depressão. Vimos que na depressão os núcleos hipotalâmicos poderiam ser agredidos ou por lesões virais, genéticas, congênitas ou adquiridas. Mas não devemos esquecer que a ação dos ambientes familiar, escolar, social e cultural, também pode atuar sobre os núcleos hipotalâmicos, deprimindo-os como demonstra o mapeamento cerebral (05).

Por isso, acredito que, na maioria dos casos de depressão, (como parece ser o caso em questão), devem ser desencadeados pela cultura infantil ou paleoencefálica que construímos. Essa é a razão pela qual, na maioria dos casos, a depressão pode ser considerada uma doença de auto-agressão psíquica, comprometendo inicialmente os núcleos hipotalâmicos e posteriormente, as emergências cerebrais superiores, em particular a afeição, a amizade e o amor.

Ao respirar, os alunos entreolharam-se e alguns cochicharam com ironia;

— O professor de patologia não tem qualquer manifestação clínica de

melhora. Jamais saberemos se é doido ou doido inteligente, dando uma de doido no meio dos doidos, para não ser pelos doidos depredado...

Apesar do riso passageiro dos alunos, o Patologista, depois de concluir, solicitou aos presentes um pequeno período de tempo para louvar o paleoencéfalo.

Alguns incautos perguntaram por que iria louvar o cérebro réptil. A quem o Patologista respondeu:

— Simplesmente porque não aguento mais a petulância daqueles que endeusam o pensamento, a inteligência, a consciência, a razão e a ética, religiosos que pretendem exorcizar o paleoencéfalo ou os freudianos que pretendem civilizá-lo. Também estou farto dos que pretendem viver perseguindo a felicidade, a euforia ou o êxtase, como emoções essenciais de um cultura consumista, esquecendo que estas emoções, quando não acompanhadas de afeição e amizade, não passam de manifestações estrênicas e fugazes...

E continuou como de costume, movido pelos instintos ou intuição como havia levado a vida:

— Prezados amigos! A natureza em festa que envolve este ambiente universitário, comida farta e bem servida, hormônios masculinos e femininos despertaram, nos senhores, o animal, ou o paleoencéfalo que, eternamente e sem juízo, está associado ao prazer no perpetuar a espécie e a vida. Nesses dias, as vozes das musas associaram-se ao som das aves do céu e suas cordas vocais, e sua visão pode perceber o calor colorido da luz que o arco-íris poderia apenas imitar. Mãos trêmulas, tímidas e, depois, ousadas, comportaram-se como garras felinas até para a medula óssea despertar. Desesperados, seus lábios cobriram a superfície corporal de quem possuíam e descobriram o perfume natural do corpo humano. Envolvidos pela tesão, perderam o equilíbrio e sem qualquer ponto de apoio, navegaram pelos vales cósmicos, abandonados pela força gravitacional, lugar que apenas os amantes percebem e podem desfrutar. O medo se evadiu como a sombra dos fantasmas. O conhecimento revelou que o corpo humano sintetiza a história do universo, porque, ali, matéria, energia e consciência de existência estão entrelaçados. A percepção sutil ultrapassou o sublime, e nesses dias, a ética, a razão, a consciência, a inteligência e o pensamento foram expulsos pelo biológico primitivo. O neocórtex foi tomado pelo límbico, e o límbico liberou o paleoencéfalo. O cérebro primitivo foi o senhor do dia e da noite e esse inconsciente primitivo contagiou céus e infernos que, abraçados e irreverentes, ocuparam, ao mesmo tempo, o mesmo lugar no espaço, porque matéria e energia, corpo e mente, vida e morte transformaram-se em probabilidade de existência como o pretenso universo conhecido. O sim e o não anularam-se, como se tomaram iguais

"o pródigo e o rapinante, o piedoso e o cruel, o traiçoeiro e o leal, o adamado e o pusilânime, o bravo e o audaz, o afável e o soberbo, o dissoiuto e o puro, o íntegro e o astuto, o inflexível e o complacente, o grau e o leviano, o religioso e o império" (21), o "Princípio do Prazer", Princípio Civilizatório, o Pecado e a Virtude, o Homem e a Mulher. E porque nisso tudo nosso cérebro primitivo não vê nem Bem nem Mal, é honroso estender-lhe a mão e solicitar-lhe que libere a afeição paleomamífera, a amizade e o amor neocorticais...

A partir de hoje, é possível aprender, que **no orgasmo a vida submete a morte... para gerar a vida...** e dizer a todos que está na hora de dar um basta para a ignorância que reprime e amaldiçoa o nosso cérebro primitivo ou Id paleoencefálico do qual emerge a sensação de fome que nos impõe reabastecer a máquina viva e determina respirar, para o oxigênio acender a chama dos açúcares que incendeiam os lípidos determinando a formação do calor que mantém a vida da nossa vida. Calor que, se necessário, também agasalha o itinerante desesperado pelo gelo da desesperança. E este réptil protetor que nos faz dobrar ou afugentar deuses e demônios imaginários, ou temer os raios que fendem os céus, a dor do calor das chamas, os tomados das tempestades, a tocaia das feras, o manto negro da finitude ou a megalomania dos investidos de poder insane. É este cérebro que recebe e conduz para nosso consciente a luz da cor dos olhos de quem amamos, a face temível de quem nos ameaça, a beleza da arte que a loucura de Van Gogh deixou nas telas, a música brasileira que nasce dos acordes de nossa terra, ou a música que vem dos tempos remotos e das terras longínquas e que nos trazem as sonatas, as sinfonias, o canto gregoriano, a música nordestina, a música dos pampas argentinos e das morenas cubanas e o "blue" dos negros norte-americanos. Paleoencéfalo demente, fonte de prazer das nossas bem-aventuradas cleópatras e messalinas, paleoencéfalo feroz quando da morte nos defende, a fonte da expressão feliz do animal que abate a caça, a expressão da fúria de quem se defende para não morrer.

E o paleoencéfalo que nos permite a percepção do prazer, o prazer do conhecer, o prazer de comer ou o prazer de sentir medo nos filmes de terror, o sentimento de prazer, capaz de nos permitir a felicidade desconhecida pelas emoções efêmeras e estrênicas. É o paleoencéfalo quem comanda o trabalho cardíaco nos momentos dramáticos quando nos assaltam emoções e sentimentos. E o paleoencéfalo quem comanda o respirar tranquilo, a respiração ofegante que denuncia o despertar da paixão que surpreende os amantes e dissolve no corpo o prazer que vem das vísceras, da pele e dos ais abafados gerados pelo prazer de amar. Dependesse da minha vontade, sem qualquer receio, solicitaria à humanidade para venerá-lo como se fosse um rei, ou adorá-lo como se fosse o deus dos deuses, porque jamais foi justo ou perverso, cruel ou bondoso.

Foi o cientista que jamais conheceu a consciência da ciência, as razões da filosofia, ou da lei porque precedeu a ciência, a filosofia, a razão e a ética gerados pelo pensamento e pela inteligência. Apesar de inconsciente, impôs-nos descer pelo canal do parto e nascer e defender nosso direito de viver, mesmo que a busharia norte-americana e a rapinagem européia nos considerem indesejáveis no planeta e nos denominam subdesenvolvidos. Esse cérebro deve ser louvado porque é anarquista e, como a vida, não aceita submissão exigindo que lutemos por nossa independência, porque esse cérebro é como a nossa vida deveria ser: indomável porque a vida e o cérebro primitivo são irmãos gêmeos do Id universal que sem escrúpulos esguichou os seios de Era para fazer a Via láctea. Esse cérebro desconhece a culpa de nascer, porque viver e perpetuar a espécie são os objetivos primeiros deste imperador. Foi o herói que nos permitiu sobreviver, apesar da hecatombe que destruiu dinossauros. A partir de agora, deveríamos jurar que jamais abriríamos a boca para denegrir a imagem deste cérebro que agasalha as pulsões biológicas primitivas, porque, foram elas que teceram, neste planeta, o tapete mágico da vida. Foram elas que, a partir das bactérias ou das algas primitivas, sem trégua, trabalharam para a constituir a evolução biológica, transformando nossa nave espacial estéril, no Paraíso Terrestre que recebeu os hominidas.

Apesar da escuridão infinita onde habita e trabalha, o paleoencéfalo jamais foi cego para a luz, jamais hanseniano para a sensibilidade, nem surdo para os clamores da vida, e foi eternamente sensível para o carinho, os abraços e a magia dos mitos. É incompreensível que a humanidade, não tendo nos dias atuais um Cristo para crucificar, Romeu e Julieta para martirizar, assassinados Luther King e Ghandi, ou, por não ter amantes inocentes desconhecidos para infernizar, a humanidade ainda infantil, condena este cérebro, como o gerador do mal, a sede do pecado, a pústula maligna do ser humano, o caminho seguro para descer aos infernos, o mentor intelectual do grande manicômio de Nietzsche. Felizmente, para todos os humanos, o paleoencéfalo foi eternamente indiferente às aventuras da ciência, ao fanatismo das filosofias políticas ou religiosas e ignorou o auto-elogio que se fez à razão adolescente. Todos, sem exceção, deveriam ajoelhar-se para coroar este rei que protege a individualidade inconsciente de cada um de nós, rei que não perdoa porque desconhece a justiça, a ninguém humilha porque desconhece a vaidade, não mente porque desconhece a verdade, não dá esmolas, porque não acumula bens, e desconhece o Mal porque não reconhece o Bem. Porque não sou poeta não tenho o direito de implorar a inspiração das musas, mas devo louvar a tudo e a todos que me cercam neste rancho, por terem liberado as áreas somato-sensoriais, por terem abolido temporariamente a cultura pré-frontal. Todos, satisfazendo o erotismo alojado no primitivismo biológico, congregando o selvagem ao universitário, o primitivo ao atual, foram construtores temporários deste pequeno paraíso que nem os deuses seriam capazes de imaginar.

Aprendemos que o homem, como a maioria dos animais, poderia viver

sem razões para viver. Com os fervores da paixão, entre a luz das estrelas, seu cérebro primitivo transportou-os para o calor invisível e transcendente do prazer e entre braços e abraços convulsivos, permitiu a todos, morrer e ressuscitar da pequena morte do orgasmo. Manteve a vida de todos apesar dos furores tresloucados e inconscientes da paixão. Se a juventude feminina, inconscientemente, simulou pudor foi porque o paleoencéfalo mandou que fosse despida com fúria, e quando se entregou, dócil, o paleoencéfalo feminino confessou sem juízo que era cúmplice do mesmo ato. E, na junção dos corpos perdidos, envolvidos pelo silêncio absoluto, conheceram o coma e a morte, para ressuscitar e adormecer entre abraços, anestesiados pelo cansaço e o perfume adocicado do bosque e das águas do rio vizinho, porque ao páleo se entregaram. Primitivos e também humanos descobriram que a loucura da paixão também pode ser o calor e a luz que fazem desabrochar o amor neocortical.

Para satisfação de todos na tarde e na noite que passaram, calaram-se os astros do neocórtex, porque foram os núcleos hipotalâmicos que através da amígdala cerebral, fizeram a festa. Se um dia algum dos senhores for pai ou mãe, ou se entre os senhores já existem mães e pais, ou se, um dia, tiverem netos, devem ensinar aos seus descendentes que sem as pulsões biológicas primitivas alojadas abaixo do corpo caloso, jamais teríamos chegado até aqui. Cabe ao co-relator, avaliar o diagnóstico final elaborado e correlacionar o possível comprometimento das áreas apontadas com os sintomas da paciente e indicar, se possível, um caminho para prevenir a doença...

Para evitar comentários, suspendeu os trabalhos por 15 minutos.

VI. OS COMENTÁRIOS DO CO-RELATOR

Após o comentário do mestre (relator), dos alunos (também relatores), o diagnóstico e a possível etiopatogenia da doença apresentados pelo patologista, chegou a vez do co-relator.

Como vimos, inicialmente, através das conclusões do patologista, Luís Carlos relacionaria os sintomas com o quadro clínico apresentado pela paciente. Se possível, indicaria a conduta terapêutica e ainda poderia propor diretrizes para prevenir a doença.

Obedecendo parcialmente à tradição das sessões anátomo-clínicas (era uma reunião organizada por estudantes), resumiu, inicialmente, os comentários dos relatores e as conclusões do patologista:

— Pela maneira didática como foi conduzido o raciocínio para conclusão diagnóstica, percebo que o mestre Válder e nossos colegas estudaram o caso em conjunto, demonstrando que, em nossa escola, os orientadores também aprendem com os discípulos, embora alguns professores permaneçam fossilizados no pedestal da cátedra...

— O co-relator deve ocupar-se exclusivamente do caso! advertiu o patologista.

— O mestre demonstrou que não existe um fosso entre o mundo físico e biológico por duas razões: em primeiro lugar, porque a vida é constituída por uma associação de elementos do ambiente físico e planetário, agregados e integrados também pelas diferentes formas de energia existentes no Sistema Solar ou no Uni verso. Em segundo lugar, a Vida, para poder existir, também copiou duas formas de comportamento que geraram e perpetuam o Universo: trabalho e agressão. Em terceiro lugar, demonstrou que as pulsões biológicas da cabana primitiva, embora endeusadas pelo patologista, não são nem boas, nem más. Isolada ou conjuntamente, agem para dominar o meio e preservar a vida e a espécie. Poderíamos aplicar para ambas o princípio antrópico da Física que ensina: "vemos o universo da mesma maneira como o vemos, porque se fosse diferente, não estaríamos aqui para vê-lo (12). Ou seja, as pulsões biológicas primitivas agem assim porque se assim não agissem, sequer, estaríamos aqui, para agradecê-las... Após, Anamaria demonstrou que sobre a cabana primitiva da vida representada no homem pelo cérebro réptil, a partir dos mamíferos primili vos e das aves, a evolução biológica acrescentou uma nova dependência: o paleomamífero de onde emerge a afeição pela prole.

Marcos acrescentou que sobre esta segunda dependência, desenvolveu-se um neocórtex volumoso, de onde emerge a "afeição seletiva". Por último, nosso orientador de patologia confirmou o diagnóstico de depressão

e conceituou a doença como uma falência das atividades dos núcleos hipotalâmicos, responsáveis pela elaboração dos precursores de endorfinas e serotoninas ou de outras substâncias ainda desconhecidas. Afirmou que a origem dessa falência pode ser genética, congênita, metabólica ou lesões virais submicroscópicas. Mas considerou como o agente mais comum, a agressão da cultura que construímos, a cultura de vencer, que agride todos. Aqueles que não resistem aos fatores socioculturais agressivos desenvolvem depressão. Por essas razões, conceituou a depressão como doença de auto- agressão psíquica na maioria dos casos.

O trabalho dos relatores, mestres e alunos e as conclusões do patologista que comigo colaboraram na correlação anátomo-clínica obrigaram-me à profunda reflexão e conduziram-me à reavaliação do conceito de homem e de humanização...

— Megalomania típica de quem ainda tem cueiros. Vá ser potro xucro na casa do ramalho. Pensa que é o papa num convento de carmelitas! exclamou o estudante gaúcho que vivia pilchado até em velório de compadre...

O patologista, como de costume, perdeu a paciência:

— Guarda o teu bandonion, ou tu vais parar na fronteira da Bolívia!

O co-relator, com o apoio do patologista, sentiu-se à vontade e defendeu a proposição que segue:

— Segundo pesquisadores, nossa possibilidade de existência, começou há 70 bilhões de anos, a partir de pequenos mamíferos que se alimentavam de insetos como ouriços e toupeiras. Os mais primitivos seriam os ouriços-das-árvores e os lêmures (lêmure = fantasma): animais noturnos arborícolas, que deslizam em silêncio por entre as árvores tais como fantasmas. Depois dos lêmures, aparecem os tarsianos, desprovidos de focinho, com a cara semelhante a do homem, denominados Prosimii (pré-macaco). Sucessivamente, apareceram antropóides que se subdividiram em dois grandes grupos: os platirrinos de nariz chato e os catarrinos, de nariz pendente, com narinas voltadas para baixo, como o nariz do homem (02).

E ainda:

— Segundo biólogos e antropólogos, o homem é um ser vivo animal, cordado (animal que durante a vida tem notocorda, cordão flexível na fase embrionária do qual se desenvolve a coluna vertebral), fendas branquiais e sistema nervoso dorsal como o anfioxo. Pertence ao subfilo dos vertebrados por apresentar crânio e coluna vertebral segmentada. Tem um cérebro enorme em relação ao peso corporal: em média, 1000cc e caixa craniana superior à face. É um bípede terrestre, tem pernas retas, duas mãos com polegar opositor, infância e maturação prolongadas, organização social complexa, graças à tendência cooperativa. É capaz de elaborar pensamentos abstratos (38). Os

antropólogos nos dizem mais:

o homem que precedeu à civilização agrícola, estava subordinado às estações, engordando nas quadras de fartura e emagrecendo nos períodos de penúria. Só em regiões excepcionais dadivosas, como as costas marítimas ricas em mariscos e, por isso mesmo, muito disputadas, esses bandos podiam alcançar maiores concentrações. Ainda assim, o montante de cada grupo era limitado pela capacidade de provimento alimentar nas quadras de maior escassez e pelas dificuldades de ordenar socialmente o convívio de unidades sociais maiores... Nesse largo período de vida pré-agrícola, avaliado em meio milhão de anos, o homem aprendeu a dominar o fogo, aprendeu a fabricar instrumentos de trabalho que compensaram as carências físicas como meios de ataque e defesa e aumentou sua eficiência produtiva. Desenvolveu idiomas, criou instituições sociais reguladoras da vida familiar e grupai e intensificadoras do sentimento de lealdade étnica. Acumulara patrimônio de saber e crenças que explicavam sua experiência e orientava sua ação, bem como fantasmagorias, através das quais procurava alcançar segurança emocional em face dos riscos a que estava sujeito e dos quais se tornara consciente, como a dor e a morte... Cada pequeno bando isolado, subdividindo-se sempre que crescia... Prevalciam as tensões centrífugas que conduziram a espécie humana à dispersão, desde seus nichos originais até cobrir a Terra inteira... As instituições do tabu do incesto e da exogamia, atuando como vinculadores de diversos grupos tribais cooperativos, ou, ao menos, não necessariamente hostis... Em alguns desses núcleos, através de milênios, surgiram as primeiras formas de agricultura, iniciadas pela horticultura de frutos e tubérculos... Depois, as aldeias agrícolas indiferenciadas, diferenciam-se em hordas pastoris nômades e Estados rurais e artesanais (privatistas ou coletivos), impérios teocráticos de regadio, impérios mercantis escravistas. Esses e as chefias pastoris apresentavam regressões feudais que evoluíram para os impérios despóticos salvacionistas e impérios mercantis escravistas. Depois, apareceram impérios mercantis salvacionistas, Capitalismo mercantil, Imperialismo industrial, Neocolonialismo e Socialismo revolucionário (34).

Atualmente, domina o sistema neoliberal globalizante, que explora também países pobres governados por elites “subdesenvolvidas” ou “desonestas”...

Edgar Morin também afirma que “o homem tem raízes no cosmos” (28) e, ao referir-se ao homem com os termos “lúdicus” e “demens”{24}, parece subordinado ao pensamento de Pascal:

“Que quimera, é então, o Homem?”

*Que novidade, que monstro, que caos,
Que objeto de contradição, que prodígio!
Juiz de todas as coisas, verme
imbecil, depositário do verdadeiro,
cloaca da incerteza e do erro;
glória e dejetos do universo. Quem
resolverá esta confusão?” (28)*

Os físicos que também procuram a origem do universo e do homem, de igual forma, estão submetidos ao raciocínio grego. Como já vimos, dizem que após a explosão e a existência de galáxias deveriam ter estrelas primordiais... que explodiram em nova e geraram sistemas solares como o nosso... Nesse sistema, foram necessários 3,5 bilhões de anos para aparecer a vida... e seres inteligentes como nós, como se os pássaros que se utilizam de espinhos para caçar e comer larvas que vivem no interior dos troncos e ramos das árvores, também não fossem inteligentes... Essa obsessão intelectual, em considerar, pensamento abstrato, inteligência excepcional, razão, ética, cultura e civilização parece-me característica de comportamento de domínio paleoencefálico, ou quem sabe, uma doença crônica psíquica, ou esnoberia dos “sábios”. Aos “astros” do neórcortex - pensamento, inteligência, consciência, razão e ética - considerados pela obsessão megalomaniaca de “doutores humanísticos”, não poderiam ser omitidas ou negligenciadas, nem as emergências de comportamento paleoencefálico e, muito menos, as emergências da afeição do paleomamífero, amizade e amor neocorticais. As duas últimas foram muito bem estudadas pelos gregos, apesar de não terem sido correlacionadas com as respectivas áreas cerebrais. Para o norte-americano ou europeu, as emergências do paleomamífero e neocórtex (afeição pela prole e afeição seletiva e, muitas vezes o amor) são referidas com frequência, como sentimentos altruísticos. (41)

Apesar dessa afirmação, desde os gregos, o amor, que nos parece mecanismo de adaptação-seleção da espécie dos hominídeos, já era referido: Segundo a lenda,

“Psichê era uma menina com asas, como uma borboleta, filha de um rei, a mais linda das três irmãs. Era tão linda que Afrodite dela tinha ciúmes e afastava de Psichê todos os pretendentes que dela se aproximassem. Afrodite também ordenou que Eros a matasse. Eros, porém, apaixonou-se por Psichê. Os pais que não suportavam ver a filha solteira, foram informados pelo oráculo de que deveriam vestir a filha de noiva e a levá-la para um rochedo, onde um monstro horrível a esperava para desposá-la. Os pais assim o fizeram porque não toleravam ver a filha solteira. A moça foi para lá levada e abandonada

num monte. No entanto, Psichê percebeu que Zéfiro (personificação do céu estrelado e o vento oeste) a transportava docemente para um lugar de relva macia e adormeceu... Quando Psichê acordou, estava num palácio de ouro e de mármore, porém vazio. Ouvia vozes que, além de iguarias, prepararam-lhe um banho perfumado, mas o esposo que a tratava muito bem era invisível. Cansada da solidão, pretendeu visitar a família, levando-lhe grande quantidade de presentes. Para ver o esposo que afizera tão feliz, aconselharam-na levar uma lâmpada de óleo para descobrir quem com ela partilhava o leito. Assim o fez e viu que, no leito, estava Eros, de incomparável beleza, mas, descuidada, deixou, cair-lhe no rosto um pingo de óleo fervente. Eros acordou com muita dor e encolerizado a chamou de ingrata, abandonando-a. Psichê deixou o palácio, procurando pelo mundo, o amor que perdera... A história conta que Afrodite a condenou inclusive a descer aos infernos. Lá, recebeu de Perséfone um frasco da água da juventude, o qual não deveria abri-lo. Mas Psichê não resistiu à curiosidade e ao abri-lo entrou num sono profundo. Eros que a procurava, encontrou-a. Acordou-a suavemente e a carregou nos braços, suplicando a Zeus permissão para desposá-la. Zeus não só lhe deu permissão como ordenou à Afrodite que, com ela, se reconciliasse"... (10)

Psiquê, segundo Aristóteles, era responsável pelas funções *intelectuais do homem e também pela vida. Quando Psiquê abandonava o corpo, resultava a morte do indivíduo* (02). Entretanto, Aristóteles não relacionou o cérebro com o comportamento humano. Para ele, o cérebro teria função de um condicionador de ar: servia apenas para esfriar o sangue que, por ali, passava.

Esse conceito dominou no Ocidente até o aparecimento da teoria de Descartes (1596-1650), que propunha ter o cérebro papel importante no comportamento humano. Assim,

"Quando uma mão toca uma bola, por exemplo, a mente aprende por meio do cérebro que a bola existe, onde a bola está... a mente humana direciona o corpo para tocar a bola, mas o faz, por meio do cérebro... A mente ou alma, segundo Descartes, estava localizada na pineal (17)

A teoria de Descartes permitiu que as pessoas concluíssem: "crianças pequenas e pessoas mentalmente insanas não devem ter mentes humanas porque não possuem raciocínio apropriado". Os insanos eram como máquinas e não mereciam o tratamento de pessoas normais. O tratamento cruel de animais, crianças e doentes mentais era justificado pela teoria de Descartes. Bichai, citado por Viana, apesar de ser um dos pais da fisiopatologia, continuou ensinando que *"a sede da inteligência era o cérebro, mas a sede dos sentimentos eram as vísceras: o fígado, gerador da raiva; o estômago, do medo; os intestinos, responsáveis pela alegria e até hoje, costumamos repetir como dizia Bichat que o coração é o gerador da bondade. (40)*

Na época em que Phineas Gage se acidentou em 1848 (como veremos), apareceu a frenologia. Essa ciência apregoava existirem, no cérebro, certas propriedades psíquicas ou até qualidades de caráter. O autor Gall explicou e demonstrou também por que as lesões de um lado do cérebro paralisavam os membros do corpo do lado oposto (07).

Ainda que esse pensamento não fosse aceito pela academia de Paris, Broca, em 1861, localizou o centro da fala, Meynart afirmou que a vida psíquica e a estrutura cerebral devem coincidir e Griesinger acrescentou à idéia que as doenças mentais são doenças do cérebro. Wernicke descobriu que a afasia sensorial dependia de uma lesão no lobo temporal esquerdo. Na mesma época, Charcot começou a trabalhar no Salpêtrière em Paris, hospital que abrigava os não-humanos de Descartes.

“Jean Charcot chegou ao hospital de La Salpêtrière, por volta do ano de 1860. Com a equipe que com ele trabalhava começou a documentar os sintomas dos pacientes. Mais tarde quando estes morriam, os cientistas examinavam o cérebro destes pacientes e relacionavam as anormalidades encontradas com o respectivo comportamento anterior. Charcot descreveu os resultados em suas palestras a outras pessoas do hospital e publicou-os em livros e jornais” (17).

Mais uma vez, a anatomia patológica (ainda ignorada pela sociedade) contribuiu para ensinar que um cérebro normal é imprescindível para o comportamento normal dos seres humanos. Ainda, se as lesões do sistema nervoso são conhecidas, o diagnóstico pode ser feito em vida e os pacientes receberem tratamento adequado. A Patologia, sem dúvida, contribuiu para a queda da teoria de Descartes, e também para que os doentes considerados loucos, tivessem, igualmente tratamento humano. Apesar da correlação cada vez mais estreita entre lesões e sintomas que denunciam doença cerebral, existiu e existe ainda uma grande rivalidade entre psicanalistas, psicólogos, psiquiatras, filósofos, neurofisiologistas ou neuropatologistas e farmacologistas. Alguns chegaram ao extremo de afirmar como Möbius (citado por Kurl Jaspers): "a histologia não deve dominar a clínica porque a classificação anatômica turva a mente

— Se fôssemos tão fanáticos como este autor, poderíamos aconselhá-lo que, na primeira gripe ou resfriado adquirido, que fosse-lhe feita uma glossectomia com dois objetivos: primeiro, para desanuviar-lhe a mente, segundo, para que melhorasse do resfriado e não abusasse da paciência dos patologistas...

— Luís Carlos! O nível, Luís Carlos!... reclamou o patologista.

Mas o estudante continuou como se nada tivesse ouvido:

— Não é possível, nos dias atuais, continuar com desavenças dessa natureza, característica da nossa cultura infantil ou paleoencefálica. Acredito

que neuropsiquiatras ou neurologistas e demais especialidades, devem saber que, se existem lesões nos pré-frontais, responsáveis pelas alterações do comportamento cultural, também existem traumatismos socioculturais que determinam severas modificações de comportamento, como a "sociopatia evolutiva" (07). Não é conveniente negar lesões anatômicas, nem alterações psíquicas... Essa beligerância inútil é semelhante à inutilidade da guerra entre religiosos e cientistas ou a guerra entre maometanos, israelitas e cristãos na "Terra Santa"... Enquanto psiquiatras, psicólogos, analistas e filósofos disputarem hegemonia com neurofisiopatologistas ou neuropsiquiatras, a humanidade continuará ignorando o cérebro que carrega no interior do crânio.

Tal lacuna cultural deverá ser saneada. A humanidade parece-me ter perdido uma grande oportunidade para se reconciliar ou teve talvez um pequeno cochilo no ano de 1937, quando Papez, citando os trabalhos de Bard, descreveu o "Circuito de Papez", atual região límbica. Papez alertava que as circunvoluções do hipocampo e Gyrus cinguli, a partir de aves e de mamíferos, desenvolveram-se andar por andar e, que dessas áreas, emergiam expressão emocional e experiência emocional. Para ele, a emergência emocional abrangia duas condições distintas: a expressão emocional que significava uma reação breve e intensa do organismo, frente a um fato inesperado. E experiência emocional, aquelas modificações que acompanham ou que se sucedem no nosso organismo após a expressão emocional. Enfatizava, ainda que a expressão emocional dependia do cérebro primitivo, principalmente, dos núcleos hipotalâmicos. Afirmava, pela demonstração em animais de laboratório, que a ablação cirúrgica, ou do neocórtex ou do tálamo, a expressão emocional continuava presente... Mas, o sentir das emoções, a experiência emocional teria obrigatoriamente a participação do neocórtex (30).

Imagino que se Papez tivesse relacionado o "Circuito de Papez" com o comportamento de aves e de mamíferos, teria chegado, obrigatoriamente, às mesmas conclusões de MacLean, que, em 1983, escreveu:

"o cérebro humano recapitula a evolução do sistema nervoso animal. O cérebro humano está representado por um "cerne réptil" (a sede dos nossos impulsos básicos), envolto por um cérebro paleomamífero (que dotou nossos antepassados, entre outras coisas, de "afeição pela prole") por sua vez envolto por um neomamífero. O volumoso cérebro neomamífero nos trouxe o raciocínio abstrato, a linguagem e, talvez, a afeição (seletiva) por pessoas fora do círculo familiar. Afirma ainda que ele "serve para raciocinar, justificar e dar expressão verbal às partes pro-répteis e límbicas (paleomamíferas) de nossos cérebros" (41).

A partir de Papez e MacLean, aprendemos, portanto, que sobre o cerne réptil a partir dos ouriços, lêmures e antropóides, emergem, além de emoções e sentimentos, a afeição, a amizade e o amor. Aqui devemos fazer uma pausa e uma nova síntese. Se as emergências do comportamento dependem do

cérebro que carregamos no interior do crânio, se essas emergências sempre estiveram presentes no comportamento histórico da humanidade, devemos admitir que existem 5 (cinco) níveis inconscientes que exigem do nosso ego, satisfação das respectivas necessidades...

— Não complica! Traduze para que todos possam compreender! reclamou o patologista...

O estudante tentou explicar:

— Se existe um cérebro quadriúnic e bissexuado responsável pela cultura, devem existir 5 (cinco) níveis de consciência:

- a) A consciência do inconsciente paleoencefálico, que impõe ao indivíduo dominar o meio para preservar a espécie e a vida, primeiro mandamento da cabana primitiva da vida ou primeiro mandamento biológico.
- b) A consciência do inconsciente do paleomamífero que exige dos pais das aves, mamíferos e seres humanos a “afeição pela prole”, mandamento da segunda dependência da cabana construída pela vida, que se acrescentou à cabana primitiva.
- c) A consciência do inconsciente neocortical que exige do ser humano “afeição seletiva” ou amizade, a terceira dependência, que deve estar associada aos mandamentos da primeira e da segunda.
- d) A consciência do inconsciente cultural, ou seja, a consciência que construímos através da cultura armazenada, provavelmente, nos pré-frontais. Essa é, sem dúvida, a consciência mais vulnerável, porque a construímos sobre valores impostos pela moral universal de vencer, razão pela qual, com frequência, imaginamos que todos os seres humanos deveriam ter consciência igual. Porque cada um de nós é uma experiência única na natureza, cada um de nós constrói uma consciência diferente dos outros. Mesmo assim a moral e o poder dominantes, ainda paleoencefálicos, exigem de nós uma consciência universal, como se todos fôssemos apenas o número 10 da escala decimal ou que todos nós nos comportássemos como cordeirinhos domesticados. Esse é o motivo pelo qual dizemos ou ouvimos a seguinte expressão: “eles ou ele não têm consciência”. Ainda: Como nosso inconsciente cultural é dominado pelo paleoencéfalo, o qual nos impõe dominar o meio para preservar a espécie e a vida, o comportamento humano parece realmente “sem consciência e sem juízo”; porém, deve ficar bem claro: não ter juízo não é sinônimo de ser mau, pelo menos, assim, nos ensinam nossos preceptores aqui presentes.
- e) Segundo nosso orientador de Patologia, da ação associada dos quatro cérebros, emerge a consciência do inconsciente que exige do homem amar. Trata-se da última dependência construída pela evolução

biológica e a única dependência que distingue o homem do animal. A partir desse novo cérebro que MacLean e o patologista propõem, é possível explicar nosso comportamento complexo que já não permite dualidades ou trindades. Se admitirmos ainda, que o homem tem pensamento e inteligência excepcionais e que o homem é um ser vivo de amadurecimento prolongado, que o capital genético é influenciado pela alimentação, pelo ambiente familiar, escolar, pelos elementos do mundo físico, biológico e social, é possível, diria até indispensável que, na nossa escola recém-nascida, acrescentássemos uma nova disciplina nas ações de Medicina Preventiva e Promoção da Saúde, uma disciplina que poderia ser denominada PROFILAXIA dos DISTÚRBIOS do COMPORTAMENTO...

Todas essas afirmações foram bem recebidas pelos professores, porém os estudantes não pouparam o co-relator.

— É a locomotiva do trem paulista que arrasta os outros vagões do Brasil...

— É um Lampião que pretende modificar o comportamento da sociedade nordestina...

— Luís Carlos parece uma morena carioca de Copacabana! Rebola para chamar atenção!!!

— Parece pai de santo na Igreja do Bom Fim.

— Parem com isso! Reclamou um mineiro que sempre levava um muro para sentar...

O Patologista, apesar de entusiasmado com os comentários do aluno, interveio como é da responsabilidade dos orientadores que devem manter a disciplina:

— Mas é só fechar os olhos que os estudantes aprontam! O tempo passa! Oco-relator divaga! Há comentários paralelos. Por favor! O dono da festa, isto é, o co-relator continua com a palavra!

O mestre Válter, porém, como sempre, ponderado e tranquilo, interrompeu:

— Com permissão do patologista, gostaria de fazer algumas perguntas ao co-relator.

— A licença está concedida! assegurou o Patologista.

O Mestre, então, perguntou:

1) - Poderia nos dizer, resumidamente, por que deveria existir essa disciplina?

2) - Quais os capítulos que dela fariam parte?

3) - Para quem e quando esses capítulos deveriam ser aplicados na população de influência do hospital da nossa faculdade?

4) - Quem deveria fazer parte da elaboração da mesma?

5) - Qual a importância dessa disciplina para a sociedade humana?

6) – E qual a importância da nova disciplina para os professores da escola?

— Vou responder, pela ordem, às perguntas formuladas. A nova disciplina deve ser introduzida em todas as faculdades da UnB, porque todos os seres humanos da Universidade estão sujeitos a apresentarem depressão como a paciente. Acredito que todos devem aprender que, além de pensamento, inteligência, consciência e razão que se acentuaram com o desenvolvimento neocortical do cérebro humano, emergem as pulsões biológicas primitivas do cérebro réptil, afeição pela prole do paleomamífero, afeição seletiva e amorneocorticais. Amaioriados sintomas referidos pela paciente, como demonstra o mestre, dependem do comprometimento dos núcleos hipotalâmicos. Ainda, se todos os universitários aprendessem que do cérebro dependeu o comportamento da humanidade, provavelmente, escolheriam outro caminho. É possível também que concluíssem que o comportamento histórico - ciclotímico da humanidade, pelas loucuras e atrocidades descritas, deveria ter sido gerado pela porção terminal da medula espinhal que corresponde à cauda equina ou à região sacrococcígea próxima à porção terminal do tubo digestivo...

— O loco!!! Até que enfim apareceu alguém sincero que localizou exatamente a origem do comportamento apoplético do homem!

Essa observação fora feita com entusiasmo pelo estudante que aprendeu alguma coisa com os civilizados. Claro! Só poderia ter sido feita por um goiano, que, ao chegar à escola recém-nascida, não conseguia compreender a diferença de um táxi da tome localizada na Esplanada dos Ministérios do centro da capital. Não é necessário enfatizar que as tralhas do rancho também aplaudiram a definição para o comportamento infantil do homem enquadrado nas características da fase anal dos freudianos. Até o mestre Válter não se conteve. Em vão, tentava sufocar o riso. Apenas o orientador de patologia manteve a impassividade, tão significativa, que alguém segredou ao colega vizinho:

— O Patologista assumiu, nesta reunião, o complexo de responsabilidade. Como todos os que eu conheço, deveria ser enforcado pela raiz da bolsa esc...

— Você já imaginou se ele ouve!...

Entretanto, apesar de alguns quererem vê-lo dependurado por aquela raiz, o patologista conseguiu impedir que a desordem prosperasse e acabasse com a sessão...

Em pouco tempo, Luís Carlos voltou à seriedade dos trabalhos.

— A conclusão diagnóstica dos relatores foi confirmada pelo Patologista. O caminho que percorreram para concluir o diagnóstico, permite-me justificar essa disciplina: todo ser humano que convive pacificamente com as pulsões biológicas primárias, tais como: agressão ou defesa, fome, reprodução, conhecimento, prazer, que convive pacificamente com as atividades relacionadas à preservação da espécie ou do medo, tem afeição no relacionamento com familiares, tem um ou dois amigos, encontra realização pessoal no trabalho que faz e tem condições de revelar amor pelos ambientes físico, biológico e social, esse ser humano, para ter depressão, seria necessário que fosse um soldado fiel às ordens de Bush ou discípulo do professor de pa...

— Por favor! Interrompeu o Patologista. Você está proibido de completar a frase por uma questão de ética, mesmo que a direta não me sirva como chapéu!

Não é necessário dizer que novamente o rancho “quase desabou... mas o Patologista sabia que a turma voltaria espontaneamente para os trabalhos. Tanto assim que também participou da festa, apesar da irreverência momentânea dos alunos...

Poucos poderiam explicar por que, naquela ocasião, o orientador de Patologia não respondeu à agressão dos alunos. Alguns, entretanto, sabiam que esse docente, em poucos dias, aprendera que a capital da República, era a Nova Iorque de mineiros e nordestinos ou a Bagdá dos goianos. Todos os “estrangeiros” que fugiam da terra natal, ou por não suportarem os preconceitos sociais da terra onde nasceram, ou por não suportarem a vergonha pelas derrotas sofridas, na capital, onde ninguém conhecia o passado de ninguém, experimentar o sabor de uma forma de liberdade de expressão que desconheciam, era o paraíso que buscavam. Essa liberdade, o Patologista jamais coibiu, mesmo que entrasse em choque ideológico com estudantes e funcionários da escola. E foi talvez o único motivo pelo qual teria sido convidado para dirigir a sessão organizada pelos estudantes. A autocrítica havia lhe permitido reconhecer que a agressão cultural sofrida o tomara um agressor de primeira. A agressão que sofrera desde a infância, muitas vezes, era descarregada sobre os estudantes inocentes. Mas, através dos estudantes e a eles era grato, aprendeu que, ao agredi-los, se não revidassem, sentia-se como se fosse um réptil. Descobriu que não revidar a agressão era imitar o comportamento de Buda, Jesus Cristo, Ghandi e Luther King.

Aos poucos, sem responder à irreverência dos estudantes, o ambiente voltou à normalidade, e Luís Carlos continuou com tranquilidade:

— Penso ter respondido ao mestre a primeira pergunta e, por ordem, responderei às que seguem. A partir da primeira, a segunda resposta é óbvia. Os capítulos dessa disciplina, obrigatoriamente, deveriam referir-se, de início, às pulsões biológicas primitivas, que emergem a partir dos centros localizados no cérebro primitivo, e se manifestam, principalmente, através da amígdala da região límbica, segundo conceitos mais recentes. Sucessivamente, deveriam constar os capítulos referentes à afeição, amizade e amor, sem jamais esquecer os filósofos que poderiam contribuir para esclarecer os descaminhos que pensamento, inteligência, consciência, razão e ética conduziram a humanidade. Assim, a nova disciplina, aliada à informação, teria 16 capítulos.

A terceira pergunta, ou para qual população - alvo, essa disciplina deveria ser aplicada, se já existissem professores preparados, em condições ideais, além ser orientada no interior das universidades, também deveria orientar os futuros pais dos pequenos mamíferos humanos. A princípio, seriam alertados que o recém-nascido não é nenhuma folha de papel em branco, onde o ambiente familiar, social e escolar vão deixar escrito o que lhe for ensinado. Aprenderão que são importantes a herança genética, as emergências paleoencefálicas que induzem a criança desde o nascimento a dominar o meio e a preservar a vida. Essas noções são de capital importância. Os pais aprenderiam então que a criança é um ser vivo egoísta e tudo faz em função de si para si. Esse comportamento, entretanto, não deve ser interpretado como se a criança fosse de natureza má. Os pais aprenderiam que os núcleos paleoencefálicos da criança são os primeiros a amadurecerem e, por essa razão, assim se comporta. Mas, na vida intra-uterina e, ao nascer, o bebê tem paleomamífero maduro. A afeição inconsciente do casal mamífero humano, é a emergência cerebral que deve ser oferecida ao filhote durante a gravidez, nos primeiros dias, nos primeiros meses e nos anos subsequentes.

É importante saber que, nessa fase, agressão e afeição são emergências que se revezam alternadamente. Além dessa orientação, os pais seriam advertidos também que desde os primeiros dias de gestação aos dois primeiros anos de idade, o cérebro tem aumento de volume acentuado. Nesse período, os cuidados com a alimentação e a educação dos filhos devem ser redobrados. Infelizmente, a atual administração e a lei vigente desconhecem essa verdade indiscutível. Revelam ignorância e desumanidade imperdoáveis, quando decidem que a mãe tem apenas quatro meses de licença para ficar com o filho. É nesses dois primeiros anos de vida extra-uterina, que os cuidados para a alimentação e a afeição mamífera dos pais e dos orientadores devem ser acentuadas. Depois desse período, o cérebro tem desenvolvimento extremamente reduzido até os quatro anos. Por essas razões apontadas do nascimento até à adolescência, desenvolver-se-iam métodos para que as crianças aprendessem a conviver com as pulsões biológicas primitivas do: trabalho, fome, prazer, medo, conhecimento e informação, metodologia para desenvolver a afeição mamífera. Essa orientação, a partir do nascimento e nos

primeiros anos de vida, é importantíssima, porque é, nesse período, que se estrutura a personalidade do indivíduo. Assim preparado, o pequeno réptil mamífero e humano teria melhores condições anatômicas, físicas e psicológicas para começar enfrentar a turbulência hormonal que se manifesta na pré-adolescência e, mesmo, durante a adolescência.

Nesse sentido, noções como essas seriam oferecidas em creches e em pré-escolas, porque, nos tempos atuais, a mãe da maioria das crianças trabalha fora de casa para contribuir com o orçamento familiar. Os pais seriam orientados que, hoje, em virtude dos estímulos eróticos que a televisão e o comportamento dos casais de namorados exibem nas ruas e outros fatores, determinam que a menarca (primeira menstruação), em vez de se apresentar aos 14 anos (nos países de clima temperado) se apresenta, em média, com dois anos de antecedência. Temos experiência de gravidez aos 10 ou 12 anos de idade. Como consequência desse novo comportamento induzido pela indústria do prazer, os estímulos psíquicos começam atuar sobre o neocórtex e eixo hipotalâmico, liberando os hormônios, através da hipófise, preparando o menino e a menina precocemente para as atividades de reprodução. Essa descarga hormonal, quer queiram ou não, é a grande responsável pela turbulência de comportamento nesse período ectário.

Paleoencéfalo e hormônios induzem os jovens a demarcar, inconscientemente, um território para essas atividades. Como o território da casa ou apartamento do perímetro urbano, é restrito e, o “território ocupado” pertence ao casal, é normal a tendência dos filhos mostrarem agressividade em relação aos pais. Evidentemente, se pais e filhos forem esclarecidos sobre o tema, o atrito não atingiria as proporções absurdas que, às vezes, são observadas inclusive entre nós, quando nos referimos aos pais como velhos quadrados. Lembrar que, entre os nativos de Trobriand - onde o objetivo do casal e da tribo era preservar uma espécie sadia - os adolescentes eram alojados em pequenas “repúblicas” de quatro a seis indivíduos. Essa decisão revela o quanto esses nativos compreendiam o comportamento dos adolescentes preservando, assim, a tranquilidade dos progenitores. Ainda, como as relações sexuais não eram reprimidas, aqueles nativos, ou eram mais evoluídos do que nós, muito inteligentes, ou mais compreensivos com os adolescentes.

Nesse ferido adão, o exemplo de Trobriand, poderia nos servir. Nossos pais devem estar imaginando que estamos rezando com a alma iluminada pelo lustre da catedral de D. Bosco da capital da República. Imaginando assim, eles, com certeza, estarão orando para a felicidade dos filhos. Será bom para todos se eles não perguntarem onde estivemos e nem nós abriremos a boca para delatar aquilo que estamos fazendo...

Depois de uma breve pausa, em virtude do riso dos colegas, prosseguiu:

— Todas as emergências cerebrais seriam abordadas sem tolerar

qualquer preceito ou preconceito moral estabelecido pela cultura do vencedor. Todas elas seriam consideradas segundo as propriedades de comportamento que emergem do cérebro humano. Porque esses cuidados ou esses princípios primários nunca foram aplicados na educação dos seres humanos, paralelamente ao desenvolvimento das emergências da afeição e da amizade, a evolução histórica do homem não poderia ter sido diferente. Tomemos como exemplo duas propriedades paleoencefálicas associadas ao poder reptiliano de dominar o meio para preservar a espécie e a vida. Esse triunvirato, para conseguir os objetivos desde os primeiros hominídeos aos dias atuais, conduziu o comportamento histórico da humanidade e não há como contestar esta afirmação.

— Por favor, Luís Carlos! Você parece que engoliu as regras da didática: todos nós estamos aqui para aprender. A idéia é importante, porém, nós, das arquibancadas, não estamos acostumados a ouvir alguém relacionar a história humana segundo o cérebro que os homens têm no interior do crânio.

— Agradeço! vou tentar esclarecer: as duas pulsões biológicas que atuaram associadas ao poder que se perpetuou por milênios foram a agressão e o conhecimento. A agressão sempre foi reverberada pelo poder, quando interessava ao poder, mas, por detrás da máscara de não - agressão ou da palavra paz, o poder sempre instrumentalizou a agressão através do conhecimento para benefício próprio. Querem ver? Diariamente, através de todos os meios de informação, condena-se esta pulsão biológica primitiva ao mesmo tempo em que não cansa de louvar o conhecimento. Os cientistas são louvados por religiosos, civis, militares e a população do mundo inteiro. Aprendemos com o mestre Válder que a ciência não tem consciência, mas durante o desfile da tragédia humana, a galera das arquibancadas delira com o réptil à flor da pele, enquanto os três atores (poder, conhecimento e agressão), conduzindo blindados, foguetes, tanques e soldados, desfraldam a bandeira da paz. Vocês devem estar lembrados que, ao abordar o tema, o mestre descreveu as formas de agressão que normalmente existem entre os seres vivos. Porém, denominou de agressão cultural a agressão singular da espécie hominídea. A agressão cultural é sinônimo de agressão instrumentalizada pela cultura através do conhecimento adquirido. Comecei a compreender melhor a agressão cultural depois de ler Damasio quando esse neurologista passou a relacionar os pré-frontais (o quarto cérebro do nosso patologista) com o matador em serie (Serial killer).

Damasio reescreveu recentemente a história que ocorreu em 1848, com Phineas Gage, 25 anos, que trabalhava como capataz na Nova Inglaterra. Esse rapaz coordenava um grupo de operários, responsáveis para assentar os trilhos de uma ferrovia, numa estrada que fosse a mais reta possível, obrigados por isso a explodir as rochas que encontrassem pela frente. Segundo o relato, o paciente era um líder, inteligente e trabalhador. A explosão das rochas era

feita, ao que parece, como se fazia em NB (RS) para explorar as jazidas de ametista e topázio. Para tanto, naquela cidade, era usada uma broca de ferro, batida com um malho de 5Kg. Dessa maneira, era feito um buraco na rocha de, aproximadamente, 30 a 40cm de profundidade e 3 cm de diâmetro médio. Depois, era colocada a corda de mina e pólvora.

Em NB, por sua vez, a pólvora era calcada com fragmentos de tijolo através de uma broca de madeira, semelhante à broca de ferro. Depois da pólvora socada, a corda de mina era acesa e quem acendia o estopim para provocar a explosão no interior da rocha, fugia para um abrigo, obviamente, para não ser ferido pelos pedaços de pedra que voavam com a explosão.

Já na Nova Inglaterra, sobre a pólvora, era colocada areia. Com o personagem da história da neurologia, ninguém soube explicar como aconteceu. Gage havia terminado de colocar a pólvora e parece que começou a calcá-la com uma broca de ferro, antes que sobre a pólvora se tivesse colocado areia. Uma faísca deve ter provocado a explosão. A barra de ferro que o próprio Gage mandara fazer, penetrou-lhe pela face esquerda, passou por detrás do maxilar superior, junto à retina do globo ocular esquerdo, atravessou-lhe o crânio que corresponde à porção central dos pré-frontais e caiu a mais de 30 metros de distância. Gage foi ao solo, mas permaneceu consciente. Levado para uma estalagem, foi atendido pelo Dr. Harlow que descreveu a história desse trabalhador. A partir do acidente, o equilíbrio entre suas faculdades mentais e animais foi destruído.

O autor descreve ainda que Gage usava, com frequência, linguagem obscena. *“Criança nas aspirações e com capacidade intelectual possuía paixões animais de um homem maduro. Morreu sem nunca mais ter apresentado bom comportamento. Transformou-se num brigão e bêbado”*(07). E mais: o autor, ao explicar o comportamento de Gage, ensina-nos que as lesões dos pré-frontais podem ser extremamente perigosas:

“existem assassinos que são indivíduos inteligentes. O limiar, a partir do qual suas emoções podem ser desencadeadas, é tão alto que nada parece detê-los e são, de acordo com os relatos que dão de si próprios, insensíveis e indiferentes. São a imagem da cabeça fria que dizem que devemos manter a fim de agirmos corretamente. Os sociopatas repetem seus crimes, com frequência, a sangue frio e com clara desvantagem para todos, inclusive, para eles próprios. São de fato, um outro exemplo de um estado patológico em que uma diminuição da racionalidade se faz também acompanhar de diminuição ou ausência de sentimento. E, sem dúvida possível, que a sociopatia evolutiva provenha de uma disjunção dentro do mesmo sistema geral que foi afetado em Gage, em nível cortical ou subcortical dos pré-frontais. Mas ao invés de resultar de lesões macroscópicas súbitas, que têm lugar na vida adulta, a deteriorização dos sociopatas evolutivos deve provir de

redes de circuitos anômalos e de sinais bioquímicos também anômalos que se registram no início do desenvolvimento individual. A compreensão da neurobiologia da sociopatia poderia levar ao tratamento desse problema. Poderia também ajudar a compreender até que ponto os valores sociais interagem com os biológicos para agravar o estado patológico ou aumentar sua frequência e inclusive levar a compreender estados que podem ser superficialmente semelhantes, mas que são determinados na sua maior parte por fatores socioculturais" (07).

Neste mundo caótico atual, todos têm dificuldades de definir ou conceituar a agressão individual ou cultural. Etmologicamente, a palavra deriva do latim *agressio, aggressionis*, que significa acometimento, ataque. Outros a conceituam como predisposição inata ou instintiva que pode revelar-se destrutiva em relação aos outros ou a si mesmo. Outros ainda, segundo o dicionário (15), a teoria do “teólogo suíço Alfred Adler (1837- 1937), significa ato ou atitude hostil, geralmente decorrente da frustração ou de sentimento de inferioridade”.

Nesse conceito, por exemplo, o autor não percebeu que, historicamente, são os países com melhor estado nutricional e melhor preparo da agressão instrumentalizada pelo conhecimento, os que invadem, assaltam e pilham as riquezas dos países menos desenvolvidos. Nesse sentido, atualmente, podemos, citar os europeus e aos norte- americanos que assaltaram o Iraque para explorar o petróleo desse país. Poucos lembram que Saddam, amigo e ditador armado pelos norte-americanos, invadiu o Irã, para explorar o petróleo que ali existia. Como os iranianos, mesmo sem o exército podre que se submelia aos ocidentais e foi demolido por rini, o povo iraniano expulsou os Iraquianos. Saddam, derrotado, também perdeu o “respeito” que americanos e ingleses lhe devotavam. Pressionado para deixar o poder, resistiu. Ingleses e norte-americanos invadiram o Iraque e prenderam Saddam. Mesmo assim, os invasores dizem que estão lá para “proteger” o petróleo, quero dizer, o povo iraquiano, apesar de Saddam estar preso. Os assaltantes lá permanecem para impor uma democracia através de um novo ditador semelhante àquela que foi imposta por eles na América Latina. Todos nós sabemos que os americanos foram mais felizes, nos anos 60, quando, através da CIA, derrubaram os governos eleitos do Brasil, Chile, Argentina e Uruguai. Os ditadores, amigos dos americanos, também praticaram atrocidades as quais os norte-americanos jamais denunciaram, porque foram eles inclusive que ensinaram aos carrascos da América Latina a torturar prisioneiros políticos ou “subversivos”. Sem invadir esses países, europeus e norte-americanos exploram atualmente a luz elétrica, as comunicações, 49% do petróleo brasileiro, os minerais do subsolo e outras “quinquilharias”, com a desculpa dada pelo governo “democrático” brasileiro de que as estatais eram mal administradas... Apesar do assalto, os países da América Latina ainda devem

aos exploradores. E os iraquianos deverão pagar pela reconstrução do Iraque, destruição que norte-americanos e ingleses fizeram com o aval da justiça internacional. Além desses pequenos deslizes que a história da humanidade esconde das crianças, também esconderam de mim, fatos que aconteceram na época áurea da exploração da borracha na Amazônia. Nunca ouvi, nas aulas de História a que assisti, nem nunca li, nos meus livros de História do Brasil, recomendados no primário e no secundário, que, na Amazônia “peruana”, cometeram-se atrocidades por aqueles que dominavam a exploração desta riqueza natural que pertencia à América Latina. Segundo alguém que não tem título de historiador, publicou que a

“Sociedade Antropológica de Paris, classificava os índios como se fossem insetos: a cor da pele dos índios huitotos correspondia aos números 29 e 30 de sua escala cromática. A Peruvian Amazon Company os caçava como se fossem feras: os índios huitotos eram a mão-de-obra escrava que dava borracha ao mercado mundial. Quando os índios fugiam das plantações e a empresa os agarrava, eram envolvidos numa bandeira do Peru, empapada em querosene e queimados vivos... Num longo e solene ritual, os índios rebeldes tinham suas línguas cortadas e depois eram torturados, para que falassem ” (09).

— Quem assim escreve, deve ser considerado pelos historiadores oficiais como ignorante e “desajustado” da História, porque não esconde “a glória” dos civilizados europeus e norte-americanos nem costuma mentir para as crianças como mentiram (talvez inconscientemente ou por ignorância) para mim os professores de História. Se eu dissesse que a civilização ocidental na qual fui educado para vencer é uma civilização com características de répteis inteligentes, em que o triunvirato poder, conhecimento e agressão a perpetuam como civilização reptiliana...

— Pare de fazer comício! Estamos numa sessão. Mais uma observação de caráter político, suspendo os trabalhos para o próximo ano! exclamou irritado o Patologista.

Mas Luís Carlos continuou como se não tivesse ouvido:

— Como também sou sincero, devo confessar (e vou fazer mais vezes durante a correlação) que, educados para vencer, como nós fomos, tenho certeza de que, no lugar dos europeus, norte-americanos civilizados, poderia ter ordenado que se praticassem atrocidades iguais ou piores e justificado através da história para as crianças nas salas de aula, que a economia está acima dos interesses humanos e da vida. Por isso, minha preocupação com a agressão cultural, característica da nossa espécie, acentuou-se depois de ter lido a história de Phineas Gage e as interpretações de Damasio. A partir de então, passei a admitir que poderia haver uma sociopatia individual representada pelo “Serial Killer” e uma sociopatia evolutiva “cultural”, representada por guerreiros que viviam e que vivem declarando guerras

sucessivas contra aldeias vizinhas como fazia Ulisses (14) ou diferentes nações como fizeram os “estadistas” que invadiram, mataram os índios da América, os negros da África, os povos primitivos da Austrália e arquipélagos vizinhos, roubando as riquezas desses povos. Esses bandoleiros ainda são considerados heróis. Continuou:

— Por questões didáticas, vou me deter ainda sobre esses sociopatas porque é intolerável a maneira como alguns brasileiros que perderam a auto-estima nos tratam através da mídia. Quando se referem à nossa cultura, denominam-na de tupiniquim. Na nossa aldeia, também globalizada, segundo essa mídia subserviente, salientam os pequenos crimes “hediondos” praticados pelos favelados. Os repórteres relatam e comentam tais crimes, ou por ignorância ou má fé, de uma maneira que escandaliza patologistas, neurologistas, ou pedagogos que tenham um conhecimento rudimentar sobre sistema nervoso. Aprendemos com o mestre Válter, citando Edgar Morin, que a diferença de conhecimento de um chimpanzé e um ser humano é devida ao número de neurônios, mais do que a qualidade das células nervosas. O chimpanzé, que não tem pré-frontais desenvolvidos como no homem, apresenta cérebro menor e um número bem menor de neurônios e não parece ser inteligente como nós. Há muitos anos, sabemos também que as ramificações dos neurônios de um desnutrido são semelhantes a uma árvore caduca que no inverno perde as folhas. Os neurônios das crianças bem nutridas assemelham-se à mesma árvore com folhas durante o verão. É evidente que o número de combinações possíveis entre as folhas da árvore de verão é, muitas vezes, superior ao número de combinações possíveis entre os galhos desprovidos de folhas de uma árvore caduca durante inverno. Essa é a razão pela qual as crianças bem nutridas têm mais “inteligência” do que as desnutridas. Essa diferença é também crucial na emergência do comportamento.

— De um modo geral, a maioria dos desnutridos NÃO SÃO AGRESSIVOS. Toleram com mais facilidade o submundo em que vivem. Os pequenos roubos que cometem não têm nem a sutileza nem a quantidade em dinheiro dos que, desonestamente, com diploma de curso superior, roubam dos cofres públicos e nunca são punidos. Algum leitor poderia adivinhar, porque esses ladrões, encistados no poder, são enquadrados pela lei como crimes denominados de “improbidade administrativa” ou “prevaricação”? Por que a mídia ignora que a lei não é o juiz quem a elabora e que a lei parece ser escrita para aliviar as rigores da lei de quem governa? Por que esse noticiário imbecil passa dias e meses falando de juízes, de senadores e de ministros desonestos, prendendo a atenção do público e termina governo, começa governo e sai governo e apenas um ou dois personagens são presos? Por que acusar juízes se eles apenas aplicam a lei elaborada por sociopatas culturais? Essa doença do noticiário que destaca a “desonestidade” dos que estão no poder, determinando no contribuinte a sensação de quem se sente vingado, não faz parte de uma doença sadomasoquista cultural comum? Será que não temos idéia de

onde estão os fatores socioculturais responsáveis por esse espetáculo, que não é só brasileiro, mas universal? Será que desconhecemos totalmente as causas que geraram e geram essa doença ou não queremos identificá-las porque a ignorância nos convém? Já não é possível adotar medidas profiláticas desse mal para evitar o suicídio coletivo dos seres humanos? Se não impedirmos a manifestação desse mal, a humanidade é viável como espécie?

É necessário, pois, enfatizar depois do que aprendemos nesse rancho que todos aqueles que são educados para vencer, contribuem para que esse espetáculo doentio e septicêmico se perpetue? Não vivemos numa cultura que busca emoções histriônicas, na maioria das vezes, localizadas na região infra-umbilical? Não vivemos numa cultura que impede a manifestação da emergência mais primitiva dos mamíferos denominada de afeição, emergência que é observada entre os cães? Existe diferença de comportamento entre favelados bem nutridos e sociopatas com diploma de curso superior? Os dois últimos, com o cérebro normal, não usarão pensamento e inteligência e as mil razões da razão, consciência e ética para justificar a prevaricação, a improbidade administrativa, os assaltos e os homicídios individuais ou coletivos? Tais sociopatas no poder não têm escrúpulos para arregimentar engenheiros, químicos, físicos, biólogos e médicos para a guerra química, nuclear, biológica e psicológica. Nenhum governo - que eu saiba - convocou favelados desnutridos para abarrotar os arsenais bélicos com armas químicas, biológicas e nucleares que a humanidade possui.

— Diante desses questionamentos, quero enfatizar, entretanto, que isso tudo nem poderia ter sido feito de outra maneira. Quando esses doentes nos agridem, dizemos que são maus ou desumanos. Quando assim nos expressamos, não estamos fazendo ou julgando esses sociopatas como eram julgados os desumanos de Descartes? Jamais esquecer que **o conforto que atualmente usufruímos não passa das “sobras” da mesa da indústria da guerra. Apesar de parecer absurdo, ousa afirmar, sem medo de errar, que a duração de uma espécie hominida no planeta é inversamente proporcional à tecnologia adquirida porque a agressão foi instrumentalizada pelo conhecimento.** As espécies hominidas desprovidas de tecnologia sobreviveram por muito mais tempo do que o homem de Neander ou o homem do Cro-Magnon. Quem sentirá na própria carne esta observação será a raça branca...

Luís Carlos foi interrompido.

— Não é possível! exclamaram alguns estudantes com pequena quantidade de pigmento melânico na basal da epiderme (primeira camada da pele).

— Será mais fácil limitar a agressão humana, respondeu Luís Carlos, do que a raça branca sobreviver no planeta como espécie. Há dois mil e quinhentos anos, essa raça foi quem dominou a tecnologia das armas e foi

quem mais se utilizou das armas que construiu para dominar o meio e preservar a espécie. Atualmente, é a raça que melhor domina também a tecnologia para limitar os filhos e predar o ambiente. Além do mais, é geneticamente recessiva, e as famílias atuais dos brancos não têm a mesma estabilidade de outrora. Segundo informações, no ano 2050, apenas 16% dos seres humanos vivos, serão brancos. O branco que sobreviver, talvez até o ano 2300, verá que é o último branco que sobreviveu... salvo se essa raça se precaver e resolver eliminar mestiços, índios remanescentes e amarelos com o arsenal bélico que possui... e só ter filhos com mulheres brancas...

— Você despreza a ciência, o conhecimento ou a raça branca?

— Além de não ser racista, pretendo compreender e respeitar o comportamento cultural de todas as raças humanas! respondeu Luís Carlos. Quanto ao conhecimento, como pulsão biológica primitiva, é indiferente em relação à minha opinião, a opinião de quem o amaldiçoa, ou de quem o reverencia como concessão divina para completar a obra do Senhor. Se tivermos em mente que conhecimento ou ciência é pulsão biológica primitiva, que o conhecimento é desprovido de consciência, como demonstrou o mestre ou colabora também inconscientemente para dominar o meio e preservar a espécie, poderemos afirmar, como nos ensina Edgar Morin, que há:

- a) progresso inédito dos conhecimentos científicos, paralelo ao progresso múltiplo da ignorância;
- b) progresso dos aspectos benéficos da ciência paralelamente ao progresso de seus aspectos nocivos mortíferos;
- c) progresso ampliado dos poderes da ciência paralelamente à impotência ampliada dos cientistas a respeito dos mesmos poderes... (29)

Ainda sobre conhecimento e agressão, podemos citar um físico de renome. Em 1939, Albert Einstein escreveu uma carta ao presidente Roosevelt, na qual avisava ao mandatário ser possível a construção de bombas poderosíssimas. Esse alerta determinou a elaboração do projeto Manhattan (13). Assim, foram construídas as bombas atômicas que, por ordem do presidente Harri S. Truman, detonaram Hiroshima em 6 de agosto de 1945 e Nagasaki, três dias depois. Apesar da devastação material e da mortandade no momento da explosão desses artefatos nucleares, em que 100 mil pessoas foram volatilizadas pelo calor da explosão e milhares morreram de câncer nos anos posteriores, apesar do aspecto hediondo desse crime que jamais será julgado, mesmo assim europeus e norte-americanos, chineses e outras nações “desenvolvidas” (daquele tipo de civilização a que me referi há pouco), construíram bombas atômicas de hidrogênio e de nêutrons e também armas químicas e biológicas, mais do que suficientes para varrer o homem da superfície planetária... Não podemos esquecer ainda que nosso orientador de Patologia, quando relaciona conhecimento com a agressão do comportamento humano, subdivide os tipos de escola e a História da seguinte maneira. Tipos

de escola:

- a) que ensina comunicar os homens com deuses, espíritos ou Deus;
- b) aquela que ensina vencer os inimigos da tribo;
- c) aquela que ensina vencer os inimigos da própria tribo.

Em virtude dessas escolas, divide, a história humana em três períodos:

- a) no primeiro período, o homem primitivo que vivia em bandos, praticava genocídio;
- b) no segundo, a partir da civilização agrícola, o homem acrescentou ao genocídio, a escravidão do próprio homem e do animal;
- c) no terceiro, o homem continua praticando genocídio e escravidão, acrescentando, depois da Era Industrial, a predação ambiental, a arma química, nuclear e biológica, que só os países desenvolvidos podem ter, para continuar oprimindo, pelo terror tecnológico, os países classificados como pobres e indesejáveis no planeta...

— E, neste rancho, os professores presentes pretendem nos fazer acreditar que o homem é o melhor dos animais. Se fosse assim, que outras coisas piores poderiam os animais fazer que nós não fazemos?

— Este é o nó górdio da questão! Biologia, cérebro e cultura. Por acaso, a partir da bactéria primitiva, o ser vivo não foi obrigado a dominar o meio para evoluir? Nos animais, a partir dos radiados e cnidários, não é o sistema nervoso que assume progressivamente a responsabilidade de dominar o meio para proteger a vida e a espécie? Aves e mamíferos, antropóides e seres humanos não têm, como os répteis, um paleoencéfalo responsável para dominar o meio e preservar a espécie? Fosse historiador e talvez não tivesse o comportamento dos babeiros que bajulam aqueles que venceram e que vencem as guerras, descreveria uma história assim: quando o homem vivia em bandos, talvez tenha aprendido a temer a escuridão, a fúria das tempestades dos céus e dos mares, raios, terremotos, vulcões e animais ferozes. Para aplacar a ira dos elementos, acreditou que os elementos da natureza eram deuses. Essa crença gerou o conselheiro da tribo ou pajé que evoluiu com o aparecimento dos sacerdotes de sumérios e egípcios. Religião e poder das tribos e dos diferentes povos foram simbióticos também entre gregos, romanos, árabes, judeus, índios, negros e amarelos. No mundo ocidental, o cristianismo, na proporção que evoluía, o poder do império romano entrava em decadência. Na Idade Média, o poder religioso cristão adonou-se também do conhecimento e através dele também instrumentalizou a agressão. Mas, os religiosos também tinham paleoencéfalo. Apesar do batismo da religião cristã e de outros credos, o batismo nunca livrou o religioso, o rei, o cientista ou o cidadão comum ou escravo, do cérebro primitivo. Não tardou para que o poder central dos papas fosse contestado pelo paleoencéfalo de outros religiosos influentes. Assim o poder religioso fragmentado também entrou em decadência a partir da Reforma de Lutero: o poder paleoencefálico dos cientistas, perseguido pelos religiosos,

aliou-se progressivamente ao poder paleoencefálico dos que pretendiam dominar a sociedade: ressuscitaram reis, imperadores e apareceram as repúblicas que alijaram do poder, religiosos e cientistas... mas, desde os tempos mais remotos, uma forma de poder paleoencefálico também evoluía e já subvencionava religiosos, poder civil e militar - prosseguiu:

— Atualmente, esse poder, sob a sigla de neoliberal, elege quem quer e estabelece a globalização. Extraordinariamente eficaz, esse sistema determina quem e quantos empregar; promete segurança para aliviar o medo; promete prazer, território (casa ou apartamento) para preservar a espécie; promete saciar a fome; promete a aquisição de conhecimento e a informação para perpetuar a discriminação profissional. Nos bastidores, governa os estados que governam o planeta. Devemos reconhecer que nenhum sistema, nenhuma forma de poder ofereceu a plena satisfação das pulsões biológicas primitivas como o poder neoliberal atual. Nenhum sistema foi tão eficaz para perpetuar a escravidão do homem pelo homem, a escravidão animal, da natureza e responsável também pela predação ambiental, como este sistema. Ainda! Nenhum sistema havia conseguido estabelecer uma concorrência intra-específica universal, transformando todas as instituições e seres humanos, rivais entre si, como o sistema neoliberal.

Como consequência o planeta ou o grande manicômio de Nietzsche nunca foi ou será tão manicômio enquanto este sistema político dominar. JAMAIS POR SER MAU!!! Apenas porque promete satisfazer todas as necessidades paleoencefálicas, desprovidas de juízo! Esse poder, aliado à agressão e ao conhecimento, esse triunvirato, com a experiência paleoencefálica de milhões de anos, tem, a seu serviço, pensamento e inteligência, justificados pela ética e pela razão, referendados pela consciência. Não é de admirar que mentirosos e ladrões obtenham para suas ações o apoio até de japoneses e chineses que eternamente mantiveram posições opostas. Todavia, nós, seres humanos, “**não somos répteis**” e devemos aprender, de uma vez por todas, que afeição, amizade e amor, foram traídos pelas diferentes formas de poder que regeram a história. Também foram traídos pela religião que optou por dominar o meio. Afeição, amizade e amor, ignorados pelos cientistas, filósofos e comerciantes ou industriais ou latifundiários, ou eliminados das relações humanas pelo neoliberalismo, foram transformados também nos sentimentos ambíguos de Freud, nos sentimentos altruísticos das civilizações européias e norte-americana, ou alojados na região infraumbilical pela cultura imbecil. Essas emergências cerebrais, mamíferas e humanas não mais participam das relações da humanidade, de qualquer atividade profissional. Não participam das relações entre religiões diferentes, entre políticos de diferentes partidos investidos ou despojados de poder ou entre assalariados e até favelados. Pergunto agora: se, desde a primeira infância, somos orientados para vencer o inimigo da tribo ou o concorrente da própria tribo na disputa de território, das fêmeas e do alimento, satisfazer ainda as

demais pulsões biológicas primitivas, apesar de hominidas, poderíamos ter um comportamento menos agressivo do que os répteis, instrumentalizando a agressão através do conhecimento? Podemos exigir deste réptil um comportamento mamífero da espécie Homo Sapiens sapiens?

— Quem poderia enfrentar este triunvirato primitivo, se ele tem a seu favor a filosofia neoliberal elaborada pelo pensamento, a força e estratégias militares elaboradas pela inteligência, as mil razões da razão, com a concessão da consciência e da ética? Perguntou o mestre para testar a convicção do estudante.

— Lembrar, em primeiro lugar, respondeu Luís Carlos, que esse triunvirato, tendo a seu serviço, os astros do neocórtex, não é de natureza má, e isso nos obriga a não responder à agressão desse trio, como fizeram Buda, Jesus Cristo, Ghandi e Luther King. Somente sociopatas culturais não aprendem que responder à agressão com agressão maior ou declarar guerra nunca foram os melhores caminhos para a humanidade adquirir auto-estima e conviver. O melhor meio de humanizar a hominização ao lado da não - agressão é procurar o auxílio da ciência ou do conhecimento. A mesma ciência que, a partir de uma pedra lascada, elaborou e gerou as armas de fogo, químicas, biológicas e nucleares. A mesma ciência que desvenda os componentes cerebrais e as novas relações entre cérebro e comportamento que aprendemos, nesses dias, é a mesma arma que poderá iniciar, neste século, a Era de Aquário. A mesma ciência que, embora continue procurando crânios e mandíbulas para descobrir a origem da hominização, é o mesmo herói que está descobrindo o ELO PERDIDO. Por incrível que pareça por tudo aquilo que ouvimos neste rancho, o ELO PERDIDO parece corresponder à porção central do nosso cérebro, representado pelas circunvoluções do Hipocampo e Gyrus cinguli que se construíram “andar por andar” e são constituintes da região límbica de onde emerge a afeição pela prole. É a partir desta área que surgem o brinqueado, muitas vezes, simulando agressão ou defesa, alegria, carícia ou agrado e prazer observados, a partir de aves e de mamíferos, como acentuou nossa colega Anamaria. Aprendemos, nesses dias, que essa área não é apenas **“uma porta que se abre para o neocórtex ou porão paleoencefálico como ensina a neurologia.” (03)**. Aprendemos que essa área intermediária já não separa o réptil do humano, mas é o anel que integra o homem ao réptil e ao mamífero, destruindo a ambiguidade do homem Pascal, o conceito de Pecado-Virtude, Bem-Mal, Princípio do Prazer-Princípio Civilizatório. Essa ciência que, cada vez mais, elucida o enigma do cérebro relacionado não só com a doença, mas também com o comportamento humano, é a alavanca que conduzirá à humanização da hominização que começou com aves e mamíferos primitivos. É, na complexidade do nosso comportamento, que se desenvolverá a grandiosidade do homem, principalmente, porque esse conhecimento nos ensina ver no nosso semelhante grandiosidade igual. É nisso que reside nossa IGUALDADE e FRATERNIDADE, eliminando a palavra LIBERDADE, porque

cada um de nós está “algemado” à responsabilidade de participar da preservação do mundo físico, biológico e social, porque, sem eles, não haverá sobrevivência da espécie humana. Eis porque, para a compreensão de uma complexibilidade extrema, é necessário um número igual de especialistas para poder elaborar e ministrar esta disciplina.

— E você acredita ser possível introduzir essas emergências cerebrais no comportamento dos seres humanos sem a ajuda de Deus? perguntou um cristão que ainda não se perdoava de estar participando das “ações” da “revolução sexual”.

Luís Carlos foi agressivo na resposta.

— É mais fácil acreditar na ajuda de um deus através da história da evolução biológica que construiu um cérebro capaz de amar (como Deus teria amado os homens) do que pela fé do cavalo que ajudou a fé de São Jorge a abater o dragão...

— Luís Carlos! Contenha seu paleoencéfalo! Respeite o cavalo, isto a aqueles que reverenciar bradou o patologista. Além disso, você esqueceu de comemorar o valor dessa disciplina para professores, e se posso sugerir alguma, coisa, seria que você solicitasse desculpas ao seu colega cristão!

— Peço desculpas ao colega, também, aos orientadores por ter omitido a importância dessa disciplina para os professores. Se possível, solicitaria ao coordenador que me permitisse comentar um pouco mais sobre depressão, relacionada aos sociopatas evolutivos. Prometo! ao terminar este último comentário vou responder à última questão formulada pelo mestre!

O Patologista I fez a concessão:

— Você tem o direito de estender os comentários sobre o assunto!

-Apesar dos escombros que os sociopatas evolutivos deixaram por onde passaram, as páginas da literatura humana e as artes que não têm qualquer compromisso com a história oficial, eternamente documentaram as relações de afeição, amizade e amor que existiram e que existem entre os homens, ou ainda, o amor que o homem demonstrou pelo mundo físico, biológico e social. Se, na história humana, sempre existiram gênios, que, num momento de depressão, suicidaram-se como Van Gogh, Santos Dumont e, possivelmente, Sócrates. Se muitos pacientes como esses gênios, despojados ou investidos de poder, doutos ou ignorantes, selvagens ou civilizados, se esses pacientes com depressão, suicidaram-se é porque jamais toleraram ser tratados por imperadores, reis, ditadores ou papas, como se fossem répteis, porque eternamente tentaram proceder como hominidas humanizados. São os hominidas que procuram conquistar a própria humanização, os mais frequentes dos seres humanos acometidos pela depressão. Oligofrênicos. ou sociopatas individuais ou culturais, que têm por objetivo a glória do vencedor, esses

paleoencefálicos jamais foram ou serão molestados por tal doença. Os deprimidos, quando lúcidos e capazes de perceberem o mundo que o cercam, não toleram que o inconsciente paleoencefálico continue apedrejado, porque sentem que esse inconsciente cerebral é aquele que preserva a vida e o prazer de viver, e também exige que as emergências do paleomamífero e neocórtex possam se manifestar nas relações humanas, porque não são répteis, mas mamíferos e humanos. Vamos repetir para não esquecer: a cultura que nós construímos agride o paleoencéfalo que a construiu, razão pela qual o Patologista muito bem concluiu: a depressão é uma doença de auto-agressão cultural, provavelmente, na maioria dos casos. Não somos nós, isoladamente, quem assim o demonstra. Através do mapeamento cerebral, podemos perceber que o paleoencefalo dos deprimidos é mais lento (05), mais “devagar” para responder aos estímulos externos.

— Não esqueça os professores! Insistiu o Patologista.

— É até louvável sua insistência, apesar dos megalomaniacos que não são poucos. Quem o conhece, observou Luís Carlos, não imagina que o senhor poderia se conduzir ou como se comportou nesta sessão. Devo confessar também que, neste ferido adão, o senhor foi tolerante, além de manter um nível razoável do comportamento dos meus colegas, o senhor foi também obsessivo em manter a disciplina para o bom andamento dos trabalhos. Em nome dos colegas, agradeço-lhe e agradeço também ao mestre Válder. Juntos, contribuíram para nos fazer acreditar que, apesar do passado histórico e da barbárie do presente, o homem poderá planejar e trabalhar para recomeçar, reconstruir aquilo que depredou no passado e que está depredando no presente, podendo transformar este planeta no Paraíso Terrestre, sonhado por todos.

Aos professores aqui presentes, poderíamos dizer que, ao contemplarem a imagem do próprio espelho, poderão perceber nossa imagem porque ambos representam o médico que pretendemos ser. Aos professores ausentes eu diria que elaborar e aplicar a disciplina que sugerimos, também contribuirá para que os professores, ao orientarem os filhos dos hominídeos, descubram e façam profilaxia dos próprios distúrbios de comportamento que, às vezes, demonstram. Aprenderão que, ao orientarem os filhos dos seres humanos, reavaliarão a complexibilidade do próprio comportamento e aprenderão que conviver com o mundo físico, biológico e social é mais atual que o primitivo de dominar a natureza e o homem. Aprenderão, como nós, que o palcoscélulo não é nem bom nem mau. Aprenderão que a afeição pela prole é um mecanismo de adaptação-seleção da mesma maneira que amizade e amor são mecanismos de adaptação-seleção para seres humanos. Docentes, discentes e funcionários da nossa escola, que optaram para, ao lado de conduzir cientificamente o diagnóstico e tratamento das doenças. Nossa escola, que aliou a esses objetivos as ações de Prevenção da Doença, a

Promoção da Saúde, através da Interdisciplinariedade, tem obrigação de alargar a fenda que abrimos nestes dias para estabelecer como disciplina a PROFTLAX1A DOS DISTÚRBIOS DO COMPORTAMENTO. Porque, nesses dias, a fenda que abrimos nos mostra que, nos limites superiores das ações do cérebro réptil, começa a afeição pela prole. Nos limites superiores da afeição mamífera, emergem amizade e amor humanos, e nos limites superiores do amor humano, emerge o amor dos deuses, se eles existirem.

Aprendi, nestes dias, que o homem não se restringe a dualidades ou a trindades. Os conceitos, neste rancho, aprendidos não estão atrelados também a qualquer ideologia política ou religiosa. São conceitos que ultrapassam a bondade cardíaca, a raiva dependente do fígado e a alegria dependente dos intestinos como queria Bichat. Particularmente, aprendi, nesses dias, que o homem não necessita de espíritos extraterrenos para desenvolver auto-esliina c amai-a si mesmo para amar o próximo, e que, ao pisar o solo do planeta, devo fazê-lo com muito cuidado para preservar o substrato físico do teatro que suporta autores, atores e platéia humanos. Aprendi, neste rancho, que somos filhos de um ponto de densidade infinita ou algo que o precedeu, porém, aprendi também que nós, seres humanos, somos uma síntese de Universo, uma síntese que avança para uma complexidade progressiva com a pretensão de acompanhar a complexidade do Universo que se expande. Aprendi, nestes dias, que não poderei desalojar dos pré-frontais a memória cultural aprendida na infância, e ainda aprendi que, além de remover os entulhos da cultura de vencer, posso ordenar esses entulhos c armar as fundações e as estacas para construir a cultura de conviver. Aprendi, nesses dias, que o amor está além de uma relação a dois, c não é uma emergência alojada na região infra-umbilical, nem na conta bancária. Aprendi também que gravata não é sinônimo da extremidade distal de equinos, bovinos ou muares, e civilização não é sinônimo de genocídio, escravidão ou predação ambiental. Neste rancho, meus colegas e orientadores contribuíram para abrir um caminho - caminho que representa apenas uma gota no oceano que virá. É apenas uma pequena centelha, porém, uma luz que todos podem vê-la porque vem do sol, e pode ser vista na luz do dia que nossos olhos contemplam. Está desenhada pela luz dos astros no manto negro da noite, na luz do despertar do dia e na luz do pôr- de- sol singular da nossa capital. E, quando a luz da lua a desenha no céu, o azul celeste profundo empalidece em sinal de reverência. Todos podem vê-la, porque está escrita na pauta do canto alegre dos pássaros, escrita nas notas para a orquestra da brisa suave que despeita o som da folhagem, e se pretendermos abandoná-la, avisa que baterá ensurdecadora nos nossos tímpanos como mendiga e nos jogará aos abutres da desesperança. É essa luz, com o dedo em riste, que aponta para a estrela do nosso céu solitário e nos mostra que os filhos dos homens ainda nascem entre répteis infantis e ensandecidos. Essa luz pode ser vista, nas úlceras do tubo digestivo ou nos cânceres cutâneos que roem o nariz, e os ossos da face dos nossos pacientes, nos humores humanos

enviados ao laboratório, nas hemácias vermelhas e ruborizadas que desenham a sensualidade dos lábios, nas hemácias anêmicas dos pacientes leucêmicos ou brilhar nas plaquetas que impedem a evasão do sangue para os tecidos, nas trabéculas ósseas e nas fibras helicoidais do osso compacto, na dor lancinante no enfarte do miocárdio, nas cólicas hepáticas ou renais ou na face de terror dos pacientes com edema agudo dos pulmões, no suicídio dos deprimidos que perderam os olhos para a cor, tem anosmia porque já não percebem o perfume de mulher, referindo uma dor sem limites, sem causa aparente e que ninguém sabe em que lugar do corpo se aloja, porque o deprimido refere a dor que mutila e dilacera o cerne da vida, como são dilacerados os ratos surpreendidos no seio de uma família da qual não pertencem. Essa luz a vemos no fundo de olho que nos traz o oftalmoscópio, na retina dos nossos pacientes, e a vemos também através da nossa retina que conduz essa luz pela fita ótica fazendo um nó apertando nosso coração, que se contrai para transportá-la com o sangue pela malha vascular, escrevendo, em cada capilar, que afeição, amizade e amor, com ajuda do paleocérebro, nossa humanização de certeza, haveremos de conquistar...

Ao pronunciar o verbo conquistar, os olhos de Luís Carlos surpreenderam, pela primeira vez na vida, os joelhos de Anamaria levemente afastados e descobertos pela saia. Desviou inconscientemente o olhar para não pecar outra vez por má intenção. Mas o inconsciente tão profundo como o inconsciente da bactéria primitiva lhe segredou que era sábado santo. Jesus Cristo enterrado e S. Jerônimo nocauteado.

O eterno tentador sussurrou-lhe no ouvido esquerdo:

— Você não percebeu nada?

Mas o jovem não respondeu. Permanecia como se fosse uma estátua. Os estudantes, que tudo presenciavam, suspenderam a respiração, e os professores aparvalhados pareciam anencefálicos. Apenas Anamaria levantou decidida, dominando a cena:

— A brincadeira terminou!!! e você vai ser pai dos meus filhos...

Emprestando o olhar das águias, fuzilou as últimas resistências do infante. Ignorando deuses e demônios, desprezou os ensinamentos da experiência da mãe. Despiu-se, despiu Luís Carlos que estava congelado para desespero do capeta que, enlouquecido, gritou nos ouvidos do estudante:

— Depois de tanto trabalho, você se comporta como incompetente. Você não sabe que o maior fornecedor dos infernos é a raça humana e que, por sua causa, posso ser trancafiado no quinto dos infernos?

Felizmente, para o capeta, Luís Carlos não resistiu ao esforço “*sobredemoniano*”, do serviçal de Lúcifer que, aliado às intenções de uma fêmea mamífera, que nua e dependurada pelo pescoço, conseguiu apertar o

botão que desperta o réptil. Nem os estudantes, nem os professores até hoje descobriram como aquela múmia gelada despertou incendiada e perdeu o freio de animal na primeira investida contra o estorvo himenal que Anamaria já não suportava... Abraçados com o desespero de quem vê a morte, perderam-se no azul do planeta, coroados pelo arco-íris e, por incrível que pareça, abençoados pela alma de Jesus Cristo que estava no céu ...

O grito dos estudantes que aplaudiam freneticamente eram ouvidos de muito longe... O professor de patologia não sabia como encerrar os trabalhos, e o mestre Válter sozinho girava a cuia com os dedos sem dizer palavra...

Mas, os estudantes são inconsequentes como o faz-de-conta do brinquedo das aves e dos mamíferos que simulam luta, defesa, acasalamento, agressão ou defesa e revelam alegria, ao mesmo tempo em que se acariciam com emoção e ternura...

Ao sentir o frio da relva, naquele leito macio e molhado, o cérebro deste estudante se dividiu em quatro segmentos: o neocórtex que amava, permaneceu entre os seios da primeira namorada. O segundo de onde emerge a amizade, nadava nas águas da fonte de D. Pedrito (RS). A terceira porção servia o chimairão para uma roda de fandango, com a afeição da cuia e da bomba de chimairão da praça de PF (RS) e o quarto pedaço, o primitivo, estava sentado no altar da Igreja de Pedra de NB.

Quando se surpreendeu que estava nu e tentou desesperadamente cobrir as vergonhas de Adão e Eva... Luís Carlos que sonhava... acordou!

Eram seis horas da manhã. Estava deitado na cama e fora chamado para fazer uma necropsia no hospital universitário. Olhando para o calendário, descobriu que era sexta-feira, 13 de agosto. Chovia e a cama molhada por uma goteira do teto do quarto onde dormia... estava com baba no queixo... havia ejaculado e urinado na cama...

Enquanto lamentava naquele estado ter acordado, juntou do chão a frustração do despeitar. Enrolou-a com as páginas dos livros de História que eternamente louvaram a cultura do vencedor. Fez com os dois um embrulho e depositando-os no vaso, puxou a descarga... prometendo que, ao receber o diploma de médico, sonharia outra vez...

Acreditava não ter nascido em vão, como todos os astros e seres vivos que nascem, vivem e morrem... para ressuscitar e viver... outra vez., na cultura de conviver e amar...

PORQUE OS SONHOS DE AMOR NÃO SÃO SÓLIDOS, NÃO DESMANCHAM NO AR...

VII. EPÍLOGO

Após a necropsia, o estudante encontrou o orientador de Patologia de “mala e cuia”, saindo da reitoria da UnB:

— Vai pescar?

— Não. Volto para o RS...

— Fazer o quê?

— Esperar morrer, tomando chimarrão, comendo churrasco e trabalhando o suficiente para não morrer de fome.

— E a UnB?

— Não mais preenche minhas necessidades espirituais. A cúpula vai eliminar a Medicina Preventiva, a Promoção da Saúde, a Medicina de Comunidade e a Interdisciplinaridade.

— Só?

— Não! Vão fazer um hospital universitário para especialistas e repassar a pesquisa que se faz na Pátria-mãe atendendo as elites da capital.

— Mas a Nação brasileira precisa...

— Eu sei! Não querem que contratemos ex-alunos para acabar com a ideologia da nossa escola. Sinto-me como um pai sem filhos, ou como pai que lhe mataram os filhos...

— Mas a Nação brasileira... insistiu Laiís Carlos.

— O país será uma república “timocrática” com subservientes que entregarão aos estrangeiros nosso patrimônio nacional. A mídia convencerá a Nação de que a Economia salvará o país. Minha tristeza é que vou morrer pensando que poderão me transformar num idiota igual...

— Igual? Perguntou o estudante.

— Sim! Por muitos anos, os brasileiros, menos eu, vão aceitar ser governados por líderes desprovidos de identidade nacional e afeição pelo país, ignorando que o conhecimento é um instrumento fundamental para transformar essa nação subdesenvolvida numa nação independente. Transformarão os pesquisadores em indivíduos que devem permanecer como maltrapilhos e esmoleiros. Tentarão impedir a todos os brasileiros que jamais existiu independência econômica sem independência de pesquisa e tecnologia, capazes de construir um contingente de força semelhante ao dos países que nos ameaçam ou exploram nossas riquezas e pretendem anexar parcela do nosso território, com o pretexto de proteger a Amazônia e há “entupidos”

que me dizem: “se estou bem não me interessa os destinos do país...”

— Mas o senhor não defende a humanização, para além do conhecimento que instrumentaliza a agressão ultrapassando os répteis?

— Sim! Mas aqui na UnB já não é o melhor lugar para a semente germinar...

Sem despedida, cada qual seguiu o próprio caminho porque entre eles havia ideais comuns... Sabiam que numa Universidade, onde se perpetua a cultura de vencer e não se percebe nos pilares de sustentação, o trabalho inovador da juventude, cristaliza na mediocridade ...

VIII. BIBLIOGRAFIA

1. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2001
2. ASIMOV, Isaac. *Cronologia das Ciências e das descobertas*. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1993.
3. BEVILACQUA. *Fisiologia clínica*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1998.
4. BÍBLIA. Edição Barsa 1993.
5. CARTER, Rita. *O livro de ouro da mente: o funcionamento e os mistérios do cérebro humano*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
6. CÍCERO. *Saber Envelhecer, seguido de Amizade*. São Paulo: L&PM, 1997.
7. DAMASIO, Antônio R. *O erro de Descartes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
8. ESOPO. *Fábulas*. São Paulo: L&PM, 1997.
9. GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 1989.
10. GUIMARÃES, Ruth. *Dicionário de Mitologia Grega*. São Paulo: Cultrix, 1995.
11. GUYTON e HALL, Arthur C. e John E. *Tratado de Fisiologia Médica*. ed: Guanabara Koogan. Rio de Janeiro. 1997.
12. HAWKING, Stephen W. *Uma breve História do Tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
13. HAWKING, Stephen W. *O universo numa casca de noz*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
14. HOMERO. *Odisséia*. 12ed. São Paulo: Cultrix, 2002
15. HOUAISS, Instituto Antônio. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
16. KLEIBER, J. *Física de*. Editora Globo, 1959.
17. KOLB, Whishouw, Benjamin e Ian Q. *Neurociência do comportamento* ed: Manoele limitada. Av. Ceei Boeri. São Paulo.
18. LEILA, Ronald Barthes.
19. LORENZ, Konrad. *Os princípios básicos da Ethologia*. São Paulo: Brasiliense 1991.
20. LORENZ, Konrad. *Agressão*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
21. MACHIAVELLI. *O Príncipe*. Rio de Janeiro: Ediouro.
22. MALINOVSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*, ed. Abril Cultural, 1978.
23. MARCUSE, Herbert. *Eros e a civilização, unia interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: LTC/S. S.A 1966.
24. MORIM, Edgar. *O paradigma perdido- a natureza humana*. Publicações Europa-América. Ltda. 1973.
25. MORIN, Edgar. *O Método I a natureza da natureza*, ed: Europa-América. Portugal: Europa-América Men Martins Codex
26. MORIM, Edgar. *O Método II a vida da vida*. Portugal: Mira Sintra, 1980.
27. MORIN, Edgar. *O Método III - O conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 1999.
28. MORIM, Edgar. *O Método IV- A humanidade da humanidade a identidade e a identidade humana*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

29. MORIM, Edgar. *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
30. PAPEZ, J. W. (1937). *A proposed mechanism of emotion*. *Neurology and Psychiatry*, 38,724-744
31. PERRY, Marvin. 28. *Civilização Ocidental, uma História concisa*. São Paulo: Martins Fontes LTDA. 1985.
32. PLATÃO. *Diálogo - Fédon*. 2 ed. Os pensadores. São Paulo: Abril cultural, 1972.
33. REBECA, *Carlota de Angelis*. *Fome Oculta*. Atheteneu,1999.
34. RIBEIRO, Darcy. *O processo civilizatório, etapas da evolução sócio-cultural*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1987.
35. RIBEIRO, Darcy. *Aos Trancos e barrancos: como o Brasil deu no que deu*. Rio de Janeiro: Guanabara S. A, 1985.
36. SAGAN, *Carl*. *Cosmos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1989.
37. SCIACCA, Michele Frederico. *História da Filosofia*. São Paulo: Mestre You, 1962.
38. STORER, Usinger. *Zoologia Geral*. São Paulo: Nacional, 1991.
39. TALLAFERRO, A. *Curso básico de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
40. VIANNA, Gonçalves. *Anatomia e Physiologia Patológicas*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1934.
41. WRIGHT, Robert. *O animal moral, por que somos como somos: a nova ciência da psicologia evolucionista*. Rio de Janeiro: Campus, 1996.



[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Aventino Alfredo Agostini, Médico Patologista, professor na Faculdade de Ciências da Saúde, da Universidade de Brasília (DF), Membro da Academia Passo Fundense de Medicina, Escritor, autor dos livros O Cálice de Sophia de 1994; Para além dos Répteis de 2004 e O pecado da omissão e Direitos da primeira infância de 2014.

Este trabalho, é, acima de tudo, uma homenagem aos estudantes da Faculdade de Ciências da Saúde, da Universidade de Brasília (UnB), da década de 70 que acreditavam na Interdisciplinaridade, na Prevenção da Doença, na Promoção da Saúde e na Medicina de Comunidade. Estão incluídos também aqueles que não aceitavam essa orientação. Para todos Jesus Cristo não teria necessidade de dizer: “Os tégidos eu os cuspirei da minha boca...”

